

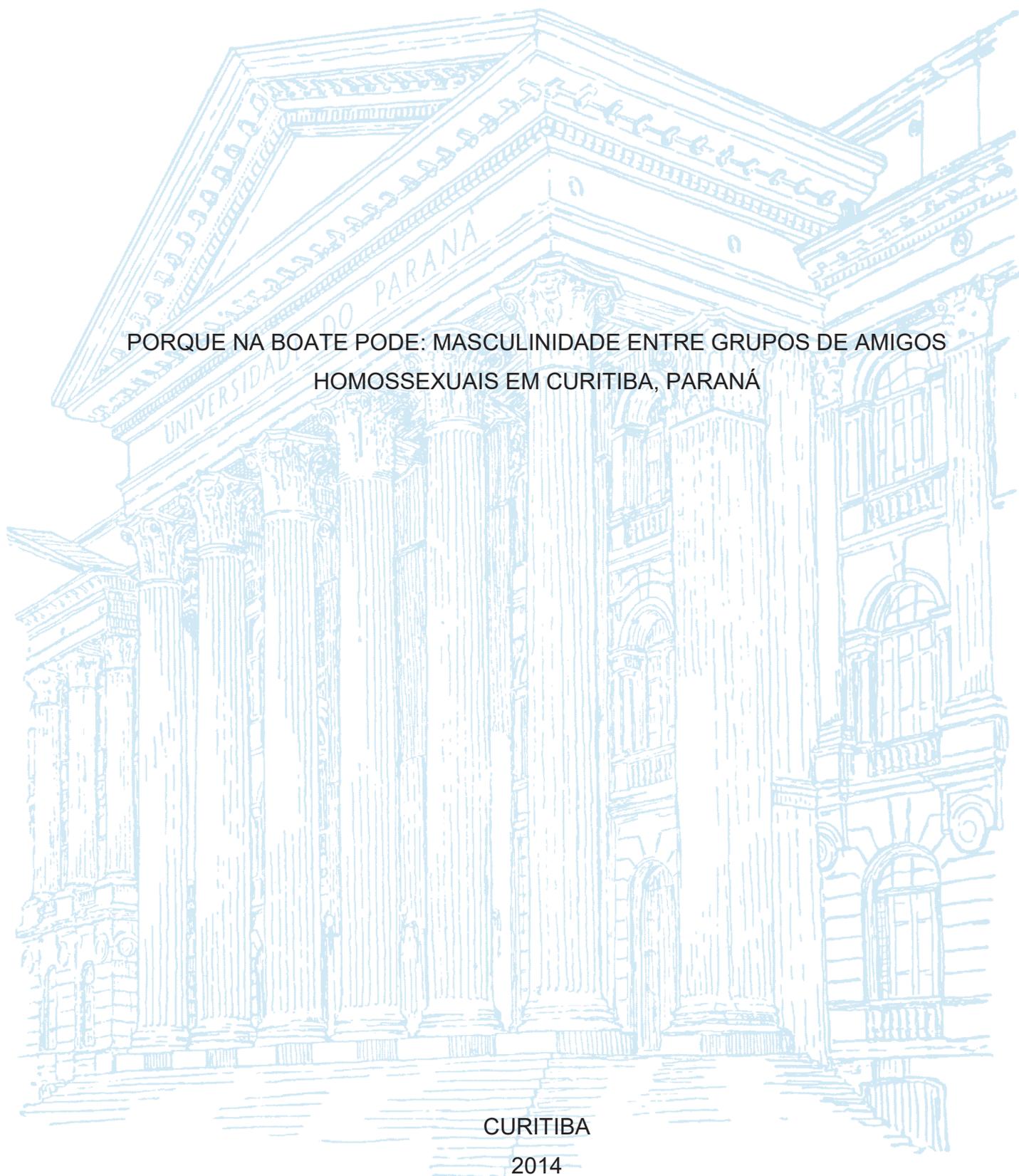
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALEXANDRE AMBIEL BARROS GIL DUARTE

PORQUE NA BOATE PODE: MASCULINIDADE ENTRE GRUPOS DE AMIGOS  
HOMOSSEXUAIS EM CURITIBA, PARANÁ

CURITIBA

2014



ALEXANDRE AMBIEL BARROS GIL DUARTE

PORQUE NA BOATE PODE: MASCULINIDADE ENTRE GRUPOS DE AMIGOS  
HOMOSSEXUAIS EM CURITIBA, PARANÁ

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Antropologia, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Jacqueline Stoll

Coorientadora: Profa. Dra. Martina Ahlert

CURITIBA

2014

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Duarte, Alexandre Ambiel Barros Gil Duarte

Porque na boate pode: masculinidade entre grupos de amigos homossexuais em Curitiba, Paraná / Alexandre Ambiel Barros Gil Duarte. – Curitiba, 2014.  
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Jacqueline Stoll.  
Coorientadora: Profa. Dra. Martina Ahlert.

1. Boates gays. 2. Homossexualidade. 3. Masculinidade.  
I. Stoll, Sandra Jacqueline. II. Ahlert, Martina. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. IV. Título.

Bibliotecária: Romilda Aparecida dos Santos CRB-9/1214



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
RUA GENERAL CARNEIRO, 460 / 6º ANDAR  
CEP 80060-150 - CURITIBA- PR  
Telefone (41) 3360-5272 Fax (41) 3360-5316

### PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná (PPGA) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **Alexandre Ambiel Barros Gil Duarte**, intitulada: "*Porque na boate pode: Masculinidade entre grupos de amigos homossexuais em Curitiba, Paraná*" após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em Antropologia**.

Considerações adicionais da Banca Examinadora:

A BANCA DESTACA A QUALIDADE DO MATERIAL ETNOGRÁFICO  
APRESENTADO E SUGERE A CONTINUIDADE DA REFLEXÃO  
SOBRE A TEMÁTICA.

Curitiba, 28 de novembro de 2014.

Profª. Dra. Sandra Jacqueline Stoll  
Presidente da Banca Examinadora

Profª. Dra. Miriam Adelman (DECISO-UFPR)  
1º Examinadora

Profª. Dra. Ciméa Barbato Bevilaqua (PPGA/UFPR)  
2º Examinador

**Aos meus pais Antônio e Mafalda  
e aos meus irmãos Francisco,  
Douglas, Caroline e Isabelle.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha orientadora, Sandra Stoll, pela generosidade em compartilhar sua experiência e conhecimento comigo mesmo fugindo da temática que lhe é familiar na antropologia. Agradeço pelas leituras atentas, pela disponibilidade, pelo incentivo e por ter me guiado com paciência em diversos momentos dessa trajetória.

À minha coorientadora, Martina Ahlert, que desde a banca de qualificação se dispôs a compartilhar comigo as inquietudes do campo e contribuiu de forma decisiva para o andamento do trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPR, em especial à professora Ciméa Bevilaqua por suas valorosas considerações na banca de qualificação e por ter se disposto a contribuir na banca de defesa.

À professora Mirian Adelman, por ter ministrado a disciplina sobre Teoria Feminista em 2013 e por ter aceitado contribuir na banca de defesa.

Agradeço aos meus colegas do mestrado 2012 no PPGAS da Federal do Paraná pelos aprendizados que tivemos nesse período.

À Franziska, grande amiga para todas as horas. Guardo por você um amor gigantesco.

À Elodie e Fernanda, mulheres incríveis que marcaram profundamente o processo de escrita deste trabalho. Vocês moram no meu coração.

À todos aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa. Pelos momentos incríveis que passamos juntos nas baladas, pelas alegrias e pelas frustrações da vida. Em especial aquela que chamo de Brigitte. Obrigado por tudo.

À minha família, que são as pessoas a quem dedico esse trabalho. Em especial aos meus pais Mafalda e Antônio e aos meus queridos irmãos Francisco, Douglas, Caroline e Isabelle. Agradeço por terem escolhido o amor e me acolhido quando me assumi gay. Vocês são fundamentais na minha vida.

Um grande beijo a todos.

## RESUMO

Essa dissertação de mestrado é o resultado de uma etnografia sobre o lazer noturno em boates frequentadas pelo público homossexual, conhecidas popularmente como baladas gays. O trabalho de campo foi realizado em Curitiba-PR, que é a principal referência desse tipo de diversão para um público que abrange a região metropolitana da cidade, com mais de três milhões de habitantes, segundo o censo de 2010. O principal objeto de estudo dessa pesquisa são as representações sociais da homossexualidade e o objetivo é de dar mais profundidade ao tema. O estudo está centrado na visão de mundo dos grupos frequentadores e na classificação das pessoas e dos lugares em relação com as categorias da sexualidade, em especial da masculinidade. Como veremos, essa classificação é complexa, está em constante atualização e põe em evidência a diversidade dos significados sobre “ser gay”. Além disso, o trabalho está focado nas narrativas de distinção entre homossexuais que estão pautadas, dentre outras, pelas normas de comportamento masculino.

Palavras-chave: Boates gays 1. Homossexualidade 2. Masculinidade 3. Performance de gênero 4. Balada 5.

## **ABSTRACT**

This master's dissertation is the result of an ethnography about the nocturnal leisure in nightclubs frequented by the homosexual public, popularly known as gay clubs. The field work was carried out in Curitiba-PR, which is the main reference for this type of entertainment for an audience that covers the metropolitan region of the city, with more than three million inhabitants, according to the 2010 census. The main object of study from this research are the social representations of homosexuality and the objective is to give more depth to the theme. The study is centered on the worldview of the groups that attend and on the classification of people and places in relation to the categories of sexuality, especially masculinity. As we will see, this classification is complex, constantly updated and highlights the diversity of meanings about "being gay". In addition, the work will be focused on the narratives of distinction between homosexuals that are guided, among others, by the norms of male behavior.

Keywords: Gay clubs 1. Homosexuality 2. Masculinity 3. Gender performance 4. Balada 5.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – AS <i>DRAGS</i> E A ENTRADA DA <i>CATS</i> .....	62
IMAGEM 2 – FACHADA DA <i>CATS</i> .....	63
IMAGEM 3 – LOGOTIPO, BÔNUS E <i>PROMOTER</i> DA <i>CATS</i> .....	64
IMAGEM 4 – PERFORMANCES DE ABERTURA DA PISTA SUPERIOR DA <i>CATS</i> .....	65
IMAGEM 5 – LOGOTIPO E PROPAGANDA DA <i>SIDE</i> .....	69
IMAGEM 6 – PÚBLICO E FACHADA DA <i>SIDE</i> .....	70
IMAGEM 7 – FACHADA E FILA DO <i>JAMES</i> .....	72
IMAGEM 8 – FACHADA DO <i>LUCCI</i> .....	91
IMAGEM 9 – AMBIENTE INTERNO DO <i>LUCCI</i> .....	92
IMAGEM 10 – FACHADA DO <i>VU</i> DE DIA E DE NOITE .....	93
IMAGEM 11 – FOTOS DA MODELO TWIGGY E A ESCADA DE ACESSO À PISTA DE DANÇA DO <i>VU</i> .....	94
IMAGEM 12 – PISTA DE DANÇA E PÚBLICO DO <i>VU</i> .....	95
IMAGEM 13 – FLYERS DE DIVULGAÇÃO DO <i>LUCCI</i> .....	97

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – BOATES DE CURITIBA .....	38
MAPA 2 – ARREDORES DA CATS .....	41

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AIDS	- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
DJ	- <i>Disc Jockey</i>
DP	- Dupla Penetração
GLS	- Gays, Lésbicas e Simpatizantes
HIV	- Vírus da Imunodeficiência Humana
IST	- Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBT	- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
LSD	- Dietilamida do Ácido Lisérgico
PR	- Paraná
PUCPR	- Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SPM	- Só Para Maiores
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
VU	- <i>Velvet Underground</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>122</b>
CHEGANDO, ESTANDO E SAINDO DE UMA BALADA CURITIBANA.....	14
<b>1 HOMOSSEXUALIDADE MASCULINIDADE E LAZER GAY CURITIBANO</b> .....	<b>19</b>
1.1 ENCAMINHAMENTO TEÓRICO.....	19
1.2 METODOLOGIAS EM CAMPO.....	27
1.3 AS BALADAS.....	33
1.4 AS FONTES PESQUISADAS E O LAZER GAY CURITIBANO.....	37
1.5 AS DIFERENCIAÇÕES DA BOATE.....	41
<b>2 O GRUPO DE AMIGOS DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS</b> .....	<b>51</b>
2.1 O ENCONTRO COM A TURMA.....	51
2.2 A EXPERIÊNCIA <i>CATS</i> .....	59
2.3 O <i>SIDE CAFFE</i> .....	68
2.4 DO <i>BAR JAMES</i> E DE VOLTA AO <i>SIDE</i> .....	71
2.5 NA CASA DA BRIGITTE E O GRUPO EXPANDIDO.....	73
<b>3 O GRUPO DE AMIGOS DO <i>CAFEZINHO XY</i></b> .....	<b>81</b>
3.1 ENCONTROS <i>ONLINE</i> E <i>OFFLINE</i> .....	81
3.2 DOS ENCONTROS VIRTUAIS PARA OS CÍRCULOS DE AMIZADE.....	84
3.3 NAS BALADAS COM O <i>CAFEZINHO</i> .....	90
3.4 A <i>POPZERA</i> .....	96
3.5 A INTERAÇÃO NO <i>FACEBOOK</i> E OS CONFLITOS <i>ONLINE</i> .....	100
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>118</b>
<b>ANEXO 1 – PEDIDO DE USO DAS POSTAGENS DO <i>CAFEZINHO</i> NO</b> <b><i>FACEBOOK</i></b> .....	<b>122</b>
<b>ANEXO 2 – ENQUETE PARA USO DAS POSTAGENS DO <i>CAFEZINHO</i> NO</b> <b><i>FACEBOOK</i></b> .....	<b>125</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é buscar ampliar o conhecimento de que dispomos acerca das representações sociais da homossexualidade. O estudo tem como ponto de partida as boates gays de Curitiba, capital do Paraná, e está focado na visão de mundo dos grupos frequentadores. Esses locais reúnem um público muito diverso, mas que tem em comum a curtição desses ambientes em que ser homossexual não é um problema. Portanto, contrastam com o preconceito sofrido por gays, lésbicas e bissexuais em outros contextos da vida social, dos espaços públicos às relações familiares. Dessa forma, o estudo vai colocar em perspectiva, por um lado, o reconhecimento da noção de que ser gay é algo de descrédito na sociedade. Por outro, a identificação das pessoas como homossexuais e a capacidade delas de transformar o sentido negativo anterior. Uma das questões que pretendo trazer para esse trabalho é que o universo homossexual em questão está muito longe de ser homogêneo. Como pretendo demonstrar, a homossexualidade não cria uma identificação imediata entre as pessoas e a pesquisa aponta, inclusive, para fortes características de distinção social. Por isso, para investigar esse campo de estudos, a intenção é conhecer o ponto de vista dessas pessoas e fazer as reflexões a partir dos posicionamentos delas.

Minha relação com o tema é reveladora do desenvolvimento da pesquisa. Primeiro porque me considero homossexual e sempre me interessei por conhecer espaços abertamente gays. Em segundo lugar porque passei minha juventude numa pequena cidade do interior do estado de São Paulo chamada Timburi, na divisa com o Paraná. O município possui por volta de três mil habitantes e, portanto, está muito distante da vida gay celebrada em bares e boates das grandes metrópoles do país. Eu só ouvia falar desses locais em filmes ou matérias jornalísticas e desde essa época me chamava a atenção saber que existem lugares em que ser homossexual é algo a ser celebrado. Até que depois de concluir o Ensino Médio, eu me mudei para Londrina, no interior norte do Paraná, para cursar a faculdade de Ciências Sociais na Universidade Estadual da cidade. Lá eu tive a oportunidade de sair pela primeira vez para uma boate gay, a *Friends*. O estabelecimento era muito conhecido, chamado de “a melhor boate gay da região Sul do país” por uns e por outros era parte de falas preconceituosas e piadas homofóbicas. Eu acabei ignorando essa última opinião e quando passei a frequentar o espaço tive experiências muito

marcantes. Tudo era uma novidade pra mim. A aparência dos rapazes afeminados, das moças masculinas, até o estilo daqueles mais andrógenos, sem uma prevalência binária definida. A música eletrônica frenética que vai se tornando familiar aos ouvidos. O primeiro show de *drag queen*, uma performance da artista Stripperella, que me deixou bastante impressionado. Em algumas noites haviam *gogo boys* e *gogo girls*, dançarinos sensuais com corpos malhados que vestiam somente cuecas ou biquines no meio da festa. Havia também, óbvio, a paquera gay liberada para os interessados e foi a primeira vez que vi tantos beijos homoeróticos ao mesmo tempo. Lembro até mesmo do frio na barriga ao entrar no local, mistura de receio, surpresa e curiosidade. A ida ao estabelecimento só aconteceu depois de refletir muito sobre minha própria sexualidade, me permitindo aos poucos experimentar algo diferente do que eu conhecia até então. E de fato, considero que essas experiências foram um passo importante no meu processo de identificação como homem gay e imagino eu que isso não deva ser uma exclusividade da minha trajetória de vida. Por tudo isso, passei a entender as boates gays como lugares em que as coisas podem acontecer e foi isso que me orientou na hora de decidir o título deste trabalho, “porque na boate pode”.

Após minha formação como cientista social, decidi que daria sequência aos estudos pesquisando a experiência de frequentar as boates gays. A opção era pelo viés da antropologia, interessado eu estava no método etnográfico que havia estudado, especialmente a chamada antropologia urbana. Já em uma cidade como Curitiba, que apresenta um rol de boates mais amplo que Londrina, eu poderia conhecer um novo campo de pesquisa. Ao chegar à cidade, passei a buscar todas as informações sobre a noite gay disponível na internet e passei a aproveitar qualquer oportunidade que eu tinha de sair para alguma boate da cidade. Logo eu percebi que o mais interessante para a pesquisa era conhecer os frequentadores, para entender o ponto de vista deles na experiência das baladas. Portanto, se tornou um dos critérios para seleção das pessoas que fizeram parte da pesquisa a curtição da noite gay. Pela dinâmica acelerada dessas festas que chamarei nesse trabalho de baladas, optei por incluir nessa introdução o relato da minha primeira saída a campo em Curitiba. Ainda que os objetivos da pesquisa não estivessem evidentes até aquele momento, já era possível identificar experiências marcantes de diversão, bem como obter informações que me ajudassem a entender o panorama geral das boates gays da cidade.

## CHEGANDO, ESTANDO E SAINDO DE UMA BOATE CURITIBANA

A minha primeira noite numa balada em Curitiba foi em abril de 2012. Eu aproveitei a primeira oportunidade de sair com duas recentes amigas que dividiam comigo meu novo endereço. Nós recebemos uma terceira amiga que passou em nossa casa antes de sair com a gente. Segui o conselho delas em ir confortável: tênis, calça jeans e uma camiseta nova estampada. O destino da noite foi o *Bar James*, escolhido por elas pela popularidade em alta. A boate fica no bairro Batel, área nobre de Curitiba que concentra uma intensa vida noturna com bares, restaurantes e boates. Chegamos por volta das 23h para a tradicional *Quarta Rock*, a festa semanal do *James*. A fachada branca e o letreiro verde seguido pelo logotipo da cerveja *Heineken* indicam o local. Passamos antes na loja de conveniências do posto de combustível ao lado da boate para comprar cerveja e começar um “esquenta<sup>1</sup>” enquanto esperávamos na fila. Lá as bebidas são mais baratas que na boate. Tudo foi consumido rápido, pois não é permitido entrar com copos ou garrafas no estabelecimento.

Logo na entrada nos deparamos com a *hostess*<sup>2</sup> da casa que usava uma roupa que lembrava o estilo da cantora Amy Winehouse. No caixa a atendente digitou meus dados no computador e me perguntou: “primeira vez no *James*, Alexandre?” Respondi que sim. Ela anotou meu número de celular e me deu um cartão de papel para o registro do consumo a ser pago na saída. Em seguida passei pela revista com o segurança, minhas amigas não. Dentro da casa o som tocava alto. A boate estava movimentada e a maioria das pessoas segurava um copo de bebida na mão. Pude notar que o ritmo predominante da *quarta rock* era o *indie rock*<sup>3</sup> e o *pop music*<sup>4</sup>, e não o *rock clássico* atual, de décadas passadas ou estilos

---

<sup>1</sup> O esquenta é um tipo de antecipação da festa que acontece no encontro de uma turma para tomar bebidas alcoólicas antes do evento combinado. O termo está com aspas porque geralmente o esquenta começa na casa de alguém e nesse caso ele acontecia de forma improvisada na fila do estabelecimento.

<sup>2</sup> *Hostess* é o nome dado ao funcionário que auxilia a entrada da boate, um tipo de recepcionista do evento.

<sup>3</sup> *Indie rock* é um som feito por bandas com vocal, guitarra, baixo e bateria e de forma independente, também chamado de rock alternativo por não fazer parte do *mainstream* da indústria musical internacional. A maioria das bandas canta em língua inglesa.

<sup>4</sup> *Pop music* é a música popular estrangeira de cunho comercial muito envolvida na publicidade midiática. Além de bandas, inclui cantores, cantoras e grupos musicais no seu rol de artistas e

mais pesados, como *hardcore*<sup>5</sup>. Parte do público estava atualizada com as músicas e cantava as letras com perfeição. Na pista, as luzes coloridas e piscantes dos holofotes faziam o ambiente brilhar, sempre em movimento e combinando com a empolgação do público. Nesse espaço havia ainda um tipo de camarote separado por barras de ferro que ficava três degraus acima da pista. Nesse dia a entrada estava liberada e ficamos por lá. No início da madrugada o *James* parecia lotado, sendo difícil caminhar pela boate sem esbarrar com os frequentadores.

Na maior parte do tempo ficamos os quatro juntos, compartilhamos bebidas, conversávamos e curtíamos a pista de dança. Por vezes a gente circulava pela boate e conferia o movimento da casa. Entre os frequentadores havia mais homens, mas a diferença não era desproporcional em relação às mulheres. A maioria do público era branca e, assim como minhas amigas, era comum ver mulheres de cabelos lisos e compridos. Já os homens usam cabelo curto e só consegui ver um deles com cabelos compridos. Pela boate havia casais homossexuais e heterossexuais e uma amiga me reforçou essa questão afirmando que “no *James* se encontra de tudo”. Em geral, havia um clima de paquera pela balada e beijos aconteciam pela festa. Andando pela boate ficamos por um tempo na área de fumantes e tivemos a oportunidade de conversar com uma turma de amigos nesse local. Eram quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, e comentamos sobre o próprio *James*, do movimento na casa e das músicas tocadas. Sobre a boate, só ouvi elogios como “ambiente sofisticado” e de “excelente estrutura”. Logo depois, o tema da conversa se tornou muito conveniente pra mim, pois eles começaram a fazer comparações com outros locais de Curitiba. Nesse momento, o que mais me chamou atenção foi uma comparação negativa com a boate *Cats Club*, que eu já tinha identificado em uma inicial pesquisa pela internet. Um rapaz usou termos depreciativos sobre o local e outro fazia piadas sobre os frequentadores. Eram falas com forte grau de distinção e ditas com muita normalidade, como num discurso que é por vezes repetido. O curioso é que eles admitiram nunca ter estado na balada. Aliás, sugerir isso seria um tipo de piada dentro da narrativa deles. Neste momento, percebi uma semelhança com a difamação que eu ouvia sobre a boate *Friends*, de

---

muitas dessas personalidades têm a vida pessoal comentada em canais de fofocas. Dentro da categoria *pop* há uma vertente de cantoras que são ídolas de muitos homens gays, do passado à atualidade. Como veremos, esse estilo musical é muito popular entre um grupo de amigos que fez parte da pesquisa.

<sup>5</sup> *Hardcore* é um ritmo de *rock* com influências do *punk*, com batidas mais rápidas com guitarras e baterias. É considerado um som mais “pesado” que os demais.

Londrina. Logo, passei a reparar no fato do *James* ser bastante diferente da boate londrinense que eu já conhecia. Em geral, ele realmente parecia “menos gay”. Sobre isso, eu reparava na ausência da figura exótica das *drag queens* e erótica dos *gogo boys* e *gogo girls*. Também não havia palco de apresentações e as atrações da noite eram somente os *Disc Jockeys* (DJs) que comandam o som. Outro motivo marcante é que a aparência dos frequentadores combinava com a expressão de gênero tradicional de homens masculinos e mulheres femininas, ainda que houvesse algumas exceções como rapazes e moças com uma aparência mais andrógina. Portanto, já nesse momento, imaginei que a *Cats* pudesse sofrer as mesmas discriminações que eu ouvia sobre a *Friends*, considerando inclusive a própria homofobia, mesmo vindo de frequentadores de outras boates gays. Isso colocou imediatamente a *Cats* no meu roteiro de pesquisa e se tornou um dos objetivos deste trabalho entender o que tanto está envolvido na difamação do estabelecimento.

O *James* fica aberto até às cinco da manhã, mas saímos de lá pouco depois das quatro horas, porque a pista já vinha esvaziando. Já com um clima de fim de festa, as pessoas que ficam até o final podem ser vistas como “guerreiros” que aproveitam todos os momentos da noite ou “derrotados” que tiveram problemas com álcool. Ainda há aqueles que aproveitam os minutos finais para encontrar algum parceiro ou parceira, são os últimos momentos pra isso. Ao final da festa gastamos por volta de 70 reais cada e passamos depois na Praça da Espanha, na quadra atrás do estabelecimento. Lá fica uma conhecida barraca de cachorros quentes que recebia muitos frequentadores do *James* nesse horário, por vezes até o dia amanhecer. Na volta, fomos todos de táxi pra casa e encerramos a noite com o dia clareando, por volta das 6 da manhã. Chegamos cansados, pois a balada exige disposição já que passamos a maior parte da noite em pé, andando e dançando. No dia seguinte tomamos um café lembrando os episódios mais marcantes da festa. Contávamos nossas impressões e comentários. Foi interessante perceber que essa experiência me aproximou das minhas amigas, de forma a criar com elas uma memória afetiva. Entretanto, pude registrar para a pesquisa somente mais uma noite na companhia delas, alguns meses depois, novamente no *James*. Elas me disseram que antigamente, se referindo ao ano anterior, costumavam sair mais e que agora preferem encontros em bares ou na casa de amigos.

\*\*\*

Por fim, antes de terminar essa introdução, cabe uma explicação sobre a divisão dos capítulos deste trabalho. O primeiro deles vai trazer o debate teórico que me possibilitou elaborar um ponto de partida sobre as construções históricas da homossexualidade. É uma breve apresentação de uma pequena parte da literatura sobre o tema. Vou destacar que os modelos de representação social identificados pelas teorias estudadas apontam para a diversidade de interpretações acerca da temática gay. Será também um capítulo para falar da metodologia de pesquisa que aconteceu com os frequentadores das baladas. Além disso, consta nesse capítulo uma visão geral do trabalho etnográfico realizado nas boates de Curitiba e da interação que desenvolvi com os participantes da pesquisa. Também vão aparecer nessa parte algumas das interpretações gerais desses estabelecimentos, assim como as distinções atribuídas a eles.

A partir do segundo capítulo, o trabalho se torna uma descrição etnográfica, com a apresentação mais detalhada do trabalho de campo com duas turmas de amigos gays e baladeiros. O primeiro é um grupo de amigos que fiz contato durante uma saída de campo. Vou chamá-los de amigos de São José dos Pinhais, pois são moradores dessa cidade da região metropolitana de Curitiba e possuem uma frequência regular nas baladas da capital do Paraná. Estará em foco a interpretação deles sobre a própria sexualidade e sobre os locais que frequentam. Os juízos de valor sobre os comportamentos que possuem e das outras pessoas, bem como os vínculos estabelecidos em seu círculo de amigos mais próximos e as dinâmicas de diversão nas boates. Já no terceiro capítulo a pesquisa vai trazer minha relação como pesquisador do segundo grupo de amigos. Esses são universitários da UFPR que iniciaram uma aproximação através de uma rede social muito popular chamada *Facebook*. Vou destacar nessa turma as mesmas observações que me propus com o grupo anterior, ou seja, os laços de afinidade, a diversão nas baladas e os valores atribuídos à homossexualidade. A única ressalva desse grupo é que a interação *online* dessas pessoas vai desempenhar uma parte importante das análises que fiz deles, pois nesse ambiente é que aparecem as opiniões e divergências mais marcantes sobre “ser gay”. Minha aproximação com os dois grupos, como não poderia deixar de ser, foi o momento de emancipação do trabalho etnográfico, pois passei a conhecer as baladas a partir do ponto de vista deles. Além disso, fará parte

desses capítulos a apresentação das turmas por uma dimensão ampla, que incluem encontros caseiros, em praças, parques e até ao acaso pelo campus da universidade. Por fim, estarão nesses dois últimos capítulos uma descrição atenta aos detalhes das saídas das boates e das baladas mais frequentadas pelos dois grupos.

# 1 HOMOSSEXUALIDADE, MASCULINIDADE E LAZER GAY CURITIBANO.

## 1.1 ENCAMINHAMENTO TEÓRICO.

Os estudos sobre sexualidade no Brasil vêm apontando para uma série de sistemas de classificação de práticas eróticas em categorias sociais. A homossexualidade é uma dessas categorias, sendo utilizada em geral para classificar práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Mas sua utilização em diversos contextos costuma gerar contradições, principalmente pelas mudanças do conceito ao longo do tempo e pelas diferenças sócio culturais do país. Sobre esse tema, vale destacar os trabalhos de Peter Fry (1982; 1985) que nos anos 1980 escreveu sobre a sexualidade masculina em diferentes regiões brasileiras. O autor identificou dois modelos de representação social que até hoje ajudam a explicar interpretações comuns acerca da sexualidade entre homens. O primeiro é chamado de hierárquico e tradicional. Ele estaria de forma mais marcante no interior do país e nas classes mais pobres e periféricas, se configurando pela distinção entre “homens”<sup>6</sup> e “bichas”. A relação entre os dois é hierárquica, diretamente relacionada com a marcação de gênero tradicional das sociedades patriarcais. Os “homens” expressam “postura de macho”, considerado elemento de superioridade social. Já as “bichas” carregam os símbolos característicos da homossexualidade, que nesse modelo está relacionado a um papel social atribuído à mulher ou à trejeitos afeminados<sup>7</sup> e que são considerados inferiores. Nesse caso, por se tratar de um desvio da masculinidade hegemônica, a homossexualidade vai estar associada a um elemento de submissão. Por isso, essas pessoas estão mais expostas como principal alvo do preconceito e da violência homofóbicos.

Outra característica marcante desse modelo é a preocupação com o comportamento sexual. No sexo com penetração, o homossexual é somente o passivo, ou seja, aquele que é penetrado. Ele assume, dessa forma, uma postura

---

<sup>6</sup> Como será explicado, nesse caso “homens” é uma categoria que está em oposição à “bicha” e tem significado conceitual específico dentro da explicação do autor. Por isso, todas as vezes que me referir ao termo dentro dessa lógica ele estará em aspas de forma a diferenciá-lo do seu sentido comum.

<sup>7</sup> O termo utilizado por Fry é efeminado. As duas palavras, entretanto, possuem o mesmo significado, ou seja, um tipo de expressão de gênero feita por homens que está em referência ao feminino. Entretanto, vou utilizar ao longo desse trabalho o termo afeminado porque era essa a expressão que eu escutava dos interlocutores da pesquisa.

subalterna que rebaixa seu valor social. Enquanto isso, o “homem” só pode ser aquele que penetra, o ativo, mantendo dessa forma os símbolos de dominação e superioridade. Dentro desses critérios, a relação sexual entre “homens” e “bichas” não compromete a imagem da heterossexualidade dos primeiros, pois replica a hierarquia que já existe entre homens e mulheres. Nesse caso, a homossexualidade vai estar marcada no desejo e na prática de ser penetrado, bem como na aparência afeminada. Porém, é importante levar em conta que o ato sexual está no campo da ação, que guarda certa imprevisibilidade. Por isso, o mais importante para a manutenção dessa hierarquia vai estar na “aparência de ativo”, ou seja, na expressão de gênero esperada de um dominante do sexo masculino.

Já o segundo modelo de representação se caracteriza como moderno e igualitário, sendo predominante nas classes médias urbanas. Tem relação com a mobilização política dos movimentos de direitos sexuais que se desenvolveu a partir dos anos 1970 no Brasil<sup>8</sup>. Há nessa perspectiva uma oposição à hierarquia do modelo anterior, que é considerado opressor. Nesse caso, homens masculinos e afeminados estão em condições de igualdade social. A homossexualidade passa a ser definida pela chamada orientação sexual<sup>9</sup>, ou seja, depende do direcionamento do desejo erótico para alguém do mesmo sexo. A expressão de gênero não interfere nessa identificação e homens gays podem ser bichas, machos ou uma mistura dos dois. O comportamento sexual também é interpretado por um viés igualitário. Não há hierarquia entre passivos e ativos, pois o ato sexual entre homens é, por si só, uma expressão da homossexualidade.

O foco na orientação do desejo é relevante por que, como nos fala Miskolci (2009, 2012), numa sociedade heteronormativa a tendência é esconder e reprimir qualquer sinal de homoerotismo. Para Fry (1982), essa repressão é consequência de um processo histórico e está marcada na moralização dos discursos médicos e psicológicos do século XIX, defendido pelos chamados “militantes da pureza”, conforme nos diz o autor. Em geral, para esses militantes a homossexualidade é como uma “condição” causada por um tipo de mal congênito ou um distúrbio

---

<sup>8</sup> Segundo Facchini (2005), o movimento homossexual no país data da fundação do Grupo Somos, em 1978.

<sup>9</sup> Segundo Mirian Grossi (1998), a orientação sexual é o termo mais indicado para as identificações referentes à hetero, bi e homossexualidade. A expressão, inclusive, visa substituir termos como “opção sexual”, pois não a sexualidade não é vista como algo que as pessoas têm a opção de escolher.

psicológico. Entende-se que os homossexuais não são pessoas normais ou estão doentes e carecem de tratamento. No século XX, essas ideias têm forte adesão em movimentos eugênicos e de limpeza social. Essa visão ainda combina com a dimensão religiosa no Brasil, que considera a homossexualidade um pecado. Nesse contexto, é uma opção viver “dentro do armário”, escondendo o desejo sexual de qualquer pessoa ou de si mesmo, com a sensação de esconder uma “verdadeira identidade” que não pode ser revelada.

No Brasil, foram os movimentos de liberdades sexuais dos anos 1970, que hoje chamamos de movimento LGBT<sup>10</sup> (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), que inauguram uma narrativa de oposição sistemática ao preconceito e discriminação vivenciada por essas pessoas. Há por essas organizações a intenção de modificar o valor social atribuído à homossexualidade. A Parada da Diversidade que acontece anualmente em diversas cidades brasileiras é um exemplo disso, especialmente pelo caráter de celebração que ela assume. Defende-se a promoção de políticas públicas para o combate à homofobia, além do reconhecimento da união homoafetiva. A intenção era mobilizar o Estado em prol dos direitos dessa população (FACCHINI, 2005, 2009). Também houve a preocupação com os casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), especialmente a epidemia de AIDS a partir dos anos 1980 (PARKER, 2000, 2002). Ao mesmo tempo em que se combatia o estigma da infecção pelo HIV como uma “doença gay”, houve o empenho na promoção do orgulho homossexual buscando dar maior abrangência ao debate público sobre os direitos dessa população. Os trabalhos de Isadora França (2006, 2007) exploram esse novo olhar que busca afastar os preconceitos históricos e projetar uma identidade que reivindica reconhecimento social. Segundo ela:

Assim, concomitante ao processo de definição da homossexualidade teve lugar o trabalho de combate ao preconceito e atuando na promoção da “‘autoestima’ dos homossexuais e [n]a formação de uma ‘identidade positiva’ (FRANÇA, 2007, p. 2).

---

<sup>10</sup> Segundo Facchini (2005), nos anos 1970 essas organizações políticas eram chamadas de movimento homossexual. Nos anos 1990 o movimento se reinventou e houveram incorporações de outros sujeitos que levaram às reformulações da sigla. O termo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) é interessante, especialmente por trazer o debate da transexualidade.

É possível afirmar ainda que esse não foi um processo isolado, pois está relacionado à emancipação de outros grupos reivindicatórios de direitos, especialmente os movimentos sociais que problematizam o sexo e o gênero (CORRÊA, 2001). Essas organizações políticas, por sua vez, buscaram defender os direitos e o orgulho de “ser quem realmente somos”, tendo como pressuposto uma identidade estabelecida para essas pessoas, atribuída por uma característica de gênero e de sexualidade. Essa visão tem, por consequência, uma marcação nominal que revelaria um tipo de “essência” para cada um de nós, sejam aqueles chamados de homossexuais ou de mulheres. Esse seria um tipo de pressuposto identitário para definir quem as pessoas são. Como na análise de Agier (2001) sobre o conceito de identidade, é muito difícil pressupor que uma perspectiva social seja capaz de uma definição que não leve em conta o contexto, o contraditório e a diversidade das relações sociais. Esse é um debate que foi desenvolvido especialmente dentro da literatura feminista, principalmente em relação ao conceito de gênero<sup>11</sup>. Sobre isso, vale destacar a crítica feita por pensadoras como Judith Butler no seu clássico livro *Problemas de Gênero* (2008). Para a filósofa, por exemplo, a categoria “mulher”, sujeito do feminismo, não contempla a diversidade de significados que o termo pode assumir. As pessoas que são chamadas de mulheres estariam em contextos radicalmente distintos e a expressão não seria representativa o suficiente. Para explicar isso, ela faz uma importante reflexão sobre os conceitos que fundamentam a noção de mulher no Ocidente: o sexo e o gênero. Os dois são comumente pensados como dimensões complementares e definitivas. O sexo seria um fenômeno da natureza, definido pela ordem cromossômica ou pela genitália e, portanto, está marcada na fisionomia do corpo. O gênero seria a dimensão cultural, daquilo que é ensinado às pessoas de uma sociedade. A crítica da autora, entretanto, entende que ambos são definidos por convenções sociais compulsórias e socialmente legitimados. Inspirada por Foucault (1988) e a crítica da sexualidade como entidade pré-discursiva, ela inclui tanto o sexo quanto o gênero na gama dos sistemas jurídicos do poder<sup>12</sup>. Ela indica que ambos são construídos e justificados um pelo outro, construções históricas que formaram o debate sobre sexo nas

---

<sup>11</sup> Sobre a influência do feminismo nas discussões sobre gênero e sexualidade ver Adelman (2002, 2009).

<sup>12</sup> Outra grande influência nesse debate é Preciado (2011), para quem as reflexões foucaultianas permitiram entender as heterossexualidades dominantes não somente como modelo sexual específica, mas como regimes políticos de administração de corpos e de atos sexuais.

sociedades patriarcais. A partir disso, a autora considera haver uma desconexão total entre o corpo de um sujeito e seu gênero, como explicado no trecho a seguir:

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2008, p. 24-25)

Pensando sobre o campo de pesquisa realizado, essa reflexão me alertou a não projetar uma identidade social predefinida para classificar homens gays. Não considero haver, por exemplo, uma origem “natural” da homossexualidade nem da masculinidade marcadas no corpo do homem ou em seus atributos físicos. Menos ainda que jovens gays baladeiros sejam um tipo de desvio dessa ordem. Por isso, a opção deste trabalho é explorar as representações da homossexualidade pelo conceito de performance de gênero. Essa também é uma reflexão feita por Butler (2008). Para a pensadora, a perspectiva da performance permite uma análise radicalmente contingente do gênero. Por consequência, não se busca estabelecer a priori a qual gênero as pessoas “realmente pertencem”, pois não existe uma “essência” marcada no corpo. Essa perspectiva permite prestar atenção à regulação dos corpos e às ordens discursivas que estão em operação sobre o que deve ser o masculino e o que deve ser o feminino. Longe de espelhar fatos da natureza, a teoria da autora permite entender que gênero é sempre uma categoria relacional produzida pela imitação de gestos. É principalmente aquilo que as pessoas fazem parecer ser. Além disso, ao mesmo tempo em que a performance pode ser uma tentativa de replicação da norma imposta, ela sempre produz modificações, nunca completamente idêntica, incluindo, é claro, as tentativas deliberadas de confrontar as regras. Entretanto, vale destacar que Butler não desenvolve esse conceito como metodologia de pesquisa. Não é minha intenção, por exemplo, classificar tipos de performances de gênero das pessoas que participaram da etnografia. Essa teoria é uma grande inspiração para as perguntas que elaborei ao longo do trabalho, mas não se trata de usá-la como manual de pesquisa. Por isso, na maioria das vezes vou utilizar o termo “expressão de gênero” para identificar os jeitos corporais que estão

relacionados à masculinidade e à feminilidade dos envolvidos na pesquisa. Tanto sobre o que eu pude ouvir deles relativo a esse tema quanto o que pude observar.

Ainda sobre as questões metodológicas, se fez necessário uma perspectiva de análise que permita atenção aos valores gerais atribuídos à aparência das pessoas, cujas marcações são de gênero, mas também de classe, raça, geração, dentre outras. Por isso, também vou utilizar ao longo do trabalho o conceito de “estilo” como pensado pela socióloga Helena Abramo (1994). Segundo a autora, estilo é um marcador estético, um jeito de “dar-se a ver em público”, como numa apresentação que tem a intenção de mostrar informações sobre si para os outros. Para a autora, o estilo é um instrumento para compreender expressões corporais diversas, referente a preferências musicais, nacionalidades, opiniões políticas, dentre outras. Tem a ver com vestimentas, mas também com posicionamentos corporais, ou mesmo transformação corporal (corte de cabelo, maquiagem, musculação, tatuagem, cirurgias plásticas, *piercings*, etc). São posturas, olhares, jeitos, informações sutis de corpos que constroem uma imagem direcionada aos outros.

Ainda assim, o principal foco de atenção dessa pesquisa está nas marcações de masculinidade, seu uso como instrumentos de dominação e, por consequência, de distinção social. Considerando o que autoras como a socióloga Heleieth Saffioti (1987) chamam de “padrões de dominação masculina”, é um objetivo de este trabalho buscar o sentido atribuído às diferenciações desse tipo que acontecem entre homossexuais. Índícios dessa questão são apresentados em trabalhos consagrados sobre a sexualidade entre homens no Brasil, como a pesquisa de Nestor Perlongher (1987) sobre a prostituição viril em São Paulo. O autor percebe que a valorização do aspecto masculino dos michês os permite estar dentro da “normalidade hetero”, mesmo fazendo sexo com outros homens. Para o garoto de programa, o sexo pode ser negociado como uma atividade unicamente financeira e, portanto, sem prejuízos á uma imagem heterossexual. Inclusive, a manutenção dessa imagem somada a corpos musculosos, fortes, enfim, viris, é uma forma de valorização do negócio do michê.

Trabalhos mais recentes também apontam para essa questão, como o de Camilo Braz (2007) sobre locais de encontros sexuais entre homens na cidade de São Paulo. Ele percebe que a valorização dos estereótipos da masculinidade dominante se faz presente nos comportamentos sexuais. Por exemplo, a

valorização destacada pelo autor sobre um tipo de passivo que expressa a aparência de macho. Isso porque, nesse caso, as relações sexuais valorizadas são entre dois homens masculinos, especialmente o penetrado. Já o afeminado é tido como alguém que não sabe se comportar e essa expressão de gênero passa a ser um critério de exclusão na paquera entre homens. Portanto, esse modelo de representação permite que alguns gays se diferenciem uns dos outros, nem que para isso reproduzam as tradicionais hierarquias opressoras.

Um conceito interessante para explicar esse tipo de contexto está no trabalho de Gibran Braga (2013) sobre a interação de homens gays no meio virtual. Ele identifica um sistema parecido de representação entre os perfis da rede social *Manhunt*. Segundo o autor, existe nesse meio uma recorrente seleção de parceiros pautada pelo conhecido “não sou e nem curto afeminados”. Obviamente, este critério inclui o passivo, que precisa ter uma aparência masculina e se distinguir de um tipo indesejado de pessoa, ou seja, a bicha e o viado. Mais uma vez, isso acontece porque as relações realmente reconhecidas são entre machos, no que o autor vem a chamar de *machonormatividade*. O passivo está, portanto, desvinculado da sua tradicional imagem caricata da “bicha” ou do “viado”, como explicado no trecho a seguir.

Assim, “macho passivo” deixa de ser uma impossibilidade, através do alinhamento desses dois quadros de referência: o da masculinidade convencional e o da posição sexual dessencializada, por assim dizer. E essa possibilidade se dá através da substituição da dicotomia ativo/passivo como fronteira da “macheza” para uma nova oposição, desta vez entre macho e afeminados (BRAGA, 2013, p. 30).

Por “posição sexual dessencializada”, o autor se refere à vinculação da prática passiva como um tipo de “essência feminina” e que, portanto, deveria se restringir às mulheres e aos homens afeminados. Há nesse caso um rompimento com esse entendimento e uma supervalorização do homem macho. É, de certa forma, uma perspectiva igualitária, que valoriza a interação entre iguais, mas que está completamente pautada pelas hierarquias de dominação masculina que já foram citadas. A representação social de um passivo macho dá novas roupagens a uma postura de distinção e de desvalorização compulsória da feminilidade. A crítica do autor sobre o tema, inclusive, vai destacar que os elementos de poder relacionados ao gênero são entendidos como naturais, consequências da condição

sexual que nasce com as pessoas. A crítica a essa reflexão, por exemplo, aparece em trabalhos como do antropólogo português Miguel Vale de Almeida (1996). Para ele, é necessário identificar como a “ambiguidade” entre masculino e feminino está sendo constantemente naturalizada, processo ininterrupto de reprodução de gestos.

A relação entre feminino e masculino não é, na avaliação moral, como as duas faces de uma moeda, mas, sim, assimétrica, desigual. Trata-se de uma forma de ascendência social que se reproduz, pois, na base de um processo de naturalização. O corpo é o lugar investido simbolicamente para confirmar esta ontologia. E o processo de incorporação dos significados do gênero resulta como um consenso vivido (na expressão de Bourdieu<sup>13</sup>) em virtude da sua aprendizagem ser permanente, não focada, não verbal e não reflectida (VALE DE ALMEIDA, 1996, p. 163).

O modelo de distinção social entre homossexuais machos e afeminados vai aparecer em outras três recentes pesquisas realizadas em boates gays brasileiras, que identificam esse mesmo preconceito contra bichas e afeminados no contexto das baladas. Essas pesquisas foram inspiradoras para o desenvolvimento desta etnografia, principalmente pela proximidade do tema. A partir delas é possível notar que as hierarquias destacadas pelos autores que vimos até agora são recorrentes. São os trabalhos de Ramon Reis (2012) sobre duas boates gays de Belém, no Pará; de Eduardo Henning (2008) sobre as baladas de Florianópolis, em Santa Catarina; e de Esmael Vieira (2009) que fez sua pesquisa na cidade de Manaus, no estado do Amazonas. Todos os estudos, com suas particularidades, apontam para características semelhantes àquelas que encontrei em Curitiba: as distinções da noite gay em que cada boate é constantemente diferenciada uma das outras. O critério que quero destacar desses trabalhos é aquele baseado na idealização dos frequentadores. Esse é um argumento comum para classificar os estabelecimentos, ou seja, o “tipo de pessoa” que frequenta o local. Para isso, são aplicados marcadores da diferença como: corporalidade, raça, classe social, idade e gênero. Dessa forma, é comumente identificada a valorização de corpos atléticos, magros, de pele clara, com vestimentas da moda ou de grife, jovens e de postura masculina. Juntos, esses elementos identificam um tipo ideal de gay, que não funciona como modelo predominante, mas sim como modelo idealizado. Com os grupos pesquisados, foi possível observar esses padrões na categorização de pessoas

---

<sup>13</sup> As reflexões de Vale de Almeida sobre Bourdieu estão principalmente em “A Dominação Masculina” (2002).

como “lindas” ou “gente selecionada”, ou então “feias” que “não sabem se comportar” e marcam fronteiras entre as classificações associadas a homossexualidade.

## 1.2 METODOLOGIAS EM CAMPO.

A pesquisa de campo está centrada na diversão das baladas, o ponto de partida da etnografia. O objetivo era entender a relação entre a dinâmica dos acontecimentos dessas festas e as representações da homossexualidade operantes. No início, aproveitei qualquer oportunidade que aparecia para conhecer alguma boate gay da cidade e ao longo da pesquisa tive algumas oportunidades de sair com amigos pessoais, como no relato da introdução. Entretanto, eram situações eventuais e minha intenção era manter uma regularidade nessas festas e acompanhar pessoas de fora do meu círculo mais próximo de conhecidos. Então planejei sair sozinho para as baladas, como iniciativa para fazer alguma aproximação com os frequentadores. E deu certo. Foi numa dessas noites que tive a oportunidade de me encontrar com o primeiro grupo de amigos que fez parte da pesquisa. A turma é formada por moradores de São José dos Pinhais, cidade da região metropolitana de Curitiba. Quando me aproximei deles me apresentei como pesquisador e começamos uma amizade já dentro dos termos da etnografia. Depois que passei a acompanhá-los, minha perspectiva das baladas mudou completamente e pude entender melhor o caráter coletivo dessas festas. O grupo é composto por uma maioria de homens jovens que se consideram homossexuais e estão na faixa dos dezoito anos. É uma rede de relações complexas que chegou a envolver até dez pessoas numa noite, mas é mais amplo quando se incluem relações fora da boate, que também fizeram parte da pesquisa. Pude interagir com a turma também na internet, pela rede social *Facebook* e pelo *Whatsapp*, aplicativo de mensagens instantâneas. Esses eram os principais veículos de comunicação para combinar as noites nas boates. Esses canais também foram utilizados para realizar entrevistas informais que compuseram as informações coletadas.

Ao mesmo tempo em que eu acompanhava esse grupo ocorreu uma aproximação com um segundo, que tem origem no ambiente virtual. É formado por alunos da Universidade Federal do Paraná – UFPR, membros de um “grupo gay” na rede social *Facebook* intitulado “Cafezinho XY”. O grupo é voltado para as relações

de amizade e paquera entre homens gays estudantes de graduação e pós-graduação desta universidade. Foi criado em julho de 2013 e fui adicionado logo no início por um amigo que fazia graduação na época. Inicialmente, eu não tinha a intenção de incluir a rede social na pesquisa de campo, mas quando começaram a acontecer encontros nas boates, surgiu a oportunidade de acompanhá-los e fazer um contraponto com as experiências que eu vinha tendo com os amigos de São José dos Pinhais. Além das baladas, fazem parte das análises dos dois grupos os encontros em parques e na casa de alguns membros, bem como a interação que acontecia pelo *Facebook*.

Levei em conta para a seleção das duas turmas o reconhecimento que fazem enquanto grupo de amigos e a frequência com que se reúnem nas boates. Em comum, essas pessoas acabaram de chegar à maioridade e estão construindo suas vidas pessoais e carreiras profissionais. Alguns possuem emprego, estágio ou recebem bolsas de estudos. A maioria não está estabilizada financeiramente e contam com apoio, geralmente dos pais. Em ambas as turmas prevalecia um sentimento de economia em que as saídas eram planejadas visando o menor gasto possível sem prejuízo da diversão. O grupo de São José dos Pinhais já se conhecia há pelo menos dois anos e somando os eventos fora da boate eu pude me encontrar com dezoito pessoas no total. Esse é um grupo com afinidades mais antigas, um pouco mais jovem em relação aos universitários, com alguns dos rapazes cursando o segundo grau. Já no Cafezinho, a maioria das pessoas se conheceu no período da pesquisa e mais de 300 chegaram a ser membros pela plataforma do *Facebook*. Como grupo na rede social, o Cafezinho passou a ser um elemento que conecta essas pessoas. As afinidades eram reconhecidas através da interação virtual, nas postagens e comentários. Em pouco tempo as eles passaram a se encontrar pelos campus da Universidade e logo passaram a organizar saídas, especialmente em boates. Somente uma parte dos membros do grupo participou de forma regular nos encontros em baladas e foi com esse núcleo de amigos mais restrito que eu desenvolvi uma proximidade maior para desenvolver a etnografia.

Minha aproximação com as turmas esteve ligada a dois eixos de investigação. O primeiro deles é o reconhecimento que essas pessoas elaboram ao se projetarem enquanto grupos de amigos. Nos dois casos existe o entendimento de que a homossexualidade é um elemento de união e estabilidade entre os participantes. De forma geral, existe um sentimento de reciprocidade em se

reconhecerem como gays. Principalmente no compartilhamento de experiências relativas à homossexualidade em uma sociedade marcada por situações de homofobia. A amizade permite abertura para tratar de temas comuns como relacionamentos, experiências sexuais, saída do armário, relações familiares e, claro, a própria diversão nas baladas.

Ainda assim, o estabelecimento das fronteiras dos grupos é problemático porque “ser gay” não garante uniformidade de práticas e opiniões entre eles. Boa parte do universo pesquisado, inclusive, vai estar marcada por fortes características diferenciadoras. Além disso, nem todos moram próximos uns dos outros e eles desenvolvem uma série de atividades (trabalho, família, estudos, por exemplo) que não estão relacionadas com a afetividade das turmas. Mesmo nas baladas não há um número fixo de pessoas do começo ao fim das festas. A cada evento que estive com eles eu me perguntava: quem tanto fazia parte do grupo e como eram definidas as afinidades naquele momento? Nas festas essa proximidade é sempre contextual e é comum se encontrar com conhecidos ao acaso tanto quanto conhecer novas pessoas. Além disso, nos dois grupos, enquanto alguns amigos se encontravam somente nos eventos combinados, outros se viam com mais regularidade, seja na universidade ou na casa de algum deles. Dessa forma, o próprio conceito de grupo precisa ser contextualizado levando em conta que a aproximação entre esses sujeitos pode mudar de acordo com o contexto. Essa é uma reflexão que se aproxima daquela que Gilberto Velho desenvolveu no livro *Nobres e Anjos* (2008) sobre consumidores de tóxicos de classe média no Rio de Janeiro da década de 1970. Tanto por ser uma pesquisa que acompanha dois grupos distintos, quanto pela ideia de não pressupor um único elemento de correspondência entre as turmas. No caso dele, o consumo de drogas ilícitas e no caso desta pesquisa, a identificação como homossexual e às saídas para as boates gays.

Uma inspiração para compreender a interação entre os dois grupos está na interpretação que Marilyn Strathern faz sobre o conceito de socialidade. Em entrevista publicada na revista *Mana* (1999), ela diferencia esse conceito de sociabilidade. Este último é questionado pela autora por considerar as relações sociais sempre pelo viés construtivo, pressupondo um lócus estável de interações. Ela lembra que “relações” também servem para descrever conflitos e desacordos. Pelas minhas observações dos dois grupos, duas classificações de proximidade identificadas ilustram essa questão: são eles os amigos e os conhecidos. Os amigos

são as pessoas que te acompanham pela noite, com uma interação que costuma ir além da boate. Com essas pessoas se combina a chegada (antes num esquentado ou já na festa) e a saída (quando, como e para onde cada um vai embora). Inclusive, é possível ouvir nomenclatura de parentesco e é comum amigos que se chamam de “irmãos” ou afirmarem que “se amam”. Entretanto, amigos podem se desentender e combinar eventos sem a presença uns dos outros. Ao longo das festas é possível haver desencontros sobre a hora de ir embora, sobre alguém ter bebido demais ou ter encontrado um parceiro e deixado a turma de lado. Foi comum ouvir críticas e desabafos de uns sobre os outros revelando que desavenças também fazem parte dessa interação. Já a categoria conhecido é mais ampla. São todos aqueles que sabemos o nome ou reconhecemos a fisionomia. Ao longo da noite podemos cumprimentá-los ou interagir de alguma forma. Essas pessoas podem ser alvo de paqueras, fofocas e incluem os desafetos, aqueles que por algum motivo geram antipatia em alguém do grupo ou no grupo todo. Ouvi termos como “invejosos” e expressões como “naquele não se pode confiar” para antigos amigos com quem se encontra pela noite. Mesmo assim, em geral, se mantém a cordialidade entre os conhecidos e brigas são muito raras de acontecer dentro das festas pesquisadas. Não presenciei nenhuma durante a pesquisa.

Minha aproximação com essas pessoas, como não poderia deixar de ser, foi feita nesses termos de afetividade, sendo eu amigo de uns e conhecido de outros. Para todos eu apresentei os objetivos do trabalho etnográfico e o foco da pesquisa nas baladas e nas expressões sociais da homossexualidade. Das conversas mais íntimas aos acontecimentos nas festas me comprometi a não expor ninguém e a alterar os nomes de todos quando me referir a eles nesta dissertação<sup>14</sup>. Sobre o trabalho de campo nas boates, muitos estranharam a pesquisa de campo, especialmente por ela acontecer em um lugar de diversão. Sobre isso, sempre resumi meu trabalho como uma forma de contribuir para o melhor entendimento sobre a homossexualidade em contraponto ao preconceito homofóbico, critério que tinha legitimidade entre participantes da etnografia. Além disso, favoreceu o fato de eu também ser homem, ter uma idade próxima a eles, gostar da diversão das baladas, me considerar gay e compartilhar um sentimento positivo em relação a

---

<sup>14</sup> Já os funcionários das boates, os *promoters* das festas, os DJs e as *drag queens* serão citados com os nomes verdadeiros por se tratar de figuras públicas e que estão engajados na publicidade das *baladas*.

minha sexualidade. Fatores que facilitaram eu ser reconhecido como parte das turmas e me faziam ser visto como mais um nas festas em questão.

O segundo eixo que orientou a etnografia tem a ver com a produção de contextos sociais que viabilizem as práticas homoeróticas, ou seja, a paquera gay. Para usar um termo do léxico desses grupos, é possível chamar isso de pegação. Esse é um conceito êmico e meu entendimento o define como o conjunto de práticas que negociam o erotismo entre as pessoas. A expressão não é exclusiva do universo homossexual, mas ouvi essa palavra em algumas oportunidades e refletir sobre ela me ajudou a compreender boa parte da interação nas festas. A expressão vem do pegar, que significa beijar e trocar carícias, o mesmo sentido de ficar. Envolve as técnicas de flerte: a troca de olhares, as aproximações sugestivas, o jeito de se portar, etc. Em resumo, é tornar evidente a disposição ao outro, momento em que se identificam aqueles que querem se pegar. Nas boates as pessoas se pegam nos cantos mais discretos e escuros ou no meio da pista de dança, depende de quanta visibilidade estão dispostos a mostrar. Depois disso, não há nenhum compromisso implícito em continuar com a pessoa até o final da festa, mas às vezes acontece. A pegação vai incluir o próprio ato sexual que pode acontecer pela noite ou numa combinação depois da balada. A expressão é usada muitas vezes com esse sentido, quando alguém diz que “só está a fim de pegação”. Curioso existir um sentido oposto a esse, quando se diz que as pessoas “ficaram só na pegação”, ou seja, elas ficaram, mas não rolou sexo nem compromisso afetivo.

Um ponto relevante é que a pegação abre espaço para o desenvolvimento de novas relações, pois flertando podemos conhecer outras pessoas ou iniciar um novo tipo de interação com alguém já conhecido. Podemos identificar classificações ligadas a ela. Por exemplo, duas pessoas que se pegam com frequência podem ser chamadas de ficantes ou peguetes. Outros desenvolvem primeiramente uma amizade, mas eventualmente ficam e são chamados “amigos coloridos”. É possível que a partir disso se forme um casal de namorados que pode ou não estar disponível para ficar com outras pessoas. Um casal formado na balada, por exemplo, pode aproximar duas turmas e ampliar a rede de conhecidos entre todos. Dentro dos grupos foi comum ouvir histórias de alguns que se conheceram ficando, mas que agora é só amizade.

Porém, a pegação não poderia estar separada de situações de conflitos que podem acontecer. É possível surgir rivalidades quando amigos se interessam pela

mesma pessoa. Os ex-namorados e as decepções amorosas podem provocar situações de tensão e desconforto nas festas. O ambiente em si pode ser problemático para casais ciumentos. Às vezes acontece de alguém receber flertes descarados e sem reciprocidade que fazem com que as pessoas precisem "fugir" de outras ao longo da noite. Além disso, algumas regras são mais ou menos estabelecidas nos dois grupos. Uma delas vê com maus olhos as pessoas que ficam com várias outras pela festa. Não há uma regra estabelecida nem um número definitivo, mas geralmente mais que cinco é considerado muito. Em geral isso é algo a ser evitado. Entretanto, pior ainda é aquele que passa a noite toda sem pegar ninguém, especialmente quando se fica sozinho enquanto os amigos curtem seus pegados. Por isso, é importante considerar a expectativa gerada sobre a busca por um parceiro, sendo as baladas um "campo" em que acontecem os jogos da pegação.

Outro importante desdobramento em relação a isso diz respeito aos meus posicionamentos em campo, pois em geral eu era visto como "mais um" na lógica do erotismo, potencial alvo de investidas e paqueras. Tais situações, por sua vez, faziam parte da curtição e não havia como evitá-las, já que eu possuía um lugar na interpretação das pessoas que era independente da minha condição de pesquisador. Mas longe de serem situações de constrangimento, foram oportunidades de conversar com as pessoas e conhecer outras perspectivas sobre as festas. Do ponto de vista das turmas, por sua vez, seria curioso alguém com a minha assiduidade na noite se privar de eventualmente ficar com alguém. Com os participantes dos grupos, entretanto, a opção foi não me relacionar sexualmente ou amorosamente, por pensar que isso pudesse prejudicar minha relação com as turmas. Dessa forma, imaginei evitar algum tipo de situação desagradável em que eu pudesse ter dificuldades em lidar, o que de fato não aconteceu.

Trazer a dimensão do erotismo no trabalho de campo é pertinente porque essa é uma tarefa pouco problematizada na antropologia. Como ressalta Luiz Fernando Rojo (2004), existe um dilema das pesquisas com trabalho de campo: o sexo e o afeto entre pesquisadores e pesquisados. Além disso, segundo Don Kulick (1995) sobre a subjetividade erótica na etnografia, parece haver uma regra de conduta não dita em manuais de pesquisa, segundo a qual o sexo está numa dimensão impositiva: não faça (KULLICK, 1995, p. 10). Os dois autores, entretanto, lembram que existem parâmetros de conduta mais ou menos estabelecidos de convivência entre as pessoas e essas regras incluem uma conduta sexual. Por isso,

não é possível idealizar o fazer etnográfico separando totalmente o pesquisador das condições em que a pesquisa se realiza. Sobre isso, compartilho a ideia de Andrew Kilick (1995) de que a relação do campo de pesquisa com a própria vida é sempre relativa, bem como essencialmente produzida pelas relações entre pesquisador e sujeitos pesquisados, sem pressupor ao primeiro um papel de seletivo distanciamento.

Por fim, gostaria de acrescentar que a pegação está na própria estrutura do que é uma balada gay. O próprio termo “gay” é um pressuposto de que nesses locais exista algum grau de interação homoerótica legítima. Entretanto, balada gay é uma expressão que incorpora diferentes significados dependendo do contexto em que é utilizado. A começar por sua imprecisão sobre o recorte de gênero, sendo usado em um momento para se referir aos homossexuais em geral, e em outro para ressaltar a prevalência ou totalidade de homens gays em relação às mulheres lésbicas. Essa diferença é porosa e mulheres sempre estiveram presentes nas festas que fizeram parte da pesquisa, lésbicas e heterossexuais, mas é comum que estivessem em menor número. Vale ressaltar que o campo de pesquisa foi realizado junto com grupos majoritariamente masculinos que vão levar em conta a possibilidade de pegação entre homens para escolher o destino da noite. Esse é um importante recorte do objeto de estudo desta etnografia.

### 1.3 AS BALADAS

Elas são um tipo de festa característico do meio urbano realizada em clubes. Minha experiência com essa pesquisa possibilita destacar três elementos pelo qual entendo o conceito: acontecem em ambientes privados e fechados, chamados de boates; tocam música reproduzida eletronicamente a comando de um DJ; e possuem uma pista de dança. A boate é a estrutura física e institucional do lugar onde as baladas acontecem. Os locais geralmente são fechados e as paredes dão um efeito sonoro ampliado pelo relativo isolamento acústico das casas. Além disso, são locais que oferecem proteção do clima externo, importante nas noites frias de Curitiba. Diferente de um show em que a música é tocada ao vivo, na balada o som é sempre reproduzido ou transformado eletronicamente. A música segue as tendências de cada estabelecimento, da temática da noite ou do próprio DJ. É ela que dá vida ao ambiente e põe as pessoas em movimento. Já a pista é o coração da

festa e onde as coisas acontecem. Lá o som toca mais alto e a iluminação tem luzes coloridas e frenéticas que funcionam transformando a experiência visual. As pessoas dançam em grupo, dupla ou no próprio coletivo na pista, que dá o tom da animação no restante do ambiente.

A pista de dança é o principal elemento que diferencia as boates dos bares. Nesses últimos, o trato entre os frequentadores acontece sentado nas mesas. Geralmente há música, mas sem espaço específico para a dança. Assim, por exemplo, quando uma turma de amigos vai a um bar, tende a interagir mais entre o próprio grupo reunido, sentados em cadeiras ao redor de uma mesa, comendo e/ou bebendo. Já a pista de dança estimula a “circulação” no ambiente e conseqüentemente o encontro com terceiros. Ainda assim, toda balada possui um bar, que é o local onde se vendem as bebidas. Uma curiosidade é algumas boates dessa pesquisa levarem o termo “bar” no nome institucional, como o *Bar James*, por exemplo. Nesse caso, prevalece a dinâmica da pista de dança que centraliza a interação dentro do estabelecimento e o caracteriza, na prática, como uma boate.

Outra comparação interessante é com as *raves*, festas de música eletrônica em espaços abertos e geralmente de longa duração. Como nos relata Carolina Abreu (2011) sobre esse tema, as *raves* costumam acontecer em sítios, parques, praias ou galpões. Algumas fazem parte de grandes festivais de música eletrônica e podem durar mais de um dia. Já as baladas são eventos mais ordinários, disponíveis em dias úteis e mais comuns nos finais de semana. Em geral, elas reúnem números menores de frequentadores em comparação às *raves*, mas o termo flutua pelo vocabulário dessas pessoas. Utiliza-se, por exemplo, o termo “balada *rave*” quando numa boate a música eletrônica é característica. Outro sentido dessa expressão é aquela que associa as *raves* ao uso de psicoativos sintéticos, como ecstasy e LSD<sup>15</sup>. Então, quando essas ou outras drogas ilícitas estão presentes na balada, a festa seria “como uma *rave*”.

Entre os dois grupos pesquisados, as drogas mais consumidas eram lícitas, predominantemente o álcool. Ele é consumido ao longo de toda a noite e pela maioria das pessoas nas festas. Com alguns participantes da pesquisa há uma associação imediata de estar na balada sempre segurando um copo na mão. Logo

---

<sup>15</sup> Ecstasy e LSD (dietilamida de ácido lisérgico) são drogas sintéticas psicoativas que promovem, dentre outros efeitos, a potencialização da sensação de bem-estar, animação e empolgação.

começa o momento em que as pessoas vão se soltando mais por conta disso e ficando mais à vontade, efeito esperado da substância. Talvez por isso os exageros aconteçam e alguns passam mal, se arrependem de ter bebido tanto na noite anterior ou não se lembram de algo que aconteceu durante a noite. Esses efeitos não são bem vistos, principalmente porque pode dar trabalho para os outros amigos. Mas são comuns que situações de bebedeira se tornem eventos memoráveis. Em geral, são lembrados com humor pelas turmas. O cigarro também é bastante consumido, ainda que nem todos os participantes da pesquisa fumem. Todas as boates pesquisadas possuem um local específico para fumantes, já que desde 2009 a lei paranaense 16.239/2009 proíbe fumar em ambientes fechados.

Uma das influências em meu entendimento das baladas está no trabalho da jornalista Erika Palomino no livro *Babado Forte: moda, música e noite* (1999). O livro reúne os escritos da autora para a coluna *Noite Ilustrada* do *Jornal Folha de São Paulo* e sua vivência como frequentadora desse universo na capital paulista. Segundo ela, as boates que se popularizaram na cidade a partir dos anos 1980 fazem parte do chamado universo *clubber*. É uma época de originalidade e extravagância, vanguarda da curtição da vida noturna em clubes de música eletrônica. As roupas podem ser coloridas, chamativas e fora das normas de gênero tradicionais. Segundo ela, as boates faziam fama entre um público antenado nas tendências da moda e com estilos alternativos. Houve uma influência dos Estados Unidos nesse processo, desde os movimentos do *disco* e da *house music* de décadas anteriores que ajudaram a popularizar as pistas de dança.

Além desse caráter inovador das baladas, me interessa o seu aspecto ritual que separa esses momentos da vida cotidiana<sup>16</sup>. Elas estão marcadas simbolicamente pela entrada na pista de dança, mas começa na preparação da noite, na arrumação dos corpos, com ou sem esquentar. Dentro da festa, a balada acontece na suspensão de normas em favor da diversão, especialmente na possibilidade de dançar, mas também de beber com os amigos, conhecer novas pessoas e paquerar. Nesse sentido, o trabalho de Fernanda Eugênio (2008) me ajudou a entender essa dimensão que torna a balada tão especial. Ela escreve

---

<sup>16</sup> Uma influência dessa minha percepção das baladas está no trabalho clássico de Victor Turner, *O Processo Ritual* (1974). Mesmo eu tendo a noção de que o contexto de estudos do autor seja muito diferente das condições desta pesquisa. Ainda assim, a balada me parece uma dramatização da vida social com começo, meio e desfecho. Esta experiência resulta numa transformação: novos contatos, reforço das amizades, paqueras e histórias para contar.

sobre clubes de música eletrônica do Rio de Janeiro, no que é conhecido como *cena carioca*. Ao descrever o que é chamado pelos frequentadores de *vibe*, ela ressalta o potencial transformador dessas festas.

A *vibe*, referência econômica de *positive vibrations*, é o resultado da combinação harmoniosa - que exige a perícia de todos os envolvidos - dos diversos elementos que compõe a *cena*: a música, a decoração dos corpos e do ambiente, a dança, o consumo de substâncias diversas, as aproximações, as “chegadas” e “pegações” que caracterizam as abordagens erótico-afetivas, etc. (EUGÊNIO, 2008, p. 59)

O conjunto desses elementos é o que caracteriza o que chamarei nesse trabalho de *curtição*, razão pela qual as pessoas saem de casa para ir às boates. Na visão de Eugênio (2008) esse tipo de diversão está associado ao hedonismo e guarda um sentido em si mesmo. Dessa forma, é interessante pensar na existência de um sentimento de diversão que gera expectativa, capaz de estimular as pessoas em função de uma saída noturna. É justamente como disposição a festa que a balada deve ser entendida. Em alguns casos, a autora ainda afirma que a intensidade do “clima da festa” rompe com a noção temporal, podendo atravessar a noite e terminando na manhã do dia seguinte sem se dar conta da luz nascente do sol. Quando as festas continuam depois que o sol nasce geralmente são chamadas de *afters parties* e costumam receber baladeiros de outras boates que querem estender a *curtição*.

#### 1.4 AS FONTES PESQUISADAS E O LAZER GAY EM CURITIBA

Para ter uma visão mais ampla das boates de Curitiba, além das conversas e experiências com os dois grupos que acompanhei, recorri aos canais midiáticos disponíveis na internet como revistas, *sites* e *blogs*. Entre as fontes pesquisadas, algumas eram independentes e estavam desatualizadas, indicando locais que já fecharam ou deixando de citar estabelecimentos que abriram recentemente. Enquanto isso, outros canais estavam comprometidos com a publicidade das boates. Desse material destaca-se a revista *Lado A Sul* que conheci ainda em minhas primeiras idas às baladas de Curitiba. Ela mantém uma página virtual e uma versão impressa no formato *pocket* disponível gratuitamente em algumas boates, geralmente no caixa em que realizamos o pagamento ou no balcão dos bares. Essa revista é produzida em Curitiba e circula pela região sul do país (Paraná, Santa

Catarina e Rio Grande do Sul) desde 2006. O conteúdo destaca o universo gay masculino e costuma apresentar um ensaio fotográfico sensual de modelos homens de corpos atléticos, esbeltos e brancos, que geralmente estampam a capa das edições. Os ensaios são eróticos, mas não exibem nudez. É possível ler matérias de opinião dos editores sobre temas como sexo, prevenção de ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e eventos como a parada da diversidade, especialmente a que acontece em Curitiba. Mas o universo das boates domina o conteúdo da revista e compõe a maioria das propagandas. Na coluna social há uma sessão de fotos de frequentadores das festas pelas cidades da região Sul<sup>17</sup>. Em cada edição há uma entrevista com DJs, donos de boates ou outras personalidades do mundo gay. A revista foi a fonte de informações impressa mais atualizada que encontrei e mantém uma tiragem bimestral.

Outra fonte que se destaca é a página eletrônica *guiagaycuritiba.com.br* (acesso em 20/02/2013). As informações do *site* são atualizadas e alguns locais indicados possuem descrições e comentários que serviram de contraponto às minhas observações de campo. O guia que dá nome ao *site* possui as categorias de bares e boates, mas também outra chamada “pegação”. Sobre essa última, vale a pena explicar um pouco melhor o termo utilizado. Nesta seção são citadas uma videolocadora, saunas, praças, parques e banheiros públicos. Em comum, são lugares em que o sentido de pegação está relacionado à prática sexual propriamente dita, com ritos eróticos mais ou menos elaborados. São ambientes em que é possível o sexo rápido e até anônimo, com regras de paquera reduzidas e sem compromisso afetivo. Algumas boates da pesquisa também oferecem essa possibilidade de interação homoerótica. Um exemplo é o chamado *dark room*, um cômodo com pouca ou nenhuma luz em que é possível pegar as pessoas num relativo anonimato, pois não se enxerga nada ou muito pouco. Os *darks* das boates pesquisadas são descritos no capítulo dois desta dissertação.

Por fim, outra fonte de informações sobre as boates foi do *blog leduxcwb.wordpress.com* (acesso em 24/03/2013). Esse é um *blog* de fotografias. Ele faz a cobertura dos eventos em boates e publica o álbum da festa e dos frequentadores. De fato, é comum fotógrafos circularem pelas festas e as pessoas

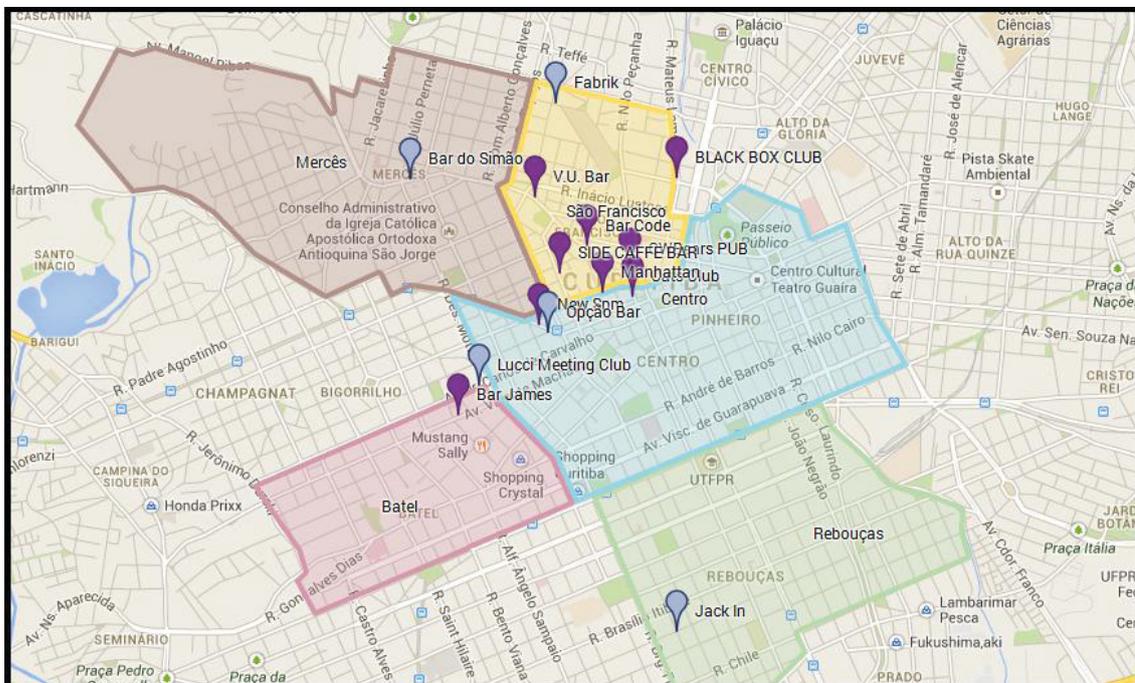
---

<sup>17</sup> As cidades são Curitiba, Londrina e Maringá, no Paraná; Florianópolis e Balneário Camboriú, em Santa Catarina; e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

pedirem para serem fotografadas com os amigos. O *blog* não se vincula ao meio LGBT, mas a maioria das boates divulgadas fizeram parte do material pesquisado como um todo. Ele também atuava na divulgação de festas, dos DJs e dos *promoters* de algumas casas noturnas.

A pesquisa realizada nessas fontes me permitiu selecionar catorze estabelecimentos. Sobre isso, é importante ter a noção de que essa é uma atividade essencialmente incompleta, principalmente pelo caráter temporário que alguns estabelecimentos ocupam na cidade, fechando ou abrindo as portas. Também houve boates que mudaram de gerência, mas os novos donos às vezes mantinham o nome, às vezes mudavam. Por outro lado, algumas casas estão em atividade há mais de 10 anos e são amplamente conhecidas, consideradas tradicionais. São elas: *Cats Club*, *Black Box Club*, *VU Bar*, *Bar James*, *Bar Code*, *Side Caffe*, *Manhattan*, *New SPM*, *CWBears*, *Bar do Simão*, *Jack In*, *Lucci Meeting Club*, *Opção Bar* e *Fabrik*. Elas estão concentrados na região central de Curitiba. A partir desse levantamento foi possível produzir o seguinte mapeamento:

MAPA 1 – BOATES DE CURITIBA



FONTE: O autor a partir do *Google Maps* (2013).

LEGENDA: A área roxa corresponde ao Bairro do Batel; a azul ao Centro, a amarela ao bairro do São Francisco, a marrom as Mercês e a verde o Rebouças. Os pontos roxos e azuis são as boates indicadas com os nomes.

Importante ressaltar que a concentração dessas boates na região central de Curitiba não define essa área como *gueto gay*, pois os pontos de referência não estão segregados do resto da cidade<sup>18</sup>. Pelo contrário, as boates estão em regiões que possuem intenso movimento diurno comercial e noturno boêmio. No caso de Curitiba é vantajoso pensar no conceito de mancha no sentido que Magnani (2008, 2021) atribui ao termo. Segundo o autor, a mancha é um recorte do espaço urbano reconhecido pelos frequentadores como constitutivo dos seus circuitos dentro das cidades. O caso do Largo da Ordem e da Rua Trajano Reis em Curitiba é um bom exemplo disso. Esses locais são muito próximos e fazem parte de uma região movimentada no período da noite dos finais de semana. As pessoas se reúnem no espaço aberto do Largo e nas calçadas da rua. Bem como nos restaurantes, lanchonetes, bares e boates da região, circulando dentro e fora desses estabelecimentos. A área pública, por sua vez, “democratiza” o local e as pessoas costumam se reunir nesse ambiente antes de ir para outros lugares ou ficam por ali mesmo. Eu pude entender melhor essa região com um membro do grupo Cafezinho XY. Seu nome é Everton, estudante de Artes Visuais e tem 22 anos. Estive com ele em março de 2013 na Rua Trajano e aproveitei para conversar sobre os pontos de encontro de gays da localidade. Também realizei conversas com ele pela rede social *Facebook* para completar algumas informações nesse período. Ele me disse que a região não é exclusiva do público homossexual, mas concentra uma sociabilidade diversa, juvenil e boêmia<sup>19</sup>. Porém, nos últimos meses a região está ficando mais perigosa pelo tráfico de drogas e que já houveram noites recentes com batida policial. Como piada, ele chama o Largo da Ordem de “Largo da Desordem”. Ainda assim, segundo ele, o lugar atrai um público cativo e muito variado. Ele faz uma ressalva afirmando que por reunir muita gente, essa região pode ficar perigosa podendo acontecer situações de homofobia ou assaltos ao acaso. Ele afirma que

---

<sup>18</sup> O termo *gueto* foi muito utilizado na perspectiva dos estudos da Escola de Chicago por autores como Robert Park (1973), que buscavam compreender a questão da marginalidade concentrada em regiões específicas do meio urbano das grandes cidades. Interessava para ele entender os processos de segregação social, especialmente a questão da delinquência, no que o autor chamou de “região moral”. Por isso, a perspectiva de Park não se aplica a dinâmica dos locais de frequência do público homossexual em Curitiba.

<sup>19</sup> Há similaridades entre a rua Trajano com a descrição que Yara Dines (2011) faz da rua Augusta em São Paulo. Nos dois casos há uma variedade de estabelecimentos que oferecem serviços como bebidas, comidas e música e as pessoas circulam dentro e fora deles. A autora chama a atenção para as dinâmicas de interação dos públicos que sempre leva em conta a oportunidade para conhecer novas pessoas.

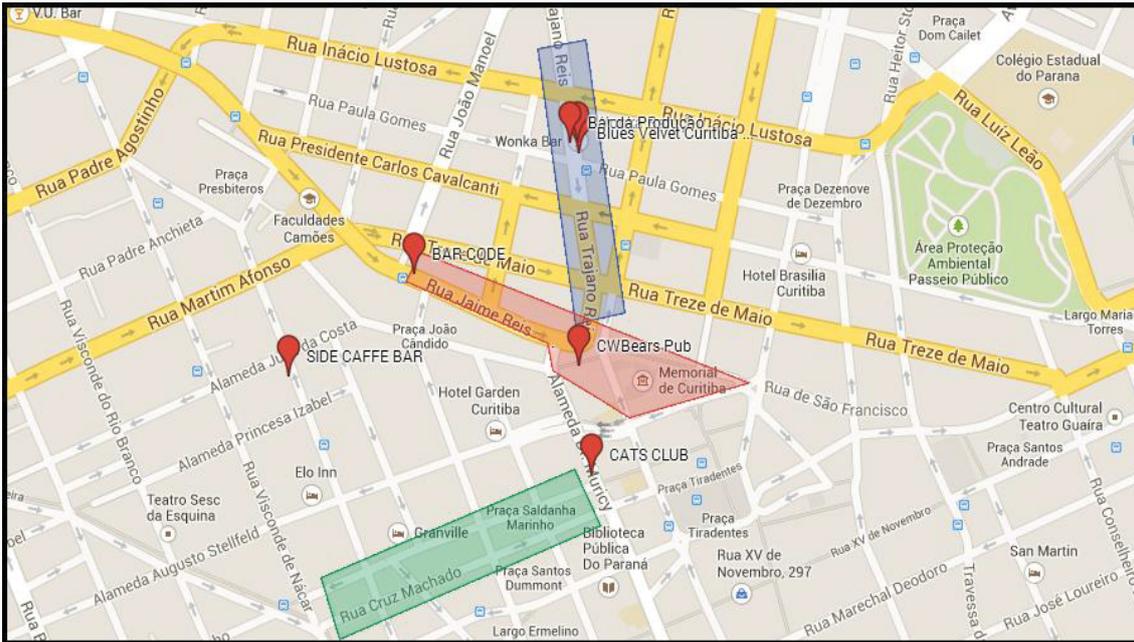
não é uma prática comum, mas que é sempre bom tomar cuidado. Por isso ressalta que se alguém está procurando uma paquera, o mais adequado é ir para uma balada. Ao questioná-lo sobre quais boates ele me indicaria conhecer, além da *Cats* e do *CW Bears* que estavam no material pesquisado, foi curioso ele identificar locais que não estavam nas fontes já citadas. Segundo ele.

Tem os [gays] que vão pro *Produção*, a casa toca bastante samba e algumas noites pagode, tem dias que vai bastante lésbica. No *Wonka* é mais alternativo. Os [frequentadores] do *Wonka* gostam mais de *rock* e dependendo do dia dá bastante gay lá, é uma coisa mais alternativa mesmo. No *Blues Velvet* tem mais hetero. Lá toca samba, *jazz*, *rock*, e umas noites com karaokê. (Entrevista informal com Everton em 12/03/14)

Essas três boates ficam na Rua Trajano Reis e muito próximas uma das outras. Para ele, nelas há a possibilidade de paquera entre pessoas do mesmo sexo sem que isso gere algum tipo de rejeição homofóbica dos frequentadores. Independente de uma classificação específica, elas aparecem no discurso de Everton porque possuem legitimidade para a pegação homossexual. Vale a pena citar também as Ruas Saldanha Marinho e Cruz Machado. Conhecidos pontos de prostituição de travestis. Quando se passa por essas ruas à noite é comum vê-las nas calçadas, conversando umas com as outras ou com possíveis clientes que as abordam de carro ou mesmo a pé. Pela proximidade, elas costumam frequentar a *Cats* para curtir a noite. Muitas delas, senão todas, conhecem as *drags* da boate e elas curtem a festa na companhia de outras travestis e de amigos gays. Essa etnografia não deu enfoque às narrativas de diversão das travestis, mas é evidente que a *Cats* é uma referência do circuito frequentado por elas.

É interessante perceber a mudança do mapeamento dessa mancha a partir das informações coletadas. Observam-se boates que foram citadas além do material publicitário, mostrando que as definições dos frequentadores são mais amplas e complementares que aquelas do *merchandising gay*, considerando mais estabelecimentos. Além dos espaços públicos que também fazem parte da socialidade gay nessa malha urbana.

MAPA 2 – ARREDORES DA CATS



FONTE: O autor a partir do *Google Maps* (2013).

LEGENDA: Os pontos vermelhos são as boates citadas. O bloco em verde claro é a área referente às ruas Cruz Machado e Saldanha Marinho; a área em vermelho corresponde ao Largo da Ordem e a área em azul à rua Trajano Reis.

### 1.5 AS DIFERENCIAÇÕES DAS BOATES

Neste tópico, serão apresentadas algumas especificidades das boates curitubanas que fizeram parte da pesquisa e estão citadas no mapeamento do item anterior. Para isso, utilizarei as considerações dos dois grupos que acompanhei na etnografia e os comentários e descrições que estão no material publicitário, especialmente do *site guiagaycuritiba.com.br*. Também faz parte das análises as minhas saídas sozinho ou com amigos pessoais, levando em conta que os grupos não frequentavam todos os estabelecimentos que estavam no material publicitário. Ainda assim, é preciso dizer que as informações a seguir são uma visão contextual da vida noturna gay de Curitiba, dada a diversidade desse circuito de lazer, da sua mudança ao longo do tempo e de acordo com a perspectiva de cada grupo ou situação em que eu estava. Ainda assim, é possível identificar as diferenciações comuns feitas sobre os estabelecimentos e seus frequentadores, que revelam critérios estabelecidos de distinção social.

Para começar, quero apresentar a *Cats Club*, que sem dúvidas ocupa um lugar de destaque na noite gay da cidade. Está aberta desde 1999 e é uma das mais antigas em funcionamento. No material publicitário pesquisado ela foi uma

unanimidade, aparecendo em todas as fontes. Poucas pessoas em Curitiba não ouviram falar da boate e mesmo quem nunca a frequentou sabe que ela é um espaço gay. Ela apareceu no meu radar desde o comentário jocoso do frequentador do *James* relatado na introdução. Havia uma carga de preconceito sobre a boate e foi justamente essa fama que me fez querer conhecer o local, que foi o mais visitado no período da pesquisa de campo, 12 vezes ao todo. Inicialmente fui sozinho, até que numa dessas noites eu conheci o grupo de amigos de São José dos Pinhais e passei a frequentá-la acompanhado da turma. Também me chamava a atenção a boate ter as marcas características do imaginário sobre baladas gays conforme escreve Palomino (1999:151): os shows cômicos e as dublagens de *drag queens*, a presença de travestis, as performances de *gogo boys* e *gogo girls* e a pegação homossexual. Como sabemos, essas características não se aplicam a todas as boates pesquisadas, mas a *Cats* preenchia esses requisitos. Até o estilo musical é levado em conta, sendo a boate conhecida pelo *bate cabelo*, um estilo musical que faz referência às apresentações de *drags* ou travestis que giram sem parar o cabelo ou a peruca. Já na descrição do site *guiagaycuritiba.com.br*, que não publica o nome do autor dos textos transcritos a seguir, outras informações aparecem. Segue descrição do site:

*Miaaaa!* A *Cats* é uma das baladas GLS<sup>20</sup> mais antigas da cidade. *Lá rola todo tipo de público, inclusive héteros*, mas também é muito frequentado por *drags queens* e travestis. Aliás, as *hostess* são as *drags* mais conhecidas da cidade, verdadeiras *Pop Stars* que te recepcionam do lado de fora e já vão te colocando no clima da balada! Outro destaque fica por conta dos *Gogo Boys*, que dão um show à parte. Atualmente, não são todos os dias que a balada bomba, mas quinta e sábado costuma estar mais lotada. A pista superior é o melhor lugar da festa, inclusive com uma jaula onde ficam vários “gatinhos” dançando, e claro, você pode ir lá se juntar a eles. (FONTE: *guiagaycuritiba.com.br*. Acesso em 01/11/2013. Destaque em itálico do pesquisador)

O texto destaca as opções de diversão do estabelecimento, mas chama a atenção um dado sobre os frequentadores, pois eles seriam “todo tipo de público”. Como já percebi acompanhando os grupos que fizeram parte da etnografia, essa

---

<sup>20</sup>GLS é a sigla para Gays, Lésbicas e Simpatizantes. A pesquisadora já citada nesse trabalho, Isadora França (2007), destaca que essa terminologia surgiu nos anos 1990 para designar a consolidação de um comércio de produtos e de serviços voltado a essa parcela da população. A sigla aponta para o consumo ampliado desse mercado ao incluir os “simpatizantes”, que não seriam homossexuais, mas que de certa forma estariam relacionados a esse universo. O termo está em desuso entre os frequentadores das baladas com quem desenvolvi a pesquisa.

expressão carrega um sentido pejorativo, buscando desmerecer um local reforçando seu caráter popular. O texto ainda afirma que nem todos os dias a balada está movimentada, ou seja, “bomba”. Às vezes em que estive lá confirmam essa informação, ainda que eu tenha presenciado a casa noturna completamente lotada em algumas oportunidades.

O grupo de amigos de São José dos Pinhais, por sua vez, vinha tendo preferência por outra boate, a *Side Caffè*. Curiosamente, existem semelhanças entre os estabelecimentos. O estilo musical predominante também é o *bate cabelo*; entre os frequentadores podemos identificar uma presença constante de travestis e *drag queens*, ainda que as performances no palco sejam mais raras na *Side*; as duas possuem um *dark room* e a pegação acontece dentro e fora dele. A estrutura física é menor da *Side* e dependendo do dia o pequeno palco funciona como camarote ou cabine do DJ. O grupo de amigos de São José tinha uma estratégia interessante. A noite pode começar na *Cats* e todos entram mais cedo com valor promocional. Caso a boate não estivesse movimentada, eles pegam um táxi ou vão de carro para a *Side*, que fica a algumas quadras dali e possui a entrada com preço fixo a noite toda considerado barato entre a turma, de 5 a 10 reais. No período da pesquisa, estive ao todo cinco vezes na *Side* e em todas as oportunidades a balada estava lotada, o que reforça a tendência de alta do estabelecimento não somente entre o grupo de amigos. A descrição no [guiagaycuritiba.com.br](http://guiagaycuritiba.com.br), entretanto, vai fazer referências mais depreciativas sobre os frequentadores.

Se você procura um lugar desencanado para se divertir horrores com os amigos, ouvir o melhor do *bate cabelo* atual e antigo, sem se importar com as pessoas que estiverem ao seu redor, acabou de achar: *Side Caffè Bar*. [...] E de final de semana, como a casa costuma ficar super lotada, a chance de você encontrar sua “cara metade” aumenta! Aviso: dependendo do dia, o banheiro fica “quente” demais e tem uma parte ao lado dele que, inclusive, costuma virar um “super *dark room*” improvisado. O público do *Side* é bem mesclado, incluindo travestis e *drag queens* e também a *galera mais popular*. O *Side Caffè Bar* é o lugar de quem é descolado e não se importa muito com aparências! (FONTE: [guiagaycuritiba.com.br](http://guiagaycuritiba.com.br). Acesso em 01/11/2013. Destaque em itálico do pesquisador).

Aqui as referências sobre pegação estão mais explícitas e contam com a possibilidade de “caçar” nas áreas externas, de encontrar a cara metade quando a balada está cheia e de aproveitar o *dark room* improvisado no banheiro (além do *dark* oficial que fica no piso de cima e não foi mencionado). Já a descrição do público frequentador segue as distinções que já conhecemos, como o termo “galera

mais popular”, além da parte que “não se importam muito com as aparências”. Novamente, essas expressões são facilmente identificadas como negativas. Mesmo o termo “descolado”, que significa uma pessoa com personalidade e atitude, parece ser necessário para poder curtir o local. Já o sentido de “público mesclado” não é possível definir com precisão. Essa expressão não é utilizada por ninguém com quem conversei na pesquisa, mas dá a entender que o público seja variado, com pessoas cis e transgêneras.

Outra boate que vale a pena mencionar é a *Manhattan*, que fechou as portas em meados de 2013. Ela chamava a atenção especialmente do público mais jovem com as matinês de domingo, em que menores de idade podiam entrar. Nessa balada fui sozinho uma única vez, em novembro de 2012. Assim como na *Cats*, a boate promove shows de *bate cabelo*. As apresentações no palco são tão marcantes que no segundo semestre de 2013 os organizadores promoveram matinês de domingo em um espaço para eventos no Largo da Ordem. Algumas pessoas do grupo de amigos de São José haviam me dito que frequentavam o local quando começaram a sair, mas durante a pesquisa já não realizavam mais saídas lá.

Já a boate *New SPM* faz parte da tradição dos estabelecimentos que iniciaram as baladas gays em Curitiba. Segundo a revista *Lado A Sul* (edição de agosto de 2007) ela foi inaugurada em 1981 e se chamava *Época*. Ao longo dos anos foi mudando de local e de nome<sup>21</sup>. SPM significa “Só Para Maiores”. No seu atual endereço, na Rua Professor Fernando Moreira, 185, ela fica muito próxima do *Opção Bar*, um estabelecimento que não possui pista de dança, mas que concentra os frequentadores da *New SPM* que passam lá para conferir o movimento antes de ir pra balada.

Em comum, todos os estabelecimentos citados até agora se destacam pela presença regular de *drag queens* e travestis e promovem, com maior ou menor frequência, shows e apresentações de palco. Nesses locais, há muitos rapazes jovens com uma expressão de gênero afeminada, daquela atribuída à “bicha”. É possível identificar isso dentro de uma estética que compõe o estilo dessas pessoas como: shorts curtos, camisetas decotadas, acessórios, maquiagem no rosto, o penteado do cabelo, trejeitos femininos, etc. Essa combinação se refere, em alguma

---

<sup>21</sup> Segundo a matéria desta edição da *Lado A Sul*, a boate já teve os seguintes nomes: *Época*, *Acya*, *New Época*, *SPM* e *New SPM*.

medida, a androginia, um tanto de masculino para outro tanto de feminino. Por vezes essas pessoas falam alto, gesticulam de forma escandalosa, pois se sentem à vontade para isso. Há, por sua vez, rapazes que exibem corpos atléticos ou definidos, que flertam com um jeito mais masculino de se portar. Entre as mulheres cis esse padrão se repete e é possível ver mulheres masculinas e femininas. Também frequentam homens e mulheres transexuais, mas nem sempre é possível saber disso pela aparência da pessoa. De qualquer forma, as travestis são definitivamente um destaque, pois costumam se vestir com roupas sensuais e com corpos esculturais, especialmente as que se apresentam no palco.

É nesse circuito de boates que os amigos de São José dos Pinhais se encontram, ainda que atualmente eles não frequentem mais a *New SPM* e a *Manhattan*, esta última já fechada. Já entre os baladeiros que acompanhei do Cafezinho, essas baladas não eram conhecidas, com exceção da *Cats* e às vezes da *Side*. Com eles estive em outro circuito de lazer noturno que vou apresentar a seguir. A primeira boate desse segundo grupo de boates é encabeçada pelo *Bar James*, que apareceu na introdução deste trabalho. Essa era uma das boates mais comentadas do momento, tanto no material midiático quanto entre os rapazes do Cafezinho. É considerada uma boate tradicional da cidade, fundada como bar em 1998 e em 2000 se tornou uma casa noturna de *rock* com pista de dança. Ao longo dos anos foi introduzindo o *pop music* como ritmo musical regular. Ela funciona de terça a domingo e segue um cronograma de semana com uma festa específica para cada noite<sup>22</sup>. É conhecida no *James* a grande fila que se forma na entrada e pela constante lotação dentro do espaço. Porém, o grupo concordava que isso era uma desvantagem, porque para curtir a noite tínhamos que nos preocupar com o horário de chegada para fugir da fila e dentro do local era difícil andar ou dançar pela lotação. Eu estive em quatro oportunidades no *James*: uma vez com cada grupo da pesquisa e duas vezes com outros amigos. Segue a transcrição feita pelo site [guiagaycuritiba.com.br](http://guiagaycuritiba.com.br):

---

<sup>22</sup> As festas mais conhecidas e movimentadas do *James* possuem os seguintes nomes: *Quarta Rock*, *James Sessions*, *In New Music We Trust* e *Batalha de Ipod*.

Já foi conhecida como uma balada mixta, mas agora virou o melhor point gay da cidade. Lá você vai encontrar música boa, e claro, muita gente linda. É a noite perfeita para uma boa diversão! Isso sem contar que o bairro Batel é o mais badalado da cidade, cheio de barzinhos e muitas opções bacanas para fazer por perto. (FONTE: guiagaycuritiba.com.br. Acesso em 01/11/2013)

Nesse trecho há uma diferença significativa na fala sobre os frequentadores e sobre o bairro Batel em relação às boates anteriores. É citado como “melhor point gay da cidade” e por se localizar em um bairro considerado nobre, leva um tipo de crédito extra, como todos os outros estabelecimentos noturnos da região. O termo “balada mixta”, entretanto, não é usado por ninguém com quem eu tenha conversado durante a pesquisa, mas provavelmente tem relação com o fato do *James* ser frequentado tanto por héteros quanto por homossexuais ou tanto por homens quanto por mulheres. Inclusive, um dos amigos do Cafezinho confirmou a informação do *blog* de que o público gay foi ganhando espaço ao longo do tempo no *James*. Portanto, nem todos que frequentavam o local enxergam a boate como ambiente gay, ainda que a pegação homossexual aconteça dentro do estabelecimento. A região também é movimentada no período da noite e há concentração de pessoas nos finais de semana na Praça da Espanha ou nas ruas Vicente Machado e Carlos de Carvalho. A região também é uma área residencial. Muito próximo do *James* fica o *Lucci Meeting Club*, que também fez parte da pesquisa. O lugar é literalmente um restaurante, bar e balada ao mesmo tempo<sup>23</sup>. Ele abre mais cedo, por volta das 19 horas e oferece serviço de gastronomia. O local se torna balada por volta das 21h, quando o DJ começa a tocar numa pista do piso superior. Ele fecha mais cedo que os demais estabelecimentos, por volta das 2h da madrugada, e serve como um esquentar para quem ainda vai procurar outra boate. Inclusive, existe uma parceria entre o *Lucci* e o *James*. Os frequentadores do *Lucci* podem entrar no *James* sem esperar na fila e com o preço promocional. Os estabelecimentos ficam muito próximos e é possível ir a pé. Fiz isso com os rapazes do Cafezinho em uma das noites que estive com eles. O *Lucci* foi o destino mais frequentado por eles, que inclusive comemoraram um aniversário no local.

---

<sup>23</sup> Em sua página do *facebook* o *Lucci* é descrito como um espaço “completo” e vou transcrever a seguir os serviços disponíveis em sua página do *Facebook*: “Pré-balada, restaurante, cervejas, *drinks*, gastronomia contemporânea, boa música, deque para fumantes, ambiente cosmopolita, *happy hour*, almoços de fim de semana, ponto de encontro, *lounge*, pista de dança, comida orgânica e vegana, massas e pizzas, sobremesas, saladas, carnes, petiscos, refeições”. (FONTE: página do *facebook* do *Lucci*. Acesso em 12/11/2013)

Outras duas boates frequentadas pelo grupo foram o *VU Bar* e o *Bar do Simão*. As duas ficam na Avenida Manoel Ribas, que liga Largo da Ordem ao bairro Santa Felicidade. As boates funcionam de terça a domingo e a turma prefere frequentá-las durante a semana em que as baladas não costumam estar lotadas. Nas duas boates vale destacar o *open bar*, que é uma promoção com algum *drink* específico liberado gratuitamente por períodos determinados ao longo da noite. No início da festa sempre começa um horário de *open*, para motivar as pessoas a chegarem mais cedo, segundo um dos membros do Cafezinho. É famoso no *Bar do Simão*, por exemplo, o *killer drink*, uma bebida verde à base de vodka que é distribuída aos montes nos *open bars*. Apesar das semelhanças, as duas boates estão em momentos diferentes na carreira da vida noturna curitibana. O *VU* é conhecido na cidade desde 2005, uma das casas noturnas mais tradicionais. Em 2011 e 2013 ele passou por reformas que consolidaram o estabelecimento como balada, pois a pista de dança passou a ocupar um espaço cada vez maior. Já o *Bar do Simão* foi inaugurado em 2011 e era relativamente uma novidade na cidade. Como no caso da *Cats* e *Side*, as pessoas circulavam entre essas boates, até porque elas ficavam próximas e era possível ver o movimento na frente do *VU* no caminho para o *Simão*, vindo da região do centro da cidade.

Essas foram as principais boates frequentadas pelos rapazes que eu acompanhei do Cafezinho: *James*, *Simão*, *VU* e *Lucci*. Outra semelhança entre elas é tocarem um estilo musical conhecido como *pop music* internacional e alguns DJs costumam tocar entre esses estabelecimentos. Esse é um ritmo musical que já possui seus clássicos de décadas passadas, mas que sempre se renova com novos lançamentos, além da publicidade constante dos artistas e suas produções. Como será explicado em mais detalhes no capítulo três, esse é o ritmo predominante entre os amigos baladeiros do Cafezinho.

Outro ponto em comum dessas boates é que diferente dos locais em que reina o *bate cabelo*, os frequentadores estão mais de acordo com as normas tradicionais de gênero e a “bicha” e o afeminado são mais difíceis de encontrar, apesar de nunca completamente ausentes. Além disso, elas estão fora do circuito de apresentações das *drag queens* e travestis. Com relação à pegação, essas boates não possuem *dark room* e os banheiros são mais vigiados pelos funcionários das casas. Entretanto, durante a festa a paquera é livre entre pessoas do mesmo sexo e beijos acalorados acontecem pelos cantos e na pista de dança.

As outras boates que apareceram no material publicitário eu tive que conhecer sem a companhia dos membros dos grupos. Em algumas eu fui sozinho e em outras eu aproveitei a companhia de amigos e conhecidos pessoais, que não fizeram parte da pesquisa. São locais conhecidos na cidade, também considerados tradicionais. Elas possuem características únicas e vou destacá-las a seguir. A começar pela *CWbears*, que está localizado no Largo da Ordem e funciona desde 2008. O termo *bear*, ou urso em português, faz referência a um estilo homossexual que tem proximidade com elementos da masculinidade tradicional: barba densa e corpos fortes, gordos e com pelos. Critérios corporais distintos da preocupação estética do homem atlético e malhado que está presente em outras baladas. Ainda assim, homens fora desse padrão também frequentam o espaço. Durante os dias úteis o local funciona como um bar e se torna balada nos finais de semana, por volta da meia noite. Muitos frequentadores chegam de outros locais ao longo da madrugada para estender a noite, pois já é tradicional o eletrônico da casa tocar até o dia amanhecer. Estive nessa boate em três oportunidades. O público é em geral mais velho. O local é um dos menores entre os estabelecimentos pesquisados, mas isso não é necessariamente uma desvantagem, já que não é preciso muitas pessoas para ter a sensação de estar movimentada. O local não tem um *dark room*, mas o banheiro é famoso pelas pegações, como na descrição do Guia Gay Curitiba:

Agora, se você tá buscando mesmo é se jogar na pegação... corra para o banheiro e vá ser feliz! Bafo: lá no banheiro tem um canto onde os ursos podem se soltar mais!!! UM BABADO<sup>24</sup>!!! Sem contar que o CW Bears é super bem localizado, no coração do Largo da Ordem. (FONTE: [guiagaycuritiba.com.br](http://guiagaycuritiba.com.br). Acesso em 01/11/2013).

A grande maioria dos frequentadores é de homens, mas lésbicas e travestis também se fazem presentes. A boate é conhecida pela presença de DJs reconhecidos local, nacional ou internacionalmente. O estilo musical predominante são as variações da *house music* e não necessariamente ligadas ao universo gay. Outra boate conhecida pela música eletrônica é a *Black Box International*. A balada funciona uma vez por semana, sempre aos sábados e eventualmente às vésperas de feriados. Os DJs convidados são sempre a grande atração de cada noite. É

---

<sup>24</sup> A expressão “babado” é uma gíria gay que significa algo muito legal, chamativo ou uma novidade. Também utilizado como sinônimo de homossexual. Por exemplo: aquele rapaz é do babado, ou seja, ele é gay.

possível se planejar para ir a essa balada comprando os ingressos antecipadamente no *site*, pois o valor da entrada no dia chega a ser o dobro mais caro. Estive na *Box* em uma oportunidade com amigos que não faziam parte da pesquisa. Foi uma *white party* em que se recomendava que os frequentadores usassem roupas brancas. Havia um *gogo boy* e uma *gogo girl* com adereços de anjos dançando numa parte elevada no meio da pista. O que chama a atenção nessa balada em relação às outras é que alguns frequentadores homens ficam sem camiseta. Os descamisados seguem o padrão da masculinidade malhada de academia, corpo atlético. Os únicos que fazem isso na festa. O preço da entrada é um dos maiores entre as boates pesquisadas e a descrição do *guiagaycuritiba.com.br* ressalta que essa é uma boate de “resiste com *glamour*” na noite curitibana.

Entre os estabelecimentos do material publicitário, o *Jack In* é o único que foge das características de uma boate. Ele oferece música ao vivo e o estilo varia muito, de sertanejo, forró, MPB e músicas dos anos 1970 e 1980. O local tem dois ambientes e oferece serviço de cozinha. Há um grande salão com mesas e uma pista de dança, mas depois de um tempo as mesas são afastadas e a pista fica com um espaço maior. É conhecido por ser um local com uma presença regular de mulheres lésbicas, mas é um público variado e homens gays também frequentam o local.

Como eu havia dito, a apresentação dessas boates representa um pequeno recorte no espaço tempo da atuação delas em Curitiba, de acordo com a pesquisa na internet que realizei e minha experiência como frequentador. Por isso, vale a pena destacar que as pessoas podem ter visões bastante diferentes sobre elas e só fui capaz nesse momento de apresentar um panorama geral. Ao longo do trabalho, entretanto, alguns desses estabelecimentos serão mais bem detalhados quando eu apresentar a etnografia que desenvolvi com os dois grupos. Após esse momento, a experiência como frequentador muda completamente, pois eu passo a acompanhar novas perspectivas de diversão. Dessa forma, pude perceber que a grande contribuição dessas festas para os frequentadores é a interação, ou seja, elas conseguem fazer com que as pessoas se relacionem: vejam os amigos, façam novas amizades, encontrem um parceiro, dançam na pista e tomem alguma bebida alcoólica. Assim acontece a curtição da festa, que é sempre de ordem compartilhada. Depende do público em geral e de uma companhia pelo evento. No

capítulo seguinte, vou descrever minha aproximação com o primeiro grupo de amigos que tive contato pela pesquisa, a turma de São José dos Pinhais.

## 2 O GRUPO DE AMIGOS DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

### 2.1 O ENCONTRO COM A TURMA

Depois de conhecer as boates gays de Curitiba pelo material publicitário e pelas saídas ocasionais com pessoas que eu já conhecia, optei por começar um trabalho de campo mais sistemático e resolvi frequentar uma balada sozinho. A boate escolhida foi a *Cats Club*, local considerado tradicional do universo gay da cidade que eu ainda não tinha ido. Além disso, me chamava à atenção o preconceito que recai sobre o estabelecimento, como relatado no capítulo anterior, e se tornou um objetivo da pesquisa entender melhor esse estigma. Também era a intenção tentar uma aproximação com os frequentadores para acompanhá-los nessa e em outras boates pela cidade. Já nesse período, eu percebia a importância do caráter coletivo das baladas, especialmente os grupos de amigos que compartilham a experiência da noite.

Como frequentador solo, pude realizar sete visitas à *Cats* de setembro de 2012 até maio de 2013. Nessas ocasiões, eu buscava agir como mais um na boate, segurava um copo de bebida na mão, andava pelos espaços da casa e dançava na pista de dança. Por vezes, eu precisava vencer a timidez para fazer algum tipo de aproximação. Eu imaginava que minha presença como pesquisador pudesse causar desconfiança nas pessoas, mas as oportunidades apareciam e eventualmente eu conversava com alguém no fumódromo ou sentado no sofá. Sempre era possível puxar papo sobre a noite ou sobre outros locais que as pessoas frequentam. Por outro lado, houve situações em que as pessoas vinham falar comigo e algumas vezes pela interação da paquera. Como eu havia dito, essas foram oportunidades de conhecer os frequentadores dentro da lógica de curtição que faz parte do espaço. Entre as pessoas com quem conversei, algumas estavam ali pela primeira vez enquanto outras já conheciam esse e outros locais gays da cidade. Assim foi possível conversar sobre a própria *Cats* e ouvir comparações, críticas e elogios em relação a vida gay curitibana. Entretanto, até então, as pessoas com quem eu conversava não tinham uma regularidade nas festas e as saídas delas eram ocasionais. Até que em maio de 2013 eu conheci um rapaz com quem desenvolvi uma amizade e ele me apresentou seus amigos, a turma de São José dos Pinhais. A

partir desse momento, o campo de pesquisa mudou completamente e passei a frequentar as baladas de acordo com as experiências deles nessas festas.

A forma como a aproximação aconteceu é reveladora do potencial da pegação para criar laços entre as pessoas. Eu estava na pista de dança e percebi os olhares de um jovem rapaz que chamarei de Jorge. Me chamou a atenção nele os *piercings* no lábio, no nariz e as tatuagens nos dois braços e no peito. Ele passou por mim acompanhado de outro rapaz que depois voltou, me chamou e disse: "Olá, tudo bem? Meu amigo gostou de você". Já sabendo de quem se tratava, demonstrei interesse e pedi para chamá-lo. Quando ele chegou, trocamos alguns elogios e ficamos ali mesmo na pista de dança. Depois de um tempo, sentamos num sofá que fica ao fundo do ambiente e lá, contando um pouco sobre cada um, eu pude falar do meu trabalho como pesquisador e do interesse em conhecer as boates gays de Curitiba. Sem mostrar surpresa, Jorge me disse que costuma sair com regularidade e que poderia me apresentar os locais que ele frequenta. Trocamos nosso número de celular e combinamos de nos ver na próxima oportunidade, pois nessa noite ele foi embora logo depois com seus amigos, a caminho de outra balada. Quando nos despedimos ele me disse que gostaria de manter uma amizade comigo, independente da gente ter ficado e, desde então, passamos a nos relacionar como amigos.

Jorge tem 18 anos, é branco e tem um corpo magro e alto. Ele tem um estilo marcante em usar calças ou bermudas com camisetas regatas ou rasgadas. O cabelo está geralmente penteado com pasta modeladora, além do uso de acessórios como pulseiras e colares. Com ele eu mantive conversas frequentes através das redes sociais e realizei uma entrevista em 13 de outubro de 2013 pelo *Facebook* em que conversamos um pouco sobre sua história de vida e a questão da homossexualidade. Ele me contou que vive com os pais em São José dos Pinhais desde 2010 e a amizade com a turma começou já nessa época. Está matriculado no terceiro ano do Ensino Médio, mas não estava frequentando a escola. Ele me disse que não via perspectiva em continuar estudando no momento, mas que futuramente isso poderia mudar. Sobre a sexualidade, me disse que se considera homossexual, mas ainda não contou isso aos seus pais, apesar de dizer que eles provavelmente já saibam. Ele diz que sempre frequentou as boates em Curitiba, mas que agora a frequência é menor, ou seja, entre uma ou duas vezes por semana. Ele era um dos frequentadores da *Manhattan* e da *New SPM*, mas disse que se cansou de lá por

sempre ver as mesmas pessoas e, como veremos mais a frente, costuma sair agora para a *Cats* e para a *Side*. É importante destacar que Jorge possui um círculo de amigos maior que a própria turma de São José dos Pinhais e combinou saídas sem a companhia do grupo durante a pesquisa. Mesmo assim, ele tinha fortes vínculos com os rapazes e se considera irmão de alguns deles. Pela amizade que desenvolvemos, Jorge se tornou meu principal interlocutor com a turma, a pessoa com quem eu combinava os encontros que sucederam. Ele esteve presente em todas as saídas que participei. De março até dezembro de 2013, foram seis noites em baladas. A partir de julho do mesmo ano os encontros se estenderam para outras atividades, como duas festas caseiras.

Na semana seguinte que conheci Jorge, ele me convidou para ir novamente à *Cats*, na primeira edição da festa *Secret Glass*. Foi um evento bastante divulgado e a casa estava lotada. O destaque da noite era o DJ residente da boate paulistana *The Week*, Leandro Becker. Outro chamativo era que os 100 primeiros que chegassem à festa receberiam óculos escuros. Eu cheguei um pouco mais tarde essa noite e fiquei sem, Jorge e seus amigos estavam com os seus. Foi nessa oportunidade que ele me apresentou a turma da qual faz parte e que nessa noite reunia nove pessoas entre amigos e conhecidos. Por isso, vou começar a apresentá-los pelo núcleo mais próximo, a começar pelo trio de amigos da qual Jorge faz parte. O primeiro é Ricardo, de 18 anos. Ele é branco, magro e de estatura mediana. Costuma usar roupas com um estilo parecido com o de Jorge, especialmente as camisetas rasgadas e decotadas, mas não tinha tatuagens ou *piercings*. Ele também esteve em todos os eventos que participei com o grupo e com ele pude realizar entrevistas informais nos encontros que tínhamos. Nessas ocasiões ele me contou um pouco sobre sua história de vida. Mora com a mãe em São José dos Pinhais e já terminou o Ensino Médio. Trabalha como auxiliar de dentista e estuda para se profissionalizar nessa área. Tem no trabalho um vínculo que o permite financiar suas saídas e dentro do grupo era aquele que já tinha estabelecido seus objetivos profissionais. Já o terceiro membro desse núcleo é Iago, de 19 anos. Ele é mais novo como amigo do grupo e começou a sair com a turma no final de 2012. Conheceu os rapazes na balada através de Jorge quando os dois chegaram a ficar, mas logo a relação ficou só na amizade. Ele também precisava terminar o Ensino Médio e não estava frequentando a escola. Mora com os pais e trabalha como garçom de uma pizzaria em São José dos Pinhais. É branco, magro,

um pouco mais baixo que os outros rapazes. Costuma se vestir com o mesmo estilo deles e esteve presente em cinco encontros em baladas. Foram com essas três pessoas que eu mantive um contato maior ao longo da pesquisa, inclusive combinando duas saídas somente com eles. Havia uma parceria entre os três em combinar a vinda para as festas e dividir as despesas, inclusive emprestando dinheiro em algumas situações. Na hora de ir embora ninguém pode ficar para trás e o ideal é achar uma carona para São José em que todos possam voltar. Em última instância, é possível ir até o terminal Guadalupe em Curitiba a pé ou de táxi e pegar os primeiros ônibus do dia para a região metropolitana.

Uma pessoa muito próxima desse núcleo de amigos que estava nessa noite é a Brigitte, que tem um papel especial para todo o grupo todo. Ela foge do tipo comum do público da *Cats*. Tem 42 anos, é heterossexual, branca e loira. Na ocasião em que a conheci ela prendia o cabelo com um rabicó, vestia uma calça jeans e uma camisa vermelha. No rosto uma maquiagem leve e um batom rosa. Quando fui apresentado por Jorge, Brigitte foi muito simpática, me cumprimentou com um abraço forte e um sorriso largo. Logo de cara ela me contou sobre sua relação com as boates gays e disse que vem quase todo o final de semana para Curitiba para curtir a noite. Ela costuma vir de carro com os rapazes e como não toma bebidas alcoólicas, se torna a carona perfeita para eles. Ela adora o público em geral das boates gays e afirma que lá as pessoas são maravilhosas, educadas e que te respeitam. Faz uma comparação com uma boate frequentada por heterossexuais em São José dos Pinhais em que acontecem situações de violência, como brigas com facas. Em oposição a isso, ela usa a palavra liberdade para descrever a diversão nas baladas gays. Ela também tem um apreço especial pela música eletrônica e pela curtidão na pista de dança. Sua preferência é pelos ritmos do eletrônico *house music* e não gosta quando na balada só toca *bate cabelo*. Ela acompanha os DJs Marcinha Eggers, Fran Rocha, Leo Fernandes e Luan Fernandes, que tocam na *Cats* e em outras boates, e sempre leva em conta o estilo de música da noite para escolher qual boate frequentar.

Brigitte é uma referência para os rapazes e uma figura central nesse grupo de amigos. Por isso, realizei com ela uma entrevista em 17 de outubro de 2013 em que tive a oportunidade de conhecer um pouco da sua história de vida. Ela ressalta a dolorosa perda do marido há quinze anos, seguido por um longo período de luto. Até que em 2011 um amigo a chamou para sair num final de semana e o destino era

uma boate gay. Ao chegar à balada, se deu conta de um universo até então desconhecido, mas muito acolhedor. Segundo ela, era um ambiente sem julgamentos e sem preconceitos em que pôde dançar e se divertir como há muito tempo não fazia. Quando começou a sair com mais regularidade foi fazendo novas amizades e desenvolvendo uma afinidade especial com homossexuais, especialmente homens gays. Além disso, Brigitte é uma figura bastante carismática que desenvolve laços afetivos com as pessoas que vai conhecendo. Ela me contou que suas amizades com os meninos foram se formando a partir da paquera entre eles, tendo ela como correspondente. Mesmo quando a relação não dava certa ou acontecia algum conflito, ela fazia questão de não interferir e mantinha os novos amigos. O trecho a seguir ilustra essa situação.

Brigitte: [Nas baladas] Conheci, fiz amizade, conheci um monte de gente. E é assim, através do Marcos que foi o menino com quem eu saí na primeira vez e fui conhecendo outros meninos. Porque assim, ele ficava com um menino lá. “Ahn eu quero ficar com aquele lá. Vai lá, fala pra ele que eu quero ficar com ele”. “Como assim vai lá e fala pra ele que quero ficar com ele?” Não, chega pra ele.

Pesquisador: ele queria que você fosse...

Brigitte: Exatamente. Eu *tava* lá dançando e ele “tá vendo aquele menino lá. Fala pra ele que eu quero ficar com ele”. Ahn fala vai lá fala você. Eu não, tenho vergonha. Eu chegava, “oi tudo bem, como vc está?” Daí ele, ahn tudo bem, adoro ver você dançando. Eu: afff, que nem uma palhaça né? Porque eu pulo, eu grito, eu apronto mesmo, né. Daí ele bem assim: não, é legal. Como que é teu nome? Brigitte e o seu? Ahn, por exemplo, Fabiano. O meu amigo lá quer ficar com vc. Rola, não rola? Da certo ou não dá certo? Qual deles que é? Ahn o da camisa tal. Ahn manda ele vir aqui tal. (FONTE: entrevista em 17/10/2013)

A tática do mensageiro da paquera é a mesma dinâmica de quando conheci Jorge. A vantagem mais evidente desse tipo de interação é que se o rapaz não estiver afim, o pretendente não escuta isso na cara, mas através do amigo. Como quando aconteceu comigo, geralmente o recado é dado depois de uma troca de olhares, minimizando os riscos de rejeição. Por conta dessa dinâmica, Brigitte tem uma rede de contatos muito ampla. Ela conta dez amigos com quem se encontra nas boates ou na casa dela, a maioria homens homossexuais. Ela os chama de “meus meninos” e Jorge afirma que admira Brigitte como uma mãe para ele. Nas baladas que estive com a turma, ela esteve em três. Houve também dois encontros em sua casa em São José dos Pinhais, um churrasco e seu aniversário. Além disso, os roteiros de diversão desse grupo de amigos geralmente passam pela casa da Brigitte. Eles se encontram lá para se arrumar, fazer um esquentado e na volta da

balada ainda podem posar, já que é uma casa grande e possui espaço para todos. Mesmo quando Brigitte não vai junto para as festas, eles têm a possibilidade de se encontrar na casa dela para deixar uma mochila e arrumar a sala para poder dormir quando voltarem. Então pegam o ônibus no terminal urbano Afonso Pena ou vão de carona com um amigo que trabalha como DJ em Curitiba. Na volta, que pode acontecer no início da manhã, retornam para casa e entram sem fazer barulho. Eles podem passar o final de semana lá, ajudar na preparação do almoço e na arrumação da casa.

Voltando à festa *Secret Glass*, nessa noite eu tive a oportunidade de conhecer mais cinco rapazes que faziam parte do grupo. O primeiro é aquele que chamarei de Lucas, de 19 anos. Ele morou na casa de Brigitte durante alguns meses durante o período da pesquisa porque tinha uma relação muito conturbada com a família. Trabalha junto com Iago na pizzaria da cidade e em comparação aos outros rapazes costuma sair menos para Curitiba. As conversas que tive com ele sobre sua vida pessoal foram na casa de Brigitte e em uma dessas oportunidades ele me contou ter passado por um processo de transformação de gênero tomando hormônios femininos não regularmente desde os 14 anos. Atualmente ele parou o tratamento e se identifica hoje com um nome masculino semelhante a Lucas, mas não se define em uma identidade de gênero específica. Ainda assim, seu corpo mantém traços femininos, como um quadril mais largo e pequenos seios. Ele ressaltava essas características na balada usando calças justas e largos decotes, às vezes com o peito de fora. Além dessa vez na *Cats*, ele esteve em outra noite com a turma na *Side*.

Outro membro do grupo que conheci essa noite foi Gustavo, de 18 anos. Dos encontros que participei, ele esteve em duas noites em boates e nos dois encontros caseiros. Ele se mudou com a família recentemente para Curitiba vindo do interior do Paraná. É branco, alto, de corpo atlético e mantém uma rotina de exercícios na academia de musculação. Por vezes se veste com camisetas regatas, que destaca os braços fortes e reforça um estilo mais masculino. No período dessa festa, ele tinha um relacionamento com Ricardo e os dois estavam *ficando*. Ao mesmo tempo, é verdade que Ricardo agia com certa indiferença em relação a Gustavo, especialmente na balada, onde ele demonstrava interesse em *ficar* com outras pessoas. Enquanto isso, Gustavo deixava evidente que só lhe interessava um relacionamento monogâmico e como Ricardo não tinha a mesma disposição, os dois

romperam a relação na semana seguinte. Nesse período, Gustavo se aproximou muito de Brigitte, com quem desenvolveu um forte laço passando a se encontrar com a turma por conta dela principalmente.

Também conheci nessa noite Robson, de 20 anos. Ele é o único que mora em Curitiba, junto com seus pais. Estuda num curso de graduação em Ciências Biológicas na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e conheceu a turma no início de 2012 na boate *Side*. Ele participou de três encontros em baladas e esteve presente nas festas caseiras. Tem um estilo mais próximo do masculino, usando por vezes camisas e calças jeans. Assim como Iago, conheceu o grupo como *ficante* de Jorge, mas esse último me contou que ele também chegou a “dar uns pegas” em Ricardo. No momento atual, entretanto, eles mantinham somente uma amizade. Também chama a atenção como ele destaca a amizade com Brigitte, que considera ser como uma grande amiga.

Por fim, conheci nessa noite Saulo e Fabrício, que fazem parte da turma, mas são mais próximos entre si e de Brigitte. Saulo tem 18 anos e Fabrício 19. Eles também conheceram o restante da turma na boate *Side* alguns meses atrás e Saulo chegou a ficar com Ricardo nesse período. Entretanto, Jorge me contou que Saulo “deu em cima” de Gustavo e por isso houve um tipo de disputa com Ricardo. Talvez por isso, havia certa rivalidade entre eles que os impedia de interagir muito. Saulo é branco e Fabrício é negro. Os dois possuem um estilo mais formal em relação ao núcleo de amigos anterior e costumavam se vestir com camisas e sapatos.

Eu e essas nove pessoas que conheci nessa noite nos mantivemos juntos na pista superior da *Cats* durante a maior parte do tempo. Formamos um tipo de roda que se tornou o local de referência para a turma dentro da boate, especialmente durante a apresentação do DJ. Como eram muitas pessoas e a casa estava lotada, a roda esteve sempre em movimento e por vezes Brigitte e os rapazes conversavam com os conhecidos que passavam pela pista, de forma que as pessoas chegavam e saíam da roda com frequência. Essa é a grande diferença de estar acompanhado nas festas, ter sempre alguém ou um grupo com quem estar. Ainda assim, as pessoas circulavam pela boate, às vezes sozinho, em duplas ou trios. Uns iam fumar, outros pegavam uma bebida ou iam ao banheiro. A paquera também acontecia e muitas vezes o andar pela balada tinha o intuito de conferir o movimento da noite, ver e ser visto pelas pessoas e descobrir se há reciprocidade no olhar com alguém. Também esses momentos serviam para fazer fofoca,

comentar sobre os considerados mais atraentes, falar mal de algum conhecido, reparar nas roupas dos frequentadores, etc. Ainda assim, na pista de dança se mantinha o ponto de encontro do grupo.

A festa *Secret glass* da *Cats* acabou para a turma por volta das 4 horas da manhã. Decidimos ir embora depois que o local já vinha ficando mais vazio e na hora de se despedir todos combinavam pra onde e como cada um iria para casa. Depois dessa noite, percebi que tinha consolidado um lugar no grupo, especialmente pela própria dinâmica da balada que costuma agregar novas pessoas. Meu vínculo, entretanto, como já foi dito, foi maior com Jorge e seu núcleo de amigos mais próximos. Já em encontros posteriores eu conheci mais três rapazes que faziam parte da turma. São eles Murilo, Carlos e Rodolfo. Murilo tem 24 anos e trabalha uma vez por semana como DJ na boate *Side*. É também um frequentador da boate e costuma vir de carro de São José dos Pinhais. É ele que às vezes concede carona para os rapazes irem e voltarem de Curitiba. Também é amigo de Brigitte e dos outros rapazes do grupo, inclusive já tendo frequentado a casa dela com eles. Já Carlos (de 21 anos) e Rodolfo (de 23) são mais próximos do núcleo do qual Jorge faz parte. Nós nos encontramos em duas noites no *Side* e nessas ocasiões sempre param para conversar sobre assuntos conhecidos, comentam os acontecimentos da noite, fofocam. Portanto, é comum que essas pessoas façam parte da roda de amigos em algum momento ao longo da noite. São amigos que o grupo já espera encontrar por conta da interação prévia pelas redes sociais. Podem tirar alguma foto juntos e postar em seus perfis nas redes sociais.

Outro vínculo que tive com a turma foi quando me tornei amigo dessas pessoas pela rede social *Facebook*<sup>25</sup> e pude obter informações sobre eles também pelo *chat* desse canal. Além disso, no *Facebook* é interessante acompanhar a movimentação para organizar as saídas. No caso de Jorge, por exemplo, é comum ele fazer uma sondagem para saber quem encontrar na noite. Ele postava perguntas do tipo: “Quem quer sair hoje?”. Ou então: “Baladinha hoje será?” Os comentários dessas postagens permitem saber com antecedência quem encontrar, bem como funcionam como um estímulo para as pessoas também saírem.

---

<sup>25</sup> O termo “amigo” no *Facebook* tem um significado diferente do conceito de proximidade que expliquei no primeiro capítulo. Nessa rede social, um amigo é alguém cujo perfil foi adicionado ao outro e, portanto, passam a receber as publicações uns dos outros na *timeline* e é possível interagir com comentários e postagens, bem como iniciar uma conversa pelo *chat*.

Para todas essas pessoas eu apresentei os objetivos gerais da etnografia: acompanhar frequentadores das baladas gays e entender a relação desse tipo de lazer com as representações da homossexualidade. Eu me comprometi a não usar os nomes reais de ninguém e a não colocar no trabalho as informações que fossem previamente combinadas. Apesar da relação de pesquisador e pesquisados, minha convivência com o grupo era muito próxima à de um integrante da turma, mesmo sendo mais “amigo” de uns e mais “conhecido” de outros. Combinando com eles, eu aproveitava as conversas informais que desenvolvíamos ao longo dos encontros, pois facilmente tocávamos em assuntos como homossexualidade e vida pessoal, além de assuntos sobre as boates gays de Curitiba, suas experiências e comentários. Nesse processo, compartilhar minha história de vida, minhas relações familiares e amorosas, bem como minhas impressões das experiências que tínhamos foi uma forma de estar em pé de igualdade com eles. Por eu também ser homossexual e gostar da vida noturna, havia muitas coincidências em nossas trajetórias, especialmente no que diz respeito à aceitação de si numa sociedade marcada pela heteronormatividade.

## 2.2 A EXPERIÊNCIA CATS

Como havia dito, a *Cats Club* foi a boate escolhida para iniciar um trabalho de campo mais regular e sistemático. O objetivo foi entender como funciona a diversão nesse estabelecimento e iniciar minha aproximação com os frequentadores. Por isso, neste tópico, pretendo discorrer sobre a experiência que tive como frequentador do local e as características mais gerais que envolvem as festas na *Cats*. A boate se localiza na Alameda Doutor Muricy, número 949, entre dois conhecidos pontos do centro de Curitiba: o comércio do calçadão da Rua XV de Novembro e o Largo da Ordem. Fica próximo à Praça Tiradentes que possui vários pontos de ônibus ligando a região com outros bairros da cidade. O local está numa área comercial e residencial de intenso fluxo de pessoas durante o dia. A noite o ambiente muda para a boemia no Largo da Ordem, cujo movimento tem certa influência entre os frequentadores da *Cats*, já que é comum passar lá para conferir o movimento antes de seguir para a casa noturna. O estabelecimento funciona desde 1999 e ocupa o espaço da antiga boate *Legends*, também frequentada pelo público gay. Nesses quinze anos de atuação se tornou muito conhecida em Curitiba e é a

principal referência de balada gay na cidade, mesmo entre a população não frequentadora. A fachada combina com a arquitetura típica do Centro Histórico de Curitiba, em estilo colonial português. A casa é pintada em branco e preto, cores predominantes também no interior do espaço com domínio do preto nas paredes e no teto. Funciona de quinta a sábado com uma programação fixa conhecida como *Quinta Warm-up*, *Sexta Show* e *Saturday Hot* e costuma abrir em outros dias, como em vésperas de feriado ou na Parada da Diversidade de Curitiba, evento anual da cidade<sup>26</sup>. É possível chegar de carro e estacionar na rua que cruza a esquina da Alameda Doutor Muricy, a Saldanha Marinho, mas pela segurança a maioria prefere o estacionamento privado que fica ao lado. As pessoas podem vir a pé do Largo da Ordem ou de ônibus descendo na Praça Tiradentes.

A boate abre às 23h e em dias movimentados a fila se forma nesse horário onde é famosa a recepção do público pelas *drag queens*. A calçada da rua é um território dominado por elas que já preparam os frequentadores para a entrada no estabelecimento. Três drags trabalharam na *Cats* no período da pesquisa: Tinna Simpson, Kauane Karas e Thabata Kloze. Principalmente pela atuação delas, é possível afirmar que a fila funciona como uma extensão da festa, reproduzindo uma espécie de abertura de espetáculo em que a animação vai chegando mais perto à medida que nos aproximamos da entrada. Em minhas observações dessa interação, que também acontece dentro da casa, três tipos de abordagem se destacam. A primeira delas é zoando os frequentadores de afeminado numa sátira escancarada do valor social da bicha. Para elas, qualquer homem na fila pode ser uma bicha pintosa<sup>27</sup> em potencial. Elas podem chamar os rapazes no feminino ou inventar apelidos como *poc-poc*, referente ao barulho do salto alto no chão. Nesse caso, o rapaz seria tão afeminado que *poc-poc* seria o som dos seus passos ao andar, mesmo se estiver calçando tênis. A piada é evidente porque as *drag queens* também são expressão dessa bichisse, ou seja, dentre outras coisas, homens “vestidos de mulher”<sup>28</sup>. Assim elas escancaram e riem daquilo que poderia estar

---

<sup>26</sup> A *Cats Club* foi uma das patrocinadoras da Parada da Diversidade de 2013 e é possível ouvir os apresentadores nos carros de som fazendo propagandas da casa. Quando a Parada termina, por volta das 20 horas, algumas pessoas vão para a *Cats* com bônus promocionais distribuídos no evento.

<sup>27</sup> Pintosa significa dar pinta, ou seja, demonstrar um estilo afeminado.

<sup>28</sup> A expressão está em aspas porque a *drag* não se veste de mulher simplesmente. É na verdade uma elaboração complexa que aproxima ou satiriza elementos reconhecidos como femininos. Para

“trancado no armário”, a própria homossexualidade. O objetivo das *drags* com essas brincadeiras é deixar as pessoas encabuladas para reforçar a graça da comédia e projetar uma postura dominante. O interessante é que a melhor forma de lidar com esse tipo de abordagem é entrar na brincadeira e aceitar a zoação. Quando isso acontece a pessoa demonstra que está à vontade consigo mesma e, portanto, não há motivo para ficar constrangido. Por outro lado, ficar irritado ou bravo não faz sentido dentro de um ambiente que é abertamente LGBT.

O segundo tipo de abordagem das *drags* é elogiando e dando em cima daqueles que elas consideram atraentes. Se o rapaz tem aparência viril, corpo musculoso ou outra característica que chama a atenção delas, elas podem dar cantadas ou até apalpar o braço, o peito e às vezes até a bunda ou a genitália. Os rapazes geralmente riem da situação ou ficam constrangidos porque é impossível ficar indiferente a esse tipo de abordagem. Essa postura de dar em cima dos rapazes reforça uma posição de poder das *drags*, que ficam à vontade para fazer as brincadeiras. São as donas do pedaço. Por fim, outra abordagem que se destaca é a recepção dos amigos e conhecidos. Com essas pessoas as *drags* dão beijos no rosto, conversam sobre assuntos anteriores e o quanto é bom se reverem naquele momento. Os diálogos parecem conceder certo prestígio para os frequentadores porque demonstra que a pessoa é bem relacionada naquele espaço. Na *Cats*, alguns se aproveitam desse contato para entrar na boate sem passar pela fila e às vezes conseguem.

As *drags* também fazem a parte informativa, explicam como funcionam os bônus, explicam as promoções e apresentam as atrações da noite, ou seja, as performances que vão acontecer ao longo da festa e os DJs que vão tocar. Fora isso, o que predomina é a chamada gongação<sup>29</sup>. Tinna, por exemplo, tem um leque que ela abre de supetão na frente dos outros causando sustos<sup>30</sup>. Elas também podem abordar pessoas que passam pela Alameda Doutor Muricy convidando-os a entrar. Ouvi convites do tipo “aqui dentro é babado hein”, “você não vai se arrepender” ou chamam de forma carinhosa: “vem querido, pode entrar”.

---

isso, usam perucas chamativas, realçam as curvas do corpo com enchimentos e vestem roupas extravagantes ou coloridas.

<sup>29</sup> O termo vem do verbo gongar, que significa eliminar alguém de uma competição soando um gongo. No contexto das *baladas*, a gongação é todo tipo de sarro feito com uma pessoa.

<sup>30</sup> O leque é um acessório bastante comum entre as *drags*. Quem afirma isso é Vencato (2004: 69) que afirma ser uma “marca” de várias artistas conhecidas nacionalmente como Nany People e Dimmy Kieer.

Como a fila se forma na calçada, que é domínio público, as pessoas estão sujeitas ao preconceito contra homossexuais que existe em geral na sociedade brasileira. Infelizmente Curitiba não é uma exceção. Em pelo menos três ocasiões esperando na fila vi carros que passavam pela Alameda Doutor Muricy gritando ou xingando as pessoas de “viado”. Tinna Simpson me contou que isso acontece com certa frequência e em todas as vezes elas revidam o xingamento de forma imediata e enfática engrossando a voz e mandando os agressores *tomarem no cu*. Segundo ela, tais situações não podem ser ignoradas porque isso os deixaria à vontade para esse tipo de ofensa.

Enquanto a balada estiver aberta ao longo da madrugada, sempre existirá um movimento na frente da calçada, mantida por uma *drag* ou funcionário, sinalizando que a boate está em atividade. Em dias especiais, alguns *gogo dancers* ficam dançando na calçada ou há show de luzes, como o globo espelhado da imagem abaixo, o que chama bastante a atenção de quem passa pela rua.

IMAGEM 1: AS DRAGS E A ENTRADA DA CATS



FONTE: facebook.com/promiscuocats.catsclub (acesso em 10/11/2013).

LEGENDA: As *drags* Thabata Kloze (esq.) e Tinna Simpson (dir.). No centro um sujeito não reconhecido. O globo espelhado da foto não é comum estar na frente da boate, mas é uma forma de chamar a atenção dos que passam pela região.

IMAGEM 2: FACHADA DA CATS



FONTE: Primeira foto, o pesquisador em 10/11/2013. Segunda foto facebook.com/promiscuocats.catsclub (Acesso em 10/11/2013).

LEGENDA: A foto à esquerda é a fachada durante o dia. A foto à direita é a fachada durante a noite com a fila.

Da recepção pelas *drags*, os frequentadores passam pelo crivo da segurança. Primeiro se confere a carteira de identidade e como nos outros estabelecimentos é liberada a entrada somente para os maiores de 18 anos. As mulheres logo em seguida entram e só os homens são revistados. No caixa, se paga o valor da entrada e se recebe um cartão de consumo com um número de identificação. Toda consumação é controlada pelo cartão e anotada eletronicamente, então não circula dinheiro no interior da boate. O valor do que foi consumido é pago no momento da saída. A boate disponibiliza um bônus de desconto para a quinta-feira e outro para a sexta e sábado que são válidos até à 1h da manhã. O valor da entrada varia de cinco reais, na quinta com desconto<sup>31</sup>, a vinte e cinco reais, no sábado sem desconto. Outra opção para a entrada é incluir o nome na lista do promotor da festa. No site da *Cats* e na página do *Facebook* está disponível o número de celular do promotor Promíscuo e na lista dele é possível marcar quantos nomes quiser. Na entrada, é necessário avisar no caixa que possui nome na lista e após conferir a informação é descontado o valor da entrada.

<sup>31</sup> No início de 2014, no final do período da pesquisa de campo, entretanto, esse valor já havia subido para 35 reais.

IMAGEM 3: LOGOTIPO, BÔNUS E PROMOTER DA CATS



FONTE: facebook.com/promiscuocats.catsclub (acesso em 10/11/2013).

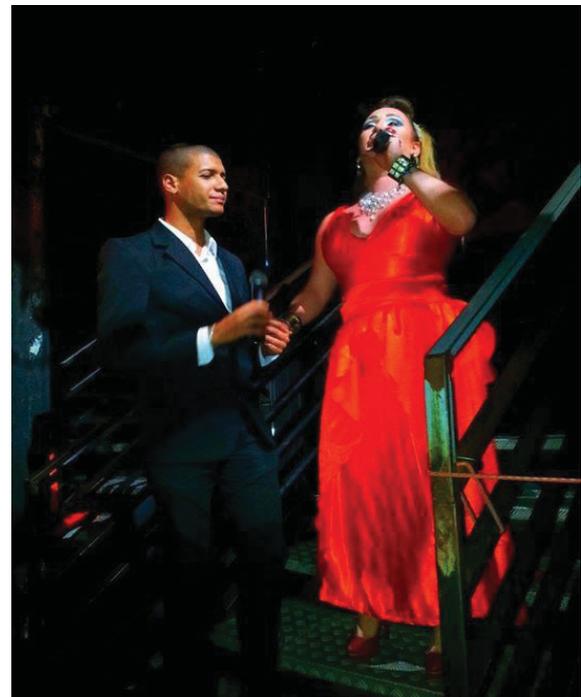
LEGENDA: cima e ao centro, o logotipo da *Cats*; à esquerda, os bônus que são distinguidos por dia da semana; e a direita, foto do promotor Promíscuo com o logotipo da *Cats* e do *Manhunt* na parte baixa da foto.

Logo após o caixa, existe uma pequena escada que dá direto ao guarda-volumes. Lá é possível deixar mochilas, blusas e outros pertences pelo valor de quatro reais. Isso é importante porque em geral faz frio à noite na cidade, mas dentro da boate pode ficar bem quente. Virando à esquerda passando por cortinas pretas somos invadidos pela música e temos a sensação definitiva de estar dentro da balada. Esse ambiente é o térreo e nele há um salão em que fica o bar, algumas mesas e uma pista de dança. As paredes logo na entrada possuem espelhos e o piso é semelhante ao jogo de xadrez mesclando azulejos brancos e pretos. No salão há alguns espaços com *pole dance* para *gogo boys* e *gogo girls*. Também é comum *gogos* dançarem em cima do balcão do bar. Ao fundo desse ambiente fica um espaço com alguns sofás em cor vermelha e um tipo de camarote que acompanha a parede da casa e é cercado por duas barras de metal. Esse camarote possui dois degraus acima do salão e a entrada é livre, porém na maioria das vezes está ocupada. Existem também três televisores nas paredes pelo salão que apresentam

propagandas (da cerveja *Devassa* e do *Manhunt*<sup>32</sup>), além de clipes esporádicos com intérpretes femininas, ou desfiles com modelos masculinos e femininos. Também vi propagandas de festas futuras da *Cats* nesses televisores.

Por volta da 1h30, quando a maioria das pessoas já entrou na boate, um sinal parecido com o de um navio zarpando toca. A música diminui o volume e as luzes escurecem. É o momento da performance que abre a pista superior. Na maioria das vezes a abertura é feita com uma apresentação de dublagem feita por uma *drag* ou uma apresentação de dança<sup>33</sup>. A performance sempre sobe a escada com o público logo em seguida e termina no palco do piso de cima. Às vezes a performance segue a linha temática da festa, mas a maioria das apresentações que vi foram do artista e funcionário da casa Alan Stefano fazendo um solo ou uma apresentação em conjunto com outras *drags*. A imagem 4 ilustra duas dessas performances.

IMAGEM 4: PERFORMANCES DE ABERTURA DA PISTA SUPERIOR



<sup>32</sup> O *MenHunt* é um site de relacionamentos gays conhecido no Brasil e no mundo. Funciona como uma rede social para gays e propõe o relacionamento afetivo e sexual entre os participantes.

<sup>33</sup> As dublagens constituem uma técnica corporal bastante conhecida entre as performances de *drags*. Para Paula Vencato (2002), “a dublagem também pode ser considerada uma performance corporal. O modo de movimentar a boca e conseguir fazer do ato de dublar algo perfeito também auxilia na caracterização do show. Assim, é comum que *drags* caricatas não dublem com perfeição as letras de música, enquanto que as *top-drags* têm a obrigação de fazê-lo” (IBID, p. 81).

FONTE: facebook.com/promiscuocats.catsclub (acesso em 10/11/2013).

LEGENDA: Apresentações de abertura da pista superior. Na foto da esquerda uma interpretação em dublagem de Kauane Karas e do DJ Kuru da música *Endless love* simulando a apresentação de Luther Vandross e Mariah Carey da mesma canção. A segunda foto é do Alan Stefano apresentando uma coreografia inspirada no grupo musical Kazaky. O grupo é formado por homens que dançam de salto alto.

Quando a performance termina, Tinna ou Kauane sobem ao palco para agradecer e dar boas-vindas ao público. Elas comentam sobre as festas futuras aproveitando o momento para fazer propaganda da casa. Apresentam os DJs da noite e dão início simbólico da festa, algumas vezes falando: “som na caixa DJ”. Pode ser que ao longo da noite aconteça mais uma performance se for parte da programação. Geralmente, acontece por volta das 3h ou 4h da madrugada e pode ser uma performance caricata de humor, de dança ou um show erótico com *strip-tease*. Depois que é aberta a pista superior é possível afirmar que a balada se desloca para lá. É nessa área que a música toca mais alta e o jogo de luzes é mais intenso. A pista possui a metade do tamanho do salão principal. No centro dela existe um tipo de jaula, um conjunto de barras de metal na vertical formando um círculo onde os *gogo boys* e *gogo girls* dançam. Depois que os *gogos* saem, esse espaço fica liberado para os frequentadores. Duas escadas dão acesso à pista superior. Uma fica bloqueada até a performance de abertura e a outra dá acesso também ao fumódromo, um local aberto voltado para fora da boate. Esse espaço é fechado por grades de metal que lembram uma gaiola. Dalí se tem vista para a Alameda Doutor Muricy e o movimento fora da boate. Além de poder fumar nesse espaço, o lugar também serve para “dar um tempo” da música alta na pista e respirar ar livre.

A *Cats* é conhecida pelo seu *dark room*, também chamado pelo nome em português, quarto ou quartinho escuro. Como o próprio nome diz, esse ambiente é uma sala com pouca ou nenhuma visibilidade que dificulta a identificação visual das pessoas. Fica no que corresponde ao subsolo da boate, ao lado do banheiro, onde se pode ter acesso descendo uma escada pelo salão. Para entrar no *dark* é preciso passar por duas cortinas pretas e grossas que servem para bloqueio da luz. Depois de um tempo dentro do lugar os olhos se acostumam com a escuridão e é possível ter um pouco de visibilidade. Foi assim que identifiquei nesse espaço dois sofás de

três lugares e quatro cabines ligadas uma com a outra por um *glory hole*<sup>34</sup>. Diferente dos outros ambientes da balada, a interação no *dark* acontece num relativo anonimato que raramente promove laços duradouros. Isso acontece porque o ato erótico pode começar e acabar sem que uma pessoa saiba quem a outra é. Além disso, a moral que impõe regras à paquera nas relações face a face é totalmente substituída pela escuridão, o que muda completamente a dinâmica da prática de conquista. A descrição que Maria Elvira Benítez (2007) fez em sua etnografia sobre o *dark room* de uma boate carioca se assemelha ao que presenciei na *Cats*. A autora destaca o breu e o silêncio como a estrutura da interação social. Nas palavras da pesquisadora:

Para alguns rapazes o dark room é um lugar de passagem dentro da boate, no qual só se entra após ter permanecido tempo suficiente na pista de dança, no balcão ou na sala de sinuca, uma vez a boate começa a atender seu público a partir das 22h, e só duas horas depois abre a porta do quarto escuro. Por esse motivo, quando os rapazes entram no *dark room*, já passaram por diversas experiências durante a noite. Nesse sentido, o *dark room*, e especialmente o breu, rompem com a estrutura que guia o ritual de pegação do restante da boate e particularmente com a dinâmica que se experimenta na pista de dança (BENÍTEZ, 2007, p. 102).

No caso da *Cats*, a boate não possui uma sala de sinuca e o *dark* funciona durante toda atividade da balada, mas considero que a lógica seja a mesma já que o lugar só fica movimentado depois certo horário, depois das pessoas conferirem o movimento na pista ou tomarem alguma bebida do bar. Uma característica interessante é que aqueles que vão sozinhos à *Cats* não precisam da paquera para se relacionar com alguém. Ainda que a pessoa não consiga companhia no salão ou na pista, ela pode passar no *dark* e lá vai encontrar pegação. Quem me apontou isso foi a *drag* Tinna Simpson, ao assinalar a importância do quarto escuro. Ela chegou a me contar que muitas pessoas vêm à boate com a intenção de passar lá e, segundo ela, o *dark room* da *Cats* é o melhor de Curitiba. Em uma conversa informal eu a questionei: “Mas então tem gente que nem tá afim da balada?” E ela responde. “Até que tem, mas eles também ficam na balada [...] é a mesma coisa não é?” Segundo o grupo de amigos de São José dos Pinhais, com quem conversei sobre a boate, em determinado horário da madrugada a pista fica vazia. Eles me dizem que “*tá todo*

---

<sup>34</sup> O *glory role* é um buraco na parede que serve para atos sexuais. Pela parede não é fácil reconhecer a pessoa que está do outro lado e, assim como a própria escuridão, isso pode garantir o anonimato.

mundo se pegando no *dark*". Ricardo vai além e chega a afirmar que na *Cats* é mais difícil conquistar um parceiro na pista de dança porque a pegação acaba se concentrando no quartinho. Outra possibilidade que ele reconhece é as pessoas ficarem na pista, trocarem uns beijos e quando a interação ficar mais quente eles vão para o *dark* se pegar.

Também no piso inferior fica o banheiro, que conta com oito cabines não divididas por sexo. Há uma sala coletiva, um tipo de *hall* com quatro lavabos e um grande espelho que ocupa toda a parede. Dois sofás ficam disponíveis nesse lugar. Existe um cômodo com um mictório para três pessoas com gelo e às vezes limão para ajudar a melhorar o odor da urina. Também existe um espelho em frente ao mictório que permite visualizar completamente quem está nesse cômodo. O *hall* do banheiro tem, na maior parte do tempo, muito movimento.

O grupo de amigos de São José tinha sentimentos ambíguos sobre a *Cats*. Alguns deles me disseram que o local estava em decadência e que não eram todas as noites que ficava cheio, confirmando a informação que aparece no capítulo um. Pelo que percebi, valia mais a pena combinar encontros na boate que são amplamente divulgados pela casa, com a presença de algum DJ conhecido, por exemplo. Caso contrário, eles poderiam encontrar uma balada pouco movimentada. Como veremos a seguir, o grupo parecia migrar cada vez mais para outra casa noturna que vinha crescendo em popularidade na noite gay da cidade e cujo nome está no título do item a seguir.

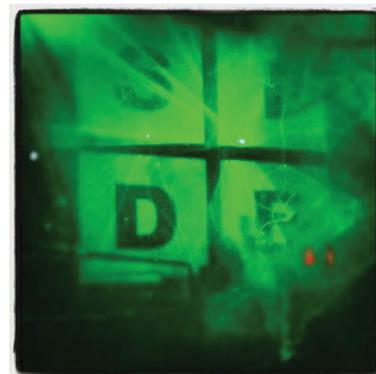
### 2.3 O SIDE CAFFE

Essa era a boate preferida do grupo de amigos de São José dos Pinhais, que apesar do nome não é uma cafeteria e sim uma boate. Conheci o local com eles duas semanas depois da festa *Secret Glass* na *Cats* e os acompanhei em quatro oportunidades nessa balada. Também realizei uma visita ao local sozinho, numa noite com o show de humor da conhecida *drag* de São Paulo, Silvetty Montilla. Ao longo do ano de 2013, a *Side* fez bastante sucesso, sendo comum estar cheia em todos os dias da semana. Segundo o grupo de amigos, é sempre possível se encontrar com conhecidos no estabelecimento, bem como conhecer novas pessoas pelo intenso movimento da casa.

A boate se localiza na Alameda Cabral, número 597, no Centro da cidade. Abre a partir das 22 horas e se formam poucas filas porque o processo de entrada no espaço é mais rápido. Não há seguranças para revistar os frequentadores e o sistema de comandas é manual, na qual se anota o nome do visitante e os valores consumidos num papel. A boate tem uma capacidade de lotação menor em relação à *Cats*. Logo na entrada ao lado esquerdo existe uma área externa coberta e uma varanda aberta que funcionam como fumódromo. Desse espaço é possível ver e ser visto pelos que passam pela Alameda Cabral. A boate ainda possui uma rampa de acesso com corrimão. Na entrada fica um funcionário vestido todo de preto com o logotipo laranja da boate estampado na camiseta. Esse é um tipo de uniforme que os funcionários usam. O valor da entrada é fixo e custa de cinco à dez reais independente do dia ou do horário. Não existe sistema de lista de convidados nem bônus promocional.

Seguindo em frente pela recepção chegamos na primeira porta para um corredor que serve de isolamento acústico. Existem alguns bancos nesse espaço, mas em geral poucos ficam por ali por ser um local de passagem. No final do corredor à esquerda fica uma porta dupla e quando passamos por ela somos invadidos pelo calor, pelo som alto e pelo jogo de luz verde, característico da balada (ver imagem 6). Nessa pista fica o bar no canto direito e um pequeno palco à frente. Ao lado do palco costuma estar a cabine do DJ, mas essa cabine pode variar de lugar conforme a noite. Quando o palco fica livre ele serve de camarote e um segurança fica na entrada impedindo que o local esteja lotado. Em uma parede vê-se um grande logotipo da boate.

IMAGEM 5: LOGOTIPO E PROPAGANDA DA *SIDE*



FONTE: [www.facebook.com/sidecafe](http://www.facebook.com/sidecafe) (acesso em 20/11/2013).

LEGENDA: *Flyer* de divulgação das atrações da *Side* à esquerda e logotipo da boate que fica na parede da pista principal dentro do estabelecimento e que é constantemente iluminado com jogo de luzes verdes, um padrão dessa balada.

Existe um piso superior com uma pista de dança menor e que permite uma boa visão da parte interna da boate. O banheiro fica nessa parte de cima. São seis cabines individuais não divididas por sexo. Há também dois lavabos e um *dark room* menor em relação ao da *Cats*. O espaço tem o formato de um corredor em “U” sendo o final sem saída. Fica disponível a noite toda, estando por vezes lotado e por vezes vazio.

Já na pista é difícil andar entre as pessoas quando o lugar está cheio. Entre os frequentadores, a maioria do público é de homens, em geral mais jovens que os frequentadores da *Cats*. É comum encontrar travestis pela boate e as *drags queens* estão presentes eventualmente. Mesmo nas noites frias, o ambiente no interior da boate é quente e abafado. Nesse caso, é comum que alguns rapazes tirem a camiseta. Muitos deles exibem corpos malhados e atléticos, mas outros descamisados estão mais magros ou mais gordos em relação a esse padrão corporal. O assunto chama a atenção do grupo de São José dos Pinhais, segundo o qual somente os de corpos malhados teriam essa legitimidade. Quando um rapaz sem camisa é considerado fora de forma pode-se tirar sarro e fazer comentários entre o grupo, mas jamais para o rapaz. Já sobre aqueles de corpo atlético e forte, é inevitável trocar olhares e comentar o quanto são atraentes quando passam por nós. De qualquer forma, ao longo da festa as pessoas se importam cada vez menos com isso. Ninguém do grupo de São José fica sem camisa nas baladas.

IMAGEM 6: PÚBLICO E FACHADA DA *SIDE*



FONTE: Site [www.revistaladoa.com.br](http://www.revistaladoa.com.br) (acesso em 20/11/2013).

LEGENDA: Na primeira foto uma visão da pista superior da Side num dia considerado “cheio”. Na segunda foto a fachada da boate numa noite temática com a cantora norte americana Beyoncé. Neste dia, boa parte da playlist era de música dessa cantora.

## 2.4 DO BAR JAMES E DE VOLTA À SIDE

Uma característica interessante do *Side* é que para esse grupo de amigos a boate é sempre uma opção na noite. Ela parecia exercer sobre os rapazes um tipo de força gravitacional em que as saídas sempre acabavam lá. Na maioria das vezes isso era previamente estabelecido, como no caso de passar primeiro na *Cats* para conferir o movimento. Mas uma noite em especial deixou evidente a referência do estabelecimento para eles. Foi num sábado de junho de 2013 quando Jorge me convidou para uma balada que o grupo não costumava frequentar, o *James*. Iríamos eu, ele, Ricardo e Iago. Combinamos de nos encontrar na frente da boate por volta das 23h. Quando chegamos o lugar estava lotado. Eram tantas pessoas na fila que a organização da festa havia disponibilizado uma senha individual para evitar que furassem a entrada. Pegamos por volta do número 230 e demorou uma hora e meia até chegarmos à entrada. Nessa espera, dei a dica de aproveitamos para pegar uma bebida na loja de conveniências do posto. Era um dia bastante movimentado e o público na fila se misturava com os transeuntes da rua. Havia vários grupos de amigos e rodas de conversa em que as pessoas bebiam, riam, fumavam. É comum o movimento nessa região do bairro Batel, mas nessa noite havia mais pessoas que de costume e elas estavam especialmente animadas. Alguns carros passavam devagar na rua com som alto reparando no movimento enquanto outros aceleravam cantando pneu. No chão havia muitas garrafas e copos plásticos jogados indicando que muita gente consumiu álcool naquele lugar. Um rapaz de um grupo de amigos passava mal enquanto seu amigo tentava o ajudar. Também nos chamou atenção um homem aparentemente alcoolizado subindo num poste. Ele estava com a camiseta na mão, girando e gritando. Chamou bastante a atenção, mas logo ele desceu do poste e não se machucou. Pela demora da fila, o grupo que estava atrás da gente desistiu e foram procurar outro lugar. A seguir, fotos da fila e da entrada do *James*.



FONTE: Página do facebook do Bar James (acesso em 17/01/2014).

LEGENDA: Na primeira foto à esquerda a fachada do James no início da noite, ainda sem movimento. Na foto abaixo à esquerda o público na fila concentrado na entrada e na foto à direita uma visão ampliada da fila, na calçada da Avenida Vicente Machado.

Entrando na balada o clima foi de alívio e chegamos animados enquanto andávamos pelo espaço. Porém, em pouco tempo as coisas mudaram. A casa estava cheia e era difícil andar pelos corredores. Para ir ao banheiro havia fila. Pegamos uma bebida, Jorge e Ricardo reclamaram do preço alto. A música era desconhecida e não empolgava os rapazes. Ficamos na pista por um tempo, não interagimos com ninguém. Logo, até entre nós começou a faltar assunto. Desanimamos e a boate perdeu a graça. Assim como eu, Iago já conhecia o *James*. Ele frequentou o local com um ex-namorado com quem se relacionava. Ele disse que tinha avisado aos outros que o *James* não era uma balada legal, “mas vocês não acreditam em mim”, reclamou ele em determinado momento. O problema para Iago é que o povo do *James* só faz carão, ou seja, um tipo de postura esnobe ou de indiferença em relação aos outros. Aquele que faz carão demonstra um tipo de desprezo como se fosse superior aos demais, o oposto de alguém simpático e

receptivo. Por isso, o *carão* é um tipo de expressão que não favorece a aproximação e funciona na prática como um tipo de distinção quando nem se olha no olho das pessoas. Sobre essa questão, a entrevista com Brigitte é reveladora das distinções que cercam esse universo que os rapazes estão inseridos. Segue a transcrição de um trecho da conversa.

Brigitte: Eles sempre vão comigo para outras boates, mas eles não gostam. A gente vai pra *Box*, vai pro *Code* e eles no meio da balada me falam assim 'ai aqui tá chato, vamos pro *Side* que lá deve tá bombando.

Pesquisador: Mas porque eles não gostam dessas boates?

Brigitte: Porque eles não conseguem ficar com ninguém. Eles podem passar a noite toda sozinhos, ninguém vai querer ficar com eles.

Pesquisador: A é? Mas porque você acha isso?

Brigitte: Por causa do estilo, das roupas que eles usam. Eles usam roupas apertadas, rasgadas e isso é um estilo do *Side*. Lá eles conseguem arranjar alguém. Na *Box* só tem gente mais rica que só pensa em roupa cara. Eu falo pra eles, eu vou pra *Box* pra dançar, porque eu amo a música da *Box* e o som da *Box* é maravilhoso. E quando eles vem junto comigo eu aviso que não vou pro *Side* de jeito nenhum, não adianta. (FONTE: entrevista em 22 de novembro de 2013)

É importante destacar que Brigitte não faz uma reflexão sobre o *James*. Ela inclusive me disse que não conhece essa boate. Porém, a análise desponta uma perspectiva de classe que tem amparo no comportamento do público do *James*. Como seria de se esperar, essa reflexão não aparece no discurso dos rapazes. São eles que desqualificam a boate apontando-a como “chata” e de “música ruim”. Por essa experiência, o local vai estar fora dos roteiros de diversão deles por muito tempo depois dessa noite, ou até permanentemente. O fato é que não houve identificação com a balada e o lugar que eles gostavam de frequentar era o *Side* mesmo. Não demorou muito até que os rapazes decidirem pegar um táxi para essa boate. Quando chegamos na frente do *Side*, Ricardo fez um comentário curioso: “podemos rodar Curitiba inteira que a gente sempre acaba aqui”. Ele parecia um pouco frustrado no comentário, mas ao mesmo tempo todos estavam aliviados por estar de volta à *Side*, inclusive eu. Quando entramos na pista de dança, vendo as pessoas e escutando a música foi como entrar num lugar familiar, que nos deixou mais à vontade pra curtir mais uma noite nesse estabelecimento.

## 2.5 NA CASA DA BRIGITTE E O GRUPO ESTENDIDO

Na casa de Brigitte eu estive em duas oportunidades. A primeira delas foi no seu aniversário, em 20 de junho de 2013, e a outra em julho do mesmo ano, num encontro chamado de *churras gay*. As festas reuniram por volta de quinze pessoas cada. Os convidados poderiam dormir lá e passar o final de semana com o pessoal, foi o que eu fiz nas duas vezes. Nos dois encontros, era necessário levar alguma bebida (cerveja ou refrigerante) e para o churrasco havia um valor de 15 reais de contribuição. Brigitte mora em uma casa de madeira de estilo típico dessa região do Paraná. Nos fundos havia uma antiga oficina com materiais de marcenaria, profissão de seu falecido marido. Lá ficam duas mesas compridas e várias cadeiras. Os carros de alguns participantes do encontro ficam ali perto e um deles tinha o capô traseiro aberto tocando música. Além do tradicional *bate cabelo*, foi possível ouvir outras vertentes da música eletrônica e funk brasileiro. Ao lado da oficina ficava uma horta e nas duas festas havia nesse espaço uma barraca de quatro lugares. No portão foi colocado uma placa escrita em letras coloridas *gaytel*<sup>35</sup>, com desenhos de pênis e corações caricatos. Esse era um dos lugares em que as pessoas podiam dormir, assim como na sala da casa com os colchões estendidos no chão.

As festas eram de longa duração e alguns participantes passaram lá em diferentes momentos. Além dos moradores, dormiram por volta de dez pessoas na casa e no *gaytel* nas duas noites. Foram nessas oportunidades que eu conheci os outros membros do grupo que não costumam sair para as boates. São eles: Thiago, Lúcio, Fábio, Sabrina, Roberta, Natasha, Izack e Roberto. Vou fazer uma apresentação rápida de cada um deles. Primeiro o casal de namorados Thiago, 25 anos, e Lúcio, de 19. Thiago conhecia Brigitte do trabalho numa empresa de assistência técnica de serviços de telefonia, antigo emprego dela e atual emprego dele. Quando Thiago contou sobre a relação ruim com a família por conta da sua homossexualidade e a necessidade de sair de casa, Brigitte ofereceu um quarto na casa dela e ele se mudou para lá. Eles possuem uma amizade de dois anos e fazia quatro meses que Thiago havia se mudado. Lúcio mora com os pais em São José dos Pinhais e passa os finais de semana na casa com Thiago. Os dois já saíram para as baladas, mas agora não costumam frequentar mais e quando surgiu esse assunto eles comentaram que a boate é um lugar de quem busca pegação e isso eles já tinham. Na festa também estavam Fábio, de 31 anos, que chegou de moto.

---

<sup>35</sup> Palavra que mistura “gay” com “motel”.

Ele se destacava dos outros rapazes pela idade e pelo tamanho, por volta de 1,90m. Pelas baladas, Fábio chegou a frequentar a boate *Black Box*, onde esteve com Brigitte. Ele não costuma ir ao *Side* e diz que faz um bom tempo que não vai à *Cats*. Ainda assim, demonstra ter afinidade com os outros rapazes e intimidade para fazer brincadeiras com eles. Também estavam nas festas as amigas do grupo Sabrina, 20 anos, Roberta, de 18 anos e Natasha de 18 anos. As três se consideram lésbicas. Natasha era mais feminina, tinha cabelos lisos e era branca. Sabrina e Roberta também eram brancas e tinham um estilo urbano mais masculino, usavam bonés e roupas largas que não marcavam os seios e o quadril. As duas estiveram no *Side* em uma noite, mas ficaram muito pouco com a gente durante a balada. Por fim, estiveram presentes o casal Izack, de 43 anos, e Roberto, de 35. Eles são amigos de longa data de Brigitte, especialmente Izack, que ela conhece da época em que seu marido era vivo. Eles afirmam que já saíram muito para as boates de Curitiba, mas agora preferem encontros na casa dos amigos ou em bares.

Na maior parte do tempo, ficamos sentados em roda comendo, bebendo cerveja e fumando Narguilé. O ambiente era mais intimista que as baladas, o que permitiu que pudéssemos conversar mais a vontade a respeito de assuntos pessoais. Foi dessa forma que apresentei o meu trabalho como pesquisador e que tinha interesse em trazer para a etnografia as informações que eles compartilhassem comigo. Eu me comprometi a não colocar os nomes reais de nenhum deles, puxei um assunto fácil entre a turma: as experiências de vida acerca da homossexualidade para cada um.

Sobre essa conversa quero começar falando do casal Thiago e Lúcio. Eles são um bom exemplo de dois tipos diferentes de expressões da homossexualidade. Thiago tinha uma postura masculina, bastante distante do tipo afeminado. Ele é branco, usava calças e camisetas, e tinha uma barba densa que combinava com seu cabelo escuro. Com um humor provocativo, ele fazia às piadas sobre bichas principalmente com Jorge, Ricardo e Iago, que nem sempre gostavam das brincadeiras. Já seu namorado Lúcio era um “afeminado assumido”. Ele tinha um corpo magro e uma estatura média alta. Tem um jeito delicado, penteava os cabelos de Brigitte enquanto conversávamos entre todos. Em determinado momento da conversa ele disse que se sentia como uma mulher, mas que não tinha interesse em fazer a transição de gênero. Mesmo assim, contou sobre as dificuldades na vida familiar pela mãe não aceitar o “seu jeito”. Sobre o comportamento sexual, ele fez

questão de dizer que é exclusivamente passivo. Em dado momento, perguntou para Thiago se um dia ele gostaria de ser passivo afirmando logo em seguida que não aguentaria essa decisão. O tom da fala flutuava entre brincadeira e seriedade. Thiago, por sua vez, ressaltava que era exclusivamente ativo, em conformidade com o projeto de masculinidade do modelo tradicional hierárquico da qual nos fala Fry (1982). A diferença é que não havia uma distinção hierárquica entre os dois, que pareciam estar à vontade em suas explicações de si mesmo. Além disso, os dois se consideram homossexuais, ainda que em alguns momentos Lúcio afirme que é como se fosse uma relação entre “homem e mulher”.

Já Izack e Roberto eram um casal muito divertido e os dois movimentaram as festas. Tiravam sarro das pessoas, faziam brincadeiras jocosas o tempo todo, muitas com conotação sexual. Nesse sentido, havia um humor parecido com as *drags queens* e suas gongalações. Em um determinado momento, Roberto desafiou Jorge para uma batalha de *bate cabelo*. Faltou nessa apresentação uma peruca que fizesse jus à performance dos dois, mas foi divertido acompanhar. Roberto tinha um condicionamento físico melhor. Ele faz academia e é do tipo atlético, tem braços largos e tatuagens aparentes. Usava uma camisa ajustada marcando o corpo e um short idem. Sua simulação de *drag bate cabelo* foi mais convincente que a de Jorge, que desistiu porque a música exigia um período muito longo “batendo o cabelo”. Já Izack tinha um estilo mais formal de se vestir, usava sapato, calça e camisa, mas era o que mais fazia piadas maliciosas. Provocava Thiago e Lúcio sugerindo serem um casal lésbico e disse que Jorge perdeu o *bate cabelo* porque se recuperava de uma cirurgia de redesignação sexual. O sentido desse tipo de piada está sempre na feminilização dos corpos sugerindo que as pessoas são mais bichas e afeminadas do que aparentam. Além disso, em uma parte da conversa, Izack afirmou que todos os homens são gays em potencial. “Não boto a mão no fogo por ninguém”, disse ele. Citou atores famosos de novelas que “aparentam” ser heteros, são casados ou possuem filhos, mas saem com outros homens e aprontam entre os gays. Essa narrativa tem ampla concordância entre os rapazes, principalmente porque eles se identificam com esse processo de esconder os desejos homoeróticos por viver numa sociedade hegemonicamente heteronormativa. Por isso, a sensação é que a homossexualidade existe dentro de cada um de forma independente, interpretada como um tipo de “condição” que se impõe e da qual não se pode fugir, como se fizesse parte da natureza do ser. Dessa forma, para o processo de saída do armário,

a convivência com outros amigos gays é algo bastante importante, pois percebem que não são os únicos com essas aflições e passam a se reconhecer pela categoria homossexual. Isso promove um processo de identificação por uma identidade positiva, no sentido de França (2007), e que favorece uma perspectiva política entre os rapazes. Por exemplo, houve um debate no churrasco gay sobre a polêmica envolvendo a eleição do deputado federal Marcos Feliciano para a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, no Congresso Nacional. Feliciano é pastor da Igreja Assembleia de Deus e em 2011 fez declarações de ódio contra homossexuais, afirmando que os sentimentos homoafetivos levam ao ódio, ao crime e à rejeição. Havia um consenso entre eles sobre o horror desse tipo de posicionamento e de como ainda era atual o tema da homofobia na sociedade e que cada um deles sentia na pele.

Outra questão que se destacou nas conversas da turma diz respeito à busca por parceiros sexuais e afetivos. Por exemplo, existe a expectativa de que na balada o paquera seja alguém considerado bonito e de estilo masculino. Esse inclusive era um “elogio” que eles faziam sobre a minha aparência e certa vez quando comecei a falar de forma afeminada Jorge me disse: “para com isso, prefiro você mais masculino”. Além disso, Jorge, Iago e Ricardo afirmam que quando o rapaz é afeminado eles “perdem o tesão”. Existe a partir disso a valorização dos padrões de beleza do homem viril, atlético ou musculoso. Ainda assim, esse padrão de homem funciona como um tipo ideal e nem sempre eles se relacionam com pessoas com esse perfil. Jorge, por exemplo, por um período da pesquisa se dizia apaixonado por um rapaz tão jovem quanto ele e magro, que tinha um estilo parecido com o dos rapazes, com roupas justas e decotadas, e com outras referências tradicionais do feminino, como brincos e vestimentas de cor rosa. Eles chegaram a se considerar *ficantes*, mas Jorge foi desenvolvendo sentimentos amorosos que não eram recíprocos e sofreu por um tempo quando o rapaz não correspondeu a essa expectativa. Já Iago e Ricardo diziam que preferiam os homens masculinos e mais velhos, dizendo que o critério mais importante para eles era que o homem assumisse uma postura de macho, inclusive com comportamento sexual preferencialmente ativo para Iago e exclusivamente para Ricardo. Já Jorge não se identificava com nenhum desses termos e simplesmente não falava nada sobre suas preferências na hora do sexo.

Outro momento que se destaca nas festas foi no aniversário de Brigitte. Depois de receber vários amigos ao longo da tarde, no período da noite fizemos um tipo de encenação satírica do programa vespertino *Casos de Família*, exibido na rede aberta pelo canal SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). No programa os convidados debatem seus problemas familiares mediado por uma apresentadora e às vezes acontecem brigas e barracos entre os participantes. Brigitte abriu em seu quarto um baú antigo cheio de roupas femininas. Havia vestidos, saias, tops e vários acessórios coloridos disponíveis. Jorge, Ricardo, Iago e Lúcio fizeram a montagem. Thiago seria o apresentador do “programa” e usava roupas masculinas que lembravam um tipo de terno. Ele fazia as entrevistas com os rapazes vestidos de mulher. O restante das pessoas na festa representava o público que reagia apoiando ou gongando as personagens. Brigitte fazia a gravação de toda a encenação e os diálogos aconteciam no improviso, da mesma forma que algumas apresentações de humor das *drags*. O primeiro a falar foi Lúcio que disse que era uma moça rica e que gostava muito de fazer sexo. Esse era seu problema porque seu marido “não dava conta” de satisfazê-la. Por Lúcio ser namorado de Thiago, os rapazes não perderam a oportunidade de tirar sarro do apresentador. Na sequência, Ricardo era uma mãe de família que reclamava das dificuldades em criar os cinco filhos. Para piorar, eles não a respeitavam. Seu marido não lhe dava atenção, mas seu grande problema mesmo era que a manicure não tinha feito um bom trabalho em suas unhas. Iago fez uma personagem carrancuda, mal humorada que reclamava das outras “mulheres” do programa e constantemente levantava querendo brigar com as outras. Essas simulações de barraco foram os momentos mais engraçados. Jorge era a mais “louca” segundo Brigitte. Tinha uma vida itinerante, havia casado algumas vezes e era adepta do “amor livre”. Quanto mais parceiros ela conquistava mais satisfeita era sua vida.

A encenação promoveu um processo em uma pequena escala do que é a montagem das *drags*: uma sátira de gênero. O ambiente descontraído, a “mudança de sexo” e a novidade trazida pela dinâmica permitiu novos significados para o feminino e o afeminado. Dessa forma, ser bicha deixa de ser algo assustador (como é para aqueles que vivem no armário e fogem da homofobia) e passa a ser cômico, pelo menos durante o ato performático. Minha relação com a turma continuou por todo período de 2013, mas no segundo semestre o pessoal começou a sair menos para as festas. A última vez que saí com o grupo para a balada foi no *Side* em

agosto. Nesse período, eu já interagia com os universitários do Cafezinho XY e aos poucos a etnografia foi se encaminhando para uma nova etapa que continua com essa nova turma no capítulo seguinte.

### 3 O GRUPO DE AMIGOS DO CAFEZINHO XY

#### 3.1 ENCONTROS *ONLINE* E *OFFLINE*

Meu primeiro contato com o Cafezinho XY aconteceu em julho de 2013, época em que foi criado o grupo pela rede social *Facebook* na intenção de reunir os estudantes homens homossexuais e bissexuais da UFPR. Eu me tornei membro nos dias seguintes da criação da página, quando fui convidado a participar por um amigo que cursava Ciências Sociais. O grupo surgiu a partir do Spotted UFPR: Diversidades, uma página também do *Facebook* que permite postagens anônimas sobre pessoas ou situações de quem frequenta a universidade. O termo “diversidades” faz referência ao público homo e bissexual e a página passou a ser usada como correio elegante anônimo, em que o admirador secreto descreve a pessoa de seu interesse ou conta a situação em que a viu. Aqueles que se identificam com a história ou percebem que fazem parte dela podem responder. Essa interação fez com que as pessoas fossem se conhecendo pela plataforma, daí a ideia de criar um grupo que reunisse esses estudantes da universidade. Primeiro foi criado o Cafezinho XX para as estudantes lésbicas e bissexuais. A mesma criadora fez o Cafezinho XY para os estudantes homens, criando um perfil masculino temporário e adicionando inicialmente os amigos dela. Alguns dias depois fez a seguinte postagem:

Uhuuul. Vocês já são mais de 100 lindos aqui. Que alegria e orgulhinho de ver isso! Hahaha. Eu havia feito primeiramente o "Cafezinho XX" das meninas-bi-lésbicas-lindas, e como elas preferiram só mulheres no grupo eu criei esse. Então boys, espero que aqui ninguém "fique no armário"! O grupo é secreto, pode liberar! Adicionem os amigos. Marquem muitas festas. Amem-se muito, beijem muito, façam muito sexo, e façam à dois, três... Bebam muito! Alegria e diversão porque o mundo é lindo! (Postagem feita em 16/07/2013).

As referências à curtição e à pegação homossexual conferem a postagem um sentimento de “libera geral”. Ao mesmo tempo, os grupos secretos do *Facebook* não aparecem no sistema de busca da plataforma e para ser membro é preciso ser convidado e ainda passar pela aprovação do moderador, o responsável pela página. Havia, portanto, uma considerável discricção em fazer parte do Cafezinho, já que, em princípio, somente outros homens gays e bissexuais saberão quem tanto é membro.

Várias postagens e comentários comemoraram a novidade, especialmente ressaltando a importância de se criar um espaço de convivência entre gays da universidade, ainda que virtual. O grupo se tornou um sucesso logo nas primeiras semanas, chegando a ter 330 membros em agosto de 2013. As postagens nos primeiros meses eram constantes e os assuntos mais comentados mobilizaram entre 40 e 250 mensagens. Considero interessante destacar alguns dos temas mais debatidos: dicas de posições sexuais nas relações entre homens; relações entre signos e o “comportamento gay”; publicação de notícias sobre casos de homofobia; enquetes para saber quais as posições sexuais preferidas dos membros; *links* para *sites* de nudez masculina; compartilhamento de vídeos e de músicas recém-lançadas; tópicos para compartilhamento de bandas, cantores e cantoras do universo *pop*; debates sobre desenhos e animes antigos e atuais; propagandas de festas universitárias; promoções de baladas, dentre outras. Por conta dessa variedade, a chance de se identificar com alguns dos debates era grande e as pessoas iam interagindo de acordo com o tema de interesse.

Logo surgiram as primeiras iniciativas para encontros presenciais do Cafezinho. Para isso, foram feitos convites abertos, postados na página do *Facebook* e direcionados a todos os participantes. Os encontros eram combinados em áreas públicas como parques e praças ou no ambiente privado, na casa de algum membro. Desses eventos eu pude participar de três: um piquenique, um jogo de vôlei e um churrasco. O primeiro foi chamado de *Mega Encontro do Cafezinho*, realizado em agosto de 2013 no gramado do Museu Oscar Niemeyer e contou com a presença de nove pessoas. Foi o primeiro evento oficial do grupo e cada participante levou um quitute para compartilhar. O segundo foi em Setembro no Jardim Botânico e reuniu 25 membros do Cafezinho, o maior público de um encontro realizado<sup>36</sup>. Mais uma vez os convidados compartilharam alguma coisa para comer ou beber e havia uma bola de vôlei para quem quisesse jogar. Por último, estive em um churrasco no salão do condomínio em que morava um dos membros da turma. Foi em novembro e reuniu 16 pessoas que apareceram ao longo do evento.

Como seria de esperar, a interação presencial e pelas redes sociais permitiu que essas pessoas ampliassem suas redes de amigos e conhecidos. A depender do

---

<sup>36</sup> O encontro como um todo reuniu pelo menos o dobro de pessoas, pois muitos membros do *Cafezinho* estavam acompanhados de seus amigos e conhecidos.

campus em que estudam, os participantes passaram a se reconhecer pelos corredores da universidade e na fila dos Restaurantes Universitários. Até mesmo nas baladas, ao acaso, foi possível se encontrar e bater um papo. Como a maioria se tornou amigo através do *Facebook*<sup>37</sup>, passaram a acompanhar as postagens uns dos outros que apareciam na *timeline* da rede social, além do acesso às fotos e descrições disponíveis no perfil de cada um. Outros já se conheciam, estudavam juntos, no mesmo curso, na mesma sala ou no mesmo campus. Esses se viam todos os dias ou com regularidade. Entretanto, mesmo esses amigos passaram a atribuir um sentido a mais à relação que tinham, associado agora ao sentimento de pertencimento ao Cafezinho.

Outra importante forma pela qual me aproximei dos rapazes foi através de um grupo no *Whatsapp*. Os contatos foram adicionados através de uma postagem na página do *Facebook*, também disponível para todos os membros. Era necessário compartilhar o número de celular para que o administrador adicionasse o contato. No *Whatsapp* eram quase 50 pessoas e em alguns dias da semana foram trocadas entre 500 e 600 mensagens, incluindo o compartilhamento de fotos, vídeos e memes<sup>38</sup>. Pela interação constante, se formou um tipo de subgrupo que foi estreitando relações. Logo, passaram a dar um sentido mais específico aos chamados “amigos do Cafezinho”, já que essas pessoas iam ganhando cada vez mais presença e importância em suas relações pessoais. Foi pelo *Whatsapp* que pude combinar os encontros que aconteceram nas baladas. Foram oito ao todo: três no *Lucci Meeting Club*, três no *VU*, uma no *James* e uma no *Bar do Simão*. As saídas começaram em setembro e se concentraram até o final do ano, mas duas aconteceram em 2014, uma em fevereiro e outra em março. Com esse núcleo mais restrito do Cafezinho também frequentei duas sessões de cinemas, uma no Shopping Estação e outra no Shopping Mueller, ambos da região central de Curitiba.

A maioria dos membros do grupo com quem eu conversei é constituída por jovens que vieram de fora de Curitiba, do interior do Paraná ou de outros estados do País. De forma geral, eles estão num momento de intensas mudanças em suas vidas, reflexo do período universitário numa nova cidade. Acabaram de sair de seu

---

<sup>37</sup> É importante destacar que o termo amigo do *Facebook* tem outro significado da categoria de proximidade que já expliquei. No caso de amigos do *Facebook*, é qualquer pessoa que está adicionada à outra e, por isso, é possível “ser amigo” de desconhecidos nessa rede social.

<sup>38</sup> O meme é uma imagem, vídeo, frase, expressão copiada e compartilhada através da Internet geralmente com um teor satírico, humorístico ou para zoar uma situação ou pessoa.

núcleo familiar e agora devem ser mais independentes, tanto para organizar a rotina de dedicação aos estudos quanto pela liberdade em curtir festas e conhecer pessoas que antes não tinham oportunidade. Mesmo aqueles que vivem com os pais em Curitiba ou região metropolitana tem sua vida transformada pela nova rotina estudantil. A maioria se mantém na cidade com ajuda financeira dos familiares ou possuem renda com atividades ligadas aos estudos, como estágios e bolsas. Portanto, é um público que não está estabelecido financeiramente, mas estuda para se profissionalizar. Alguns dividem moradia para reduzir custos, com parentes, amigos ou conhecidos<sup>39</sup>. Outros moram em residências estudantis. Há aqueles que têm condições de morar sozinho, se dedicam integralmente à Universidade e não falta dinheiro para curtir a noite. Outros precisam calcular os gastos com as saídas e por vezes preferem ficar em casa para economizar. Em geral, as turmas que acompanhei na balada tinham a mesma preocupação de otimizar as saídas que o grupo de São José dos Pinhais, aproveitando a lista de descontos e as promoções, por exemplo. Outro ponto relevante é que os amigos do Cafezinho tomavam mais bebidas alcoólicas que o outro grupo e acabavam gastando mais com isso. Inclusive, era importante escolher o destino da noite pelo custo/benefício do tipo de bebida que vão tomar. Algumas boates eram lembradas justamente pela qualidade do *drink* oferecido ou por uma bebida tradicional. Por consequência, foi mais comum vê-los passar mal pelo consumo indiscriminado de álcool, algo raro de acontecer com alguém da outra turma.

Vale a pena explicar que o trabalho de campo realizado com o Cafezinho XY vai se concentrar em duas áreas de investigação. A primeira diz respeito às dinâmicas da curtição nos encontros presenciais. Foi nesses espaços que se formaram os vínculos mais próximos, daqueles que passaram a se considerar amigos. Com eles pude entender os critérios das saídas às baladas em diferentes dimensões como, por exemplo: os critérios que definem a escolha das boates; os laços criados na interação entre o grupo; a arrumação dos corpos, os padrões de beleza e as expressões de gênero; e as dinâmicas de pegação que acontecem pela noite. Também se destaca as entrevistas que aconteceram pelos encontros e pelo

---

<sup>39</sup> Como me relatou o membro do grupo que chamarei de Francisco, que será mais bem apresentado mais adiante, os arranjos de moradia no meio universitário podem juntar pessoas que não se consideram amigos, até porque é comum surgir conflitos nesse tipo de situação e as relações serem desfeitas. Ele mesmo me disse que não conversa com as pessoas com quem mora, só cumprimenta e acerta a divisão das contas.

*chat* da rede social *Facebook* com essas pessoas específicas. Foi dessa forma que pude entender melhor um pouco das histórias de vidas dessas pessoas.

A segunda área de investigação da etnografia com o *Cafezinho* foram as conversas produzidas no grupo do *Facebook*. Nesse ambiente, aconteceram alguns debates marcantes sobre diferentes concepções do que é ser homossexual. Muitas vezes, as interpretações sobre o tema eram conflitantes e logo apareceram discussões marcadas por preconceitos e discriminações. Estes não somente em relação às expressões da sexualidade, mas também pela intersecção dessa dimensão com as desigualdades de classe, raça e corporalidade. Por isso, é importante lembrar que por mais que a turma tenha se formado com um discurso de união, não se trata de um grupo homogêneo, mas com sérios desentendimentos e discordâncias. Quase como numa previsão do futuro, o membro que chamarei de Felipe afirma o seguinte num comentário de felicitações da criação do *Cafezinho XY*:

Felipe: Grupo novo no facebook é igual reality show, no início. Todo mundo se ama. Todo mundo quer se pegar. Todo mundo vai estar junto pra sempre. Esperando, ansiosamente, os atraques e barracos começarem!  
(FONTE: postagem feita no grupo do *Facebook* em 16/07/2013)

### 3.2 DOS ENCONTROS VIRTUAIS PARA OS CÍRCULOS DE AMIZADE

A primeira vez que estive presencialmente com os rapazes foi em 24 de agosto de 2013, no *Mega Encontro do Cafezinho XY*. A data foi escolhida por uma enquete e o evento foi no gramado do Museu Oscar Niemeyer. Era uma tarde de sábado, fazia calor e o céu estava aberto. Nove pessoas participaram e quando nos encontramos fizemos uma roda de apresentação. Cada um pode falar um pouco sobre si, do curso que estuda e das expectativas de fazer parte de um grupo gay da universidade. Nesse dia, eu apresentei a minha pesquisa de mestrado e o objetivo geral de entender a relação das baladas gays com as representações da homossexualidade. Também falei do trabalho de campo que vinha acontecendo com os amigos de São José dos Pinhais e que era minha intenção conhecer outras boates de Curitiba, além daquelas que a turma frequentava. Portanto, o *Cafezinho* era uma oportunidade de conhecer pessoas e acompanhá-las com a intenção de ampliar as referências que eu tinha desse universo. Nesse dia, dois dos rapazes me disseram que costumam curtir a noite em boates curitibanas e me convidaram para

sair em uma próxima oportunidade. Com eles mantive um contato mais próximo, especialmente pelo *Whatsapp*, canal pelo qual pude combinar as saídas que fizeram parte da etnografia. Por essa razão, vou apresentar um breve perfil deles e das suas perspectivas em relação à sexualidade.

O primeiro é aquele que chamarei de Francisco. Tem 21 anos e está no terceiro período do curso de Engenharia Civil. É negro, alto e magro. Foi ele que organizou o *Mega Encontro* fazendo as postagens no *Facebook*. Com a turma reunida, ele tomou a iniciativa e agiu como anfitrião do evento. Inclusive, trouxe uma garrafa de café em homenagem ao nome Cafezinho. Francisco é um rapaz muito carismático e tanto nesse dia quanto em outros encontros, percebi que é uma figura central na mobilização da turma. Tinha uma narrativa acolhedora e por isso desempenhou um papel parecido com o de Brigitte para a turma de São José dos Pinhais. Eu estive com Francisco na balada quatro vezes, três no *Lucci* e uma no *James*. Ele participou das saídas até o final de outubro, época em que começou um relacionamento amoroso e deixou de frequentar as boates. Mesmo assim, pela centralidade que desempenha entre os rapazes, realizei com ele uma entrevista em setembro de 2013 pelo *chat* da rede social *Facebook* e pude saber um pouco mais sobre sua história de vida. Ele nasceu em Santos, no litoral paulista, e veio morar em Curitiba para fazer o curso de Engenharia Civil. Segundo ele, a mudança para a capital do Paraná teve íntima relação com a homossexualidade. O diálogo abaixo explica essa questão e está transcrito a partir da entrevista realizada.

Mas parte do motivo de eu querer vir pra Curitiba é que eu estava completamente dentro do armário e vi numa cidade fria, gay e grande a oportunidade de dar “umas escapadinhas” sem que descobrissem. Enfim, pra piorar, eu passei em Santos num concurso da prefeitura para um cargo de “chefia” num salário *bacana*. Alguns diriam que até compensa mais eu viver lá pro resto da vida que me formar engenheiro. Mas meu sonho foi mais forte [...] Pedi as contas do meu trabalho, coloquei na mala meu notebook e dois pares de roupas, comprei a passagem, descii sozinho na rodoviária, fui num hotel, aluguei uma quitinete, enfim, comecei a viver em Curitiba. Claro que depois tive apoio de todos. Mas no começo foi assim: sozinho, na incerteza (FONTE: entrevista informal via *chat* do *Facebook* em 02/09/2013).

Além de realizar o sonho de se graduar em Engenharia, uma importante motivação da mudança na vida de Francisco está relacionada à pegação, ou nas palavras dele: dar “umas escapadinhas”. Sobre isso, em outro momento da entrevista ele diz que viveu uma “vida de vadio” em Curitiba, dizendo ter ficado com

mais de oito pessoas numa festa de república estudantil. Entretanto, sobre o sentido estar fora do armário, certamente é possível dizer que outros elementos estão relacionados. No dia do *Mega Encontro*, por exemplo, ele compartilhou com a turma que o seu ambiente de estudos é demasiado heteronormativo e não tinha amigos entre seus colegas de classe. Por isso, não se sentia à vontade para, nas palavras dele, “ser ele mesmo”. Como Francisco me revelou, o sentido de “ser você mesmo” está relacionado a “ser afeminado”, ou como ele diz: gesticular com as mãos enquanto fala, cruzar as pernas quando está sentado, usar gírias gays, dentre outras. Francisco diz que existe uma naturalidade em se mostrar dessa forma, ou seja, “dar pinta”. Esses são os momentos em que está à vontade consigo mesmo e não preocupado sobre seu jeito de ser. Contando essa história para os rapazes, Francisco vai marcar dentro do Cafezinho um posicionamento positivo em relação ao afeminado, que como veremos não é uma unanimidade dentro do grupo. Ele defende isso como um ato de liberdade em relação aos padrões sociais de gênero, mas também de autenticidade, por se revelar alguém que é verdadeiro consigo e não se “esconde” no armário.

O segundo contato que fiz no *Mega Encontro* foi com Arthur, de 20 anos. Ele é de Curitiba, onde mora com a família. Atualmente está no terceiro ano do curso de História. É branco, magro e de estatura mediana. Eu me encontrava com certa frequência com ele porque estudávamos no campus da Reitoria da UFPR. Nós nos víamos no pátio e foi nesse ambiente que pude conversar com ele sobre o Cafezinho, sua relação com as baladas e um pouco da sua história de vida. Arthur me disse que seu maior interesse no grupo eram os debates sobre a *pop music* que aconteciam pela rede social, além de conhecer pessoas que também se identificam com esse universo. Como veremos, essa é uma dimensão relevante dentro do grupo, pois esse gosto musical é interpretado como tipicamente gay. Portanto, ter pessoas com quem compartilhar desse assunto é tão relevante quanto conversar sobre a própria homossexualidade. Sobre as baladas, Arthur já era um frequentador do *VU* e costuma sair com os amigos que possui desde o período do Ensino Médio. Nos encontros do Cafezinho que participou, esteve acompanhado deles e nas festas que estive presentes eles se tornaram conhecidos. Arthur participou de duas noites no *Lucci* e outras duas no *VU*. Nessa última boate em uma das noites me encontrei com ele ao acaso, mas ficamos na mesma roda de amigos por uma parte da festa. Nessa oportunidade eu conheci seu irmão gêmeo que também é gay e universitário,

mas estuda na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a PUCPR, e, portanto, não faz parte do Cafezinho. Ele me revelou que seu processo de saída do armário para a família aconteceu na adolescência no mesmo período que seu irmão. Afirma que no início não houve aceitação dos pais, mas depois que entrou na faculdade a relação com eles melhorou muito, inclusive com mais liberdade para voltar de madrugada pra casa e curtir as baladas.

Depois do *Mega Encontro*, mantive o contato com Francisco e Arthur pelo *Whatsapp* e logo estávamos no grupo do Cafezinho dessa rede social. Foi por esse canal que combinamos um encontro no *Lucci Meeting Club* algumas semanas depois. Esse encontro superou as expectativas de todos e reuniu treze membros. Era um sábado de calor e como ninguém teria aula no dia seguinte poderíamos aproveitar a curtição até mais tarde. A boate vinha fazendo sucesso no grupo. Alguns rapazes já haviam se encontrado lá e compartilhado fotos pelo *Whatsapp*, mas assim como eu, vários membros se conheceram nessa noite. Foi nessa oportunidade que eu me aproximei de mais cinco pessoas que estiveram nos encontros que aconteceram posteriormente. Com eles tive a oportunidade de apresentar a pesquisa que vinha realizando e pedir o aval deles para acompanhá-los pela noite. Da mesma forma que no grupo anterior, eu aproveitava os encontros para realizar entrevistas informais, inclusive nas baladas. Todas essas pessoas se consideravam amigos, principalmente enquanto curtiam as festas, pela parceria de estarem juntos na festa. Nesse sentido, também pude ser classificado dessa forma por eles. Porém, enquanto alguns estavam mais para “amigos de baladas”, principalmente no meu caso, outros eram muito mais próximos e diziam como irmãos ou se classificavam como “amigos para sempre”.

O primeiro deles é Samuel, de 21 anos, estudante de agronomia. Ele está atualmente no segundo ano do curso. É branco, alto, de cabelos escuros e possui uma barba densa. Ele é popular no grupo do *Facebook* e é comumente elogiado pela beleza, além de receber muitas cantadas anônimas em um segundo *Spotted* criado dentro do Cafezinho. Ele possui um estilo masculino e nas baladas costuma usar tênis, calças jeans e camisas ou camisetas. Ao mesmo tempo, afirma estar fora do padrão de masculinidade atribuído ao estudante de agronomia, conhecido como *agroboby* e associado à virilidade do homem do campo e agricultor. Assim como Francisco, com quem desenvolveu uma amizade muito próxima, vai valorizar a liberdade dos trejeitos afeminados e o “direito de dar pinta”, inclusive em seu

ambiente de estudos tradicionalmente mais conservador, segundo ele. Além dessa noite, Samuel participou de dois encontros no *Lucci*, um no *James* e outro no *VU*. Eu tive uma conversa com ele no fumódromo do *VU* em que apresentei em maiores detalhes a pesquisa de campo que eu realizava e perguntei pra ele sobre sua relação com o Cafezinho e com as baladas gays. Ele me disse que fez amizades dentro do grupo que vai levar para o resto da vida. Além disso, conseguiu companhia para sair e pessoas para compartilhar as gírias gays que conhecia da internet. Ele mora com seu irmão heterossexual em Curitiba há três anos e afirma que se dão muito bem. Sobre as baladas, um dos interesses nas festas está na pegação, mas afirma que prefere ficar com um único rapaz interessante ao longo da noite que “sair pegando todo mundo”. Ele gostava de beber nas festas e às vezes interpretava a diversão da noite pela intensidade com que ficou bêbado.

Outro que estava presente era Henrique, de 22 anos, estudante de Medicina. Junto com Francisco e Samuel, formavam um grupo muito próximo que incluía outros dois rapazes que conheci essa noite, mas que não estiveram em outras saídas. Foi entre eles que ouvi as declarações de irmandade. Eles se encontram quase todos os dias pela rotina de estudos. Henrique é negro e tem um corpo atlético e alto. Ele mantém uma rotina de exercícios em academias de musculação e sua aparência é masculina. Ao mesmo tempo, se veste com roupas justas, que deixam os músculos em destaque. Inclusive, numa conversa com a turma disse que prefere as calças mais apertadas justamente porque deixam a bunda empinada. Em geral, essa é uma estética de masculinidade dentro do universo homossexual. Inclusive, é até possível sugerir com alguma precisão que Henrique é gay por conta desse estilo e talvez por isso vai ser mais comum na balada que em outros lugares. Ele foi um dos mais baladeiros durante a pesquisa e estive com ele em cinco festas, duas no *Lucci*, duas no *VU* e uma vez no *James*.

Nessa noite eu ainda conheci Ariano, de 24 anos, estudante de Direito. Ele é negro, magro e baixo. Mora em Curitiba com a família e é abertamente homossexual desde os quinze anos. Ele se considera afeminado e toma isso como consequência de sua homossexualidade. Portanto, associa se assumir como o único caminho que poderia tomar, pois não tinha disposição para fingir ser heterossexual. Teve um importante acolhimento de sua mãe nesse processo, com quem tem uma relação muito próxima. Eu pude conhecer sua família, mãe, irmãs e primos, no *Lucci* no final de março de 2014 quando comemorou lá seu aniversário. Vários membros do

Cafezinho compareceram. Ele alugou as mesas que ficam ao fundo da pista de dança no piso superior da boate. Havia bolo, bebidas e a própria balada. As outras oportunidades que estive com ele foram no VU e no Bar do Simão. Nessa última boate combinei de me encontrar somente com ele do Cafezinho e outros amigos em comum. Mesmo assim, na festa pudemos encontrar com conhecidos do grupo no *Facebook* e interagimos com eles ao longo da noite.

Nesse primeiro encontro no *Lucci* ainda conheci Paulo, de 24 anos, estudante de Letras Espanhol. Ele teve um papel de destaque no grupo, organizando o churrasco que aconteceu na área de lazer do condomínio em que mora. Eu desenvolvi uma proximidade maior com ele porque nos encontrávamos no campus da Reitoria da universidade. Além dessa noite no *Lucci* ele esteve presente no aniversário de Ariano. Paulo afirma que sua família sabe que é gay, mas sua mãe religiosa tem dificuldades em lidar com isso. Sua vinda para Curitiba seria uma forma de manter distância e evitar conflitos. Ao mesmo tempo, experimenta agora uma nova realidade como homossexual frequentando ambientes que não são heteronormativos, como estava acostumado. Inclusive, teve recentemente sua primeira experiência sexual com outro homem e afirma que foi nesse momento que teve a certeza sobre ser gay.

Por fim, outro membro do grupo que conheci foi Rafael, de 24 anos e estudante de Letras Inglês. Ele é branco, de estatura mediana e um pouco acima do peso. É interessante destacar sobre ele uma conversa que tivemos no *VU* em que perguntei sobre como entendia sua expressão de gênero. A resposta foi um meio termo entre afeminado e masculino. Ele me diz que com o Cafezinho costuma se soltar mais, portanto fica mais próximo do afeminado. Em outros momentos costuma ser mais masculino, especialmente se estiver paquerando. Sobre isso, me chamou a atenção a narrativa centrada em homens masculinos como preferência de paquera<sup>40</sup>. Como alguns rapazes do grupo de São José dos Pinhais, ele me disse que “não rola” ficar com afeminados e usa o termo “broxante” para se referir a essa possibilidade. O critério que utiliza é que a paquera não pode ser mais afeminado

---

<sup>40</sup> Uma das categorias de masculinidade que apareceram essa noite é chamada de *cafuçu*, referente aos homens que não são considerados bonitos, mas viris e sexuais. Esse é um tipo de masculinidade que se afasta tanto do padrão de beleza de pele e olhos claros, quanto do homem arrumado e produzido. Há também uma questão de classe envolvida, pois podem ser trabalhadores como pedreiros, operários ou coletores do caminhão de limpeza.

que ele e nem ser exclusivamente passivo. Essa narrativa de preferência erótica foi comum em falas de pessoas do Cafezinho e reforçam um padrão de atração estabelecido no corpo masculino e preferencialmente ativo.

Das interações que tive com os rapazes do Cafezinho vale citar duas outras pessoas que estiveram fora do meio das baladas, mas que me ajudaram a pensar as questões da pesquisa e compartilharam comigo informações importantes. Primeiro o amigo que me adicionou no grupo do *Facebook*. Ele foi membro até novembro de 2013 da página, quando saiu por conta dos conflitos que surgiram na rede social. O outro é Felipe que conheci no campus da Reitoria e com quem estive no Largo da Ordem e na Rua Trajano Reis. Os dois estudam Ciências Sociais e nos aproximamos através de amigos veterano deles, agora no curso de mestrado em Antropologia. Com essas duas pessoas eu pude conversar sobre o grupo no *Facebook* e pensar melhor sobre as interações que aconteciam pela página.

### 3.3 NAS BALADAS COM O CAFEZINHO

Os rapazes do grupo tinham uma boate preferida, o *Lucci Meeting Club*. No *Whatsapp* eles elogiavam o local, especialmente a comida, os *drinks* e a música. Além disso, a boate sediou momentos memoráveis da turma, como a primeira noite que estive com eles em agosto de 2013 e o aniversário de Ariano em março de 2014. O espaço foi se tornando uma referência afetiva na turma e se dizia que sempre era possível encontrar alguém do Cafezinho por lá. Soma-se a isso a atuação do promotor e DJ da casa, Luiz Henrique, estudante de Direito de 24 anos da UFPR. Como participante do grupo no *Facebook* ele fazia propaganda do estabelecimento, compartilhava a programação da semana e oferecia uma lista de descontos em seu nome. Ele também estava no grupo do *Whatsapp* e combinava de se encontrar com os rapazes por esse canal. Na festa, os amigos do Cafezinho pediam músicas e prestigiavam sua apresentação como DJ. O estabelecimento fica no bairro Batel, Alameda Doutor Carlos de Carvalho, número 949. Como já foi dito, a região em que se localiza a boate tem um intenso movimento noturno. Destaca-se o movimento das pessoas nas calçadas quando o público do *Lucci* se mistura aos demais. Nas imagens abaixo a fachada do local.



FONTE: [www.facebook.com/LucciClub](http://www.facebook.com/LucciClub) (acesso em 21/03/2014)

LEGENDA: Fachada do *Lucci* durante a noite em funcionamento e movimentado.

Para o lado de fora, voltado para rua, existe um deck com um grande guarda-sol, esse é o ambiente em que as pessoas podem fumar. Não há seguranças revistando os clientes que entram. Na parte interna, passamos pelo caixa e pegamos uma comanda de consumo. No térreo está a maioria das mesas, dispostas como num restaurante. No piso superior encontramos a pista de dança, a cabine do DJ, banheiros, algumas mesas e um bar. Essa área fica liberada ao longo do funcionamento da casa, mas só se torna a mais movimentada quando a balada começa. Nas imagens abaixo a área interna da boate.

IMAGEM 9: AMBIENTE INTERNO DO *LUCCI*.



FONTE: [www.facebook.com/LucciClub](http://www.facebook.com/LucciClub) (acesso em 21/03/2014)

LEGENDA: visão interna do *Lucci* da área de restaurante vazia e com movimento. Na foto mais escura uma imagem da pista de dança.

O *Lucci* é frequentado tanto por homens quanto por mulheres. O público em geral é jovem, mas pessoas mais velhas sempre estiveram presentes. Os espaços do térreo são maiores e os rapazes gostavam de ficar no *deck* voltado pra rua. Por volta das 22 horas começa a discotecagem e uma balada ganha vida no piso superior. Lá o som toca mais alto e as pessoas logo sobem para curtir a pista de dança. A iluminação é típica das pistas, com jogo de luzes coloridas e piscantes. O serviço de cozinha é oferecido até por volta das onze horas da noite e nesse horário a parte superior já é o lugar mais frequentado da boate. Entre duas e três horas da manhã o estabelecimento fecha e é comum ele ser um ambiente de passagem, especialmente para o *James* por conta da proximidade e da parceria para cortar fila e ter desconto na entrada. Fizemos isso na segunda vez que estive no *Lucci* com o pessoal. Chegamos ao *James* com uma turma de oito pessoas sendo que cinco eram do grupo e os outros três eram amigos dos membros. Essa foi uma das noites mais memoráveis, especialmente pela bebedeira e pela pegação. No dia seguinte

todos tinham uma história para contar: de quando pegaram alguém, da quantidade de bebidas que tomaram e das situações mais engraçadas.

A segunda boate mais frequentada pelo grupo no período da pesquisa foi o *VU Bar*. Eu já conhecia o local com amigos do curso de mestrado. Ao todo, frequentei a boate cinco vezes e três delas com o Cafezinho. O estabelecimento é considerado tradicional da noite curitibana e funciona desde 2005 na Avenida Manoel Ribas, número 146. Passou por reformas ao longo dos anos e cada mudança aumentou um pouco mais a capacidade de público. Durante o dia, é difícil perceber a boate. O local é muito discreto e possui uma porta de enrolar de metal comum em lojas. Porém, durante o funcionamento da casa uma parte da calçada em frente à entrada é anexada por postes com fitas de isolamento. O local fica demarcado e ali se torna uma área externa em que as pessoas podem dar um tempo da balada e fumar. Seguranças costumam vigiar essa área para que nenhum frequentador saia sem pagar.

A fila de entrada pode ser grande nos finais de semana, às vezes até o final da esquina. Na entrada um funcionário confere o documento de identidade e outro anota o nome numa comanda de papel que fica com o cliente. Depois passamos pela revista com o segurança. Os homens são sempre revistados e as mulheres também quando há seguranças femininas, o que nem sempre acontece.

IMAGEM 10: FACHADA DO VU DE DIA E DE NOITE

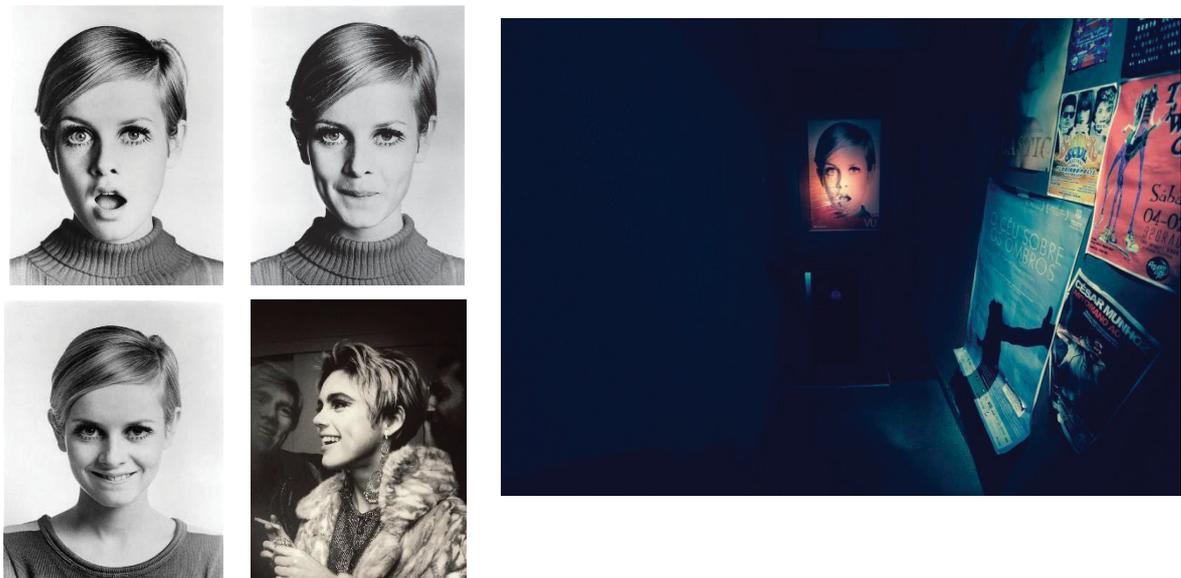


FONTE: Primeira foto: o autor em 11/10/2013 e segunda foto em [www.facebook.com/V.U.Bar](http://www.facebook.com/V.U.Bar) (acesso em 03/02/2014).

LEGENDA: Na primeira foto a fila para entrar na boate durante o funcionamento da casa. Na segunda foto a fachada do VU durante o dia.

Durante o período da pesquisa, o *VU* só não funcionava na segunda-feira. Ele abre por volta das 22 horas, tendo valores de entrada que variam entre cinco e vinte e cinco reais. A boate é uma das que funciona no domingo com a festa chamada *Ressaca*. Nesse dia ela abre mais cedo, às 19 horas e termina por volta da meia noite. A boate tem uma marca promocional na *top model* Lesley Lawson, conhecida como Twiggy, cujo rosto encontra-se estampado em vários *posters* espalhados no interior do local. Já o nome do estabelecimento é uma abreviação do inglês *velvet underground*, algo como “subterrâneo de veludo” em português. Na parte de cima fica um espaço com mesas, cadeiras, um bar e um guarda volume. O acesso para a pista de dança é descendo uma escada entre paredes que dá a sensação de entrarmos num buraco, como sugere o nome em inglês, como na imagem abaixo.

IMAGEM 11: FOTOS DA MODELO TWIGGY E A ESCADA DE ACESSO À PISTA DE DANÇA DO *VU*



FONTE: [www.facebook.com/V.U.Bar](http://www.facebook.com/V.U.Bar) (acesso em 03/02/2014).

LEGENDA: As quatro fotos menores são da modelo Twiggy. Na foto maior a escada que dá acesso à pista de dança, também com a foto da modelo.

Assim que abrimos a porta para a pista de dança somos imediatamente invadidos pela música e pelo calor abafado do ambiente em dias lotados. Logo à esquerda temos a cabine do DJ e mais a frente, à direita, fica um bar. O ambiente conta ainda com um segundo espaço ao fundo, um salão de menor tamanho com

mesas e cadeiras. Esse é um dos locais em que podemos sentar e descansar do agito da pista. É onde ficam os caixas para o pagamento da conta ao final da balada. Porém, uma das reformas modificou esse salão. Abriram mais dois banheiros ao fundo, trouxeram o caixa para o primeiro andar e instalaram uma segunda escada com acesso ao primeiro andar. Como havia dito, todas essas reformas aumentaram a capacidade de público do estabelecimento. Os banheiros são separados por gênero e atualmente existem dois para cada. Em geral, o local é frequentado por homens e mulheres, mas em algumas noites a maioria dos frequentadores parecia ser de homens. Há tanto casais gays quanto lésbicos e raramente casais heteros. A seguir fotos da balada em dias movimentados.

IMAGEM 12: PISTA DE DANÇA E PÚBLICO DO VU



FONTE: [www.facebook.com/V.U.Bar](http://www.facebook.com/V.U.Bar) (acesso em 03/02/2014)

LEGENDA: As duas fotos são do ambiente da pista de dança do VU.

Na saída do VU é possível ir à pizzaria que fica ao lado aberta até às 4 horas da madrugada, atendendo principalmente os frequentadores da boate. Outra opção é o *dog* (abreviação de barraca de cachorro-quente) que fica na esquina aberto até o dia amanhecer. Das três oportunidades que estive no VU com o Cafezinho, duas delas aconteceram de forma aleatória. Uma vez depois do churrasco na casa de Pedro e outra depois de uma saída para o cinema. Essas saídas foram em dias úteis seguindo a lógica de não frequentar baladas lotadas. Em comparação ao grupo anterior de São José dos Pinhais, essa era uma facilidade já que nós moramos mais próximos das boates, então podíamos planejar sair sem muita antecedência.

Por fim, a outra boate em que estive com os amigos do Cafezinho foi o *Bar do Simão*, um estabelecimento relativamente novo em Curitiba, inaugurado em dezembro de 2011. Fica na Avenida Manoel Ribas, número 656, a mesma rua do *VU Bar*, só que mais distante do centro. Ela já tinha consolidado um público cativo e alguns rapazes do Cafezinho vinham combinando encontros lá e postando fotos no grupo do *Whatsapp*. Com eles, frequentei a boate somente em uma oportunidade, já em 2014. Nessa noite eu estava acompanhado de somente um amigo do grupo, o Ariano. Mas na balada encontramos outros membros do grupo no *Facebook* e pudemos interagir um pouco com eles. Ao todo eu estive no *Simão* em três noites, as outras duas com amigos pessoais.

### 3.4 A POPZERA

Em comum, essas quatro boates frequentadas pelo Cafezinho estão marcadas em maior ou menor medida pela música *pop*, também conhecida entre o grupo como *popzera*. A expressão apareceu entre eles quando um dos rapazes comentou o tipo de música que iria tocar no *Lucci* dizendo “a *popzera* de sempre”. Foi uma referência direta ao *pop music* internacional, um tipo de mercado musical engajado na publicidade de cantores, cantoras e grupos musicais. As boates mais frequentadas pelo grupo possuem ao menos um dia na semana com uma festa dessa temática, destacando-se aqui a *Pop line* do *James*, a *Pop basement* do *VU* e a *Burning up* do *Bar do Simão*. Além disso, são músicas tocadas em rádios e em mídias digitais, principalmente através do investimento em divulgação dessas produções musicais. Há certa atualização constante desse mercado, com novos artistas e novas músicas sendo lançadas regularmente. Exatamente por isso se destacam os artistas com carreiras estabelecidas e com músicas consideradas clássicas. Sem dúvidas o que mais chama a atenção são as cantoras conhecidas como *divas pop*, que possuem fãs cativos formados em boa parte por homens gays. São celebridades que fazem sucesso desde os anos 1970 e 1980, como Cher e Madonna, até as mais recentes como Britney Spears e Beyoncé Knowles, nos anos 1990, e Lady Gaga e Katy Perry, nos anos 2000. Como artistas, são mulheres empoderadas, muito confiantes em si quando se apresentam em grandes shows e outras superproduções. São consideradas belas e bem sucedidas profissionalmente. Produzem videoclipes elaborados, participam de premiações do mundo da música,

aparecem nas capas de revista, etc. Dessa forma, tornam-se símbolos de poder feminino e delas tudo pode ser copiado entre o grupo de amigos, as poses, as coreografias, as cenas dos videoclipes, os memes, principalmente quando a música do momento toca na balada.

No grupo do *Facebook*, os debates aconteciam sobre o tema. Numa postagem sobre "confissões", Samuel postou "confesso que limpo a casa ouvindo Cher" e foi seguido por comentários de várias outras indicações de cantoras para se ouvir nesses momentos. A cantora Madonna mantinha admiradores no grupo e isso se deve tanto pela produção musical constante ao longo das décadas quanto pelo seu discurso positivo em relação aos homossexuais que marcou sua vida pública. Britney Spears e Beyoncé Knowles são conhecidas desde o início de suas carreiras, que começaram na adolescência dos membros do grupo. No caso de Britney, a vida pessoal foi acompanhada pelas agências de fofocas e é constantemente lembrada por um "surto" em 2007, quando raspou a cabeça e atacou o carro de um *paparazzi* com um guarda chuva. Apesar desse momento ruim, ela é vista agora em um momento de recuperação da carreira por estar voltando às produções musicais. No caso de Beyoncé, suas músicas são marcadas pelo empoderamento feminino e por coreografias elaboradas que alguns dos rapazes conseguem reproduzir muito bem. A cantora Lady Gaga tem uma relação mais direta com a população LGBT, especialmente depois da canção *Born this way*, em que fala sobre aceitação de si mesmo. Além disso, ela estava em alta no grupo pelo lançamento de um novo álbum chamado *Artpop*, que inclusive é bastante sugestivo sobre o que chamei de *popzera*. Mas certamente entre as boates frequentadas, a *Lucci* é a que mais trazia referências desse universo da *popzera*, como nas imagens a seguir.

IMAGEM 13: FLYERS DE DIVULGAÇÃO DO LUCCI





FONTE: facebook.com/LucciClub (acesso em 10/02/2014)

LEGENDA: Os

*Flyers* de divulgação do *Lucci*. No flyer superior, à esquerda, a cantora Britney Spears. No inferior, à esquerda, a cantora Miley Cyrus. No superior, à direita, as cantoras Demi Lovato, Katy Perry, Beyoncé Knowles e Rihanna. No inferior à direita, o grupo Spice Girls.

Nos *flyers* podemos perceber que o material publicitário da boate organiza as noites em temáticas como: cantoras morenas, especial do grupo britânico *Spice Girls*, combinações como Britney Spears e *funk brasileiro*, dentre outras. Mas durante a pesquisa, duas recentes músicas características da *popzera* eram as que faziam mais sucesso entre os amigos do Cafezinho. São elas as músicas *Roar* de Katy Perry e *Work bitch* da cantora Britney Spears. As duas produções tiveram os videoclipes lançados em setembro e outubro, respectivamente. Os rapazes comentavam as músicas com frequência e por eu estar atualizado com esses lançamentos pude aproveitar com eles os momentos em que elas tocavam na balada. Em uma das noites no *Lucci* estávamos indo à parte externa para tomar um ar, mas quando *Work Bitch* começou a tocar, voltamos imediatamente para pista pra curtir o som. A música tem uma batida que lembra o eletrônico e tocou em todas as noites que estive com o Cafezinho no *Lucci*. A letra se destaca pela ostentação com citações a carros importados, mansões e corpos sarados. Numa tradução livre, o nome da música é algo como “trabalha vadia”. Segue um trecho.

Você quer um corpo belo? Você quer um Bugatti<sup>41</sup>? Você quer um Maseratti<sup>42</sup>? É melhor trabalhar vadia. Você quer um Lamborghini? Beber martines? Ficar gostosa num biquíni? É melhor trabalhar, vadia (Letrada música “Work Bitch”, Britney Spears, 2013, tradução livre).

Exalta-se aqui uma vida de luxo, muito relacionado ao mundo da fama das próprias artistas. Soma-se a isso uma marca estética a ser copiada como, por exemplo, quando a cantora dá uma chicotada em uma atriz no videoclipe e que foi

<sup>41</sup> Famosa marca de carros de luxo.

<sup>42</sup> Outra famosa montadora italiana de carros.

parar no *flyer* de promoção do *Lucci* na imagem 12. Na pista de dança os rapazes reproduzem a coreografia, mas o mais importante é dublar a letra com uma precisão caricata e agir como se fosse o dono da canção. A feminilidade tem passe livre nessas interpretações e mesmo aqueles mais masculinos encontram um momento para se soltar mais. Além disso, a canção é amplamente presente nas conversas e torna-se meme. Nas conversas do grupo no *Whatsapp*, por exemplo, quando há necessidade de estudar para uma prova difícil eles dizem uns para os outros “*you better work bitch*”. Portanto, acompanhar esse universo me deu uma vantagem na interação entre eles.

No caso de *Roar*, alguns dos rapazes se derretem quando ela começa a tocar. A letra é motivacional e nos incentiva a superar os desafios que aparecem em nossas vidas. Com essa música se destaca uma noite no *VU* em que eu estava com Henrique e Rafael na pista de dança. Quando a música começou a tocar, nos olhamos atentos e logo começamos a reagir animados junto com o público na pista de dança. Era uma ação coletiva e toda pista de dança parecia cantar com a gente o refrão em coro e interpretamos a letra como numa performance de dublagem de uma boa *drag queen*. Foram momentos de identificação com os dois que consolidaram as relações que desenvolvi com eles. A letra passa uma mensagem positiva e com que todos podem se relacionar. Segue um trecho.

Você me derrubou, mas me levantei. Prepare-se, porque já cansei. Eu vejo tudo, eu vejo agora. Eu tenho o olho do tigre, uma lutadora dançando no fogo Porque sou uma campeã e você vai me ouvir rugir. Mais alto, mais alto do que um leão. Porque sou uma campeã e você vai me ouvir rugir. (Letra da música “Roar”, Katy Perry, 2013, tradução livre)

Curiosamente, Henrique e Rafael tomaram a interpretação da letra em relação aos relacionamentos passados que tiveram e dessa forma criaram um vínculo sentimental com a música. Entretanto, vale destacar que nem todos no Cafezinho gostavam de ouvir a *popzera* ou não acompanhavam esse universo. Paulo, por exemplo, disse em uma postagem que não gosta de pelo menos 90% das cantoras *pop*. Sobre as *divas*, alguns diziam que esse era assunto de bichas velhas. Nas baladas, havia aqueles que preferiam ouvir *funk*, *rock* ou outros ritmos como sertanejo. Não há, portanto, uma vinculação automática entre a *popzera* e os homossexuais. Como eu disse antes, esse era considerado um universo especialmente homossexual. Por isso, chama a atenção que esse ritmo seja

incorporado como referencial gay. Dentre outros motivos, especialmente pelos rapazes aproveitarem as músicas na balada para esquecer um pouco das regras de comportamento de gênero opressoras e se divertir de forma afeminada.

### 3.5 A INTERAÇÃO NO FACEBOOK E OS CONFLITOS ONLINE

Logo nas primeiras semanas da criação do Cafezinho, as publicações que iam revelando as temáticas de interesse dos membros do grupo, levantavam também opiniões controversas e conflitantes. Um dos temas que mais gerou polêmica estava relacionado aos conceitos de passivo e ativo. Foi difícil achar um consenso sobre o assunto, até porque alguns generalizam suas próprias impressões enquanto outros faziam análises mais abstratas. A primeira postagem em que a questão apareceu foi feita no início do grupo por Francisco, em julho de 2013, que inaugurou uma enquete com a seguinte pergunta: “*Cabô* a brincadeira: Qual a sua opção sexual?” Era uma questão de múltipla escolha e havia cinco opções em referência ao comportamento sexual ativo e passivo. O resultado parcial um dia depois da postagem foi o seguinte: 38 pessoas marcaram *Ativação*, 17 marcaram *Flex+ativo*, 15 *Participativo-adaptável (versátil)*, 9 *Flex+Passivo* e 2 *P.A.M (passivo até a morte)*. O resultado da enquete, é importante que se diga, não pode ser encarado como definitivo porque as pessoas podiam mudar de opção a qualquer momento e não havia prazo para terminar a pesquisa. Mesmo assim, ao longo dos dias as opções mais próximas de *Ativação* sempre foram as mais escolhidas em relação proporcional às mais próximas de *P.A.M*. Nos comentários isso gerou especulação e como alguns dos rapazes que estiveram comigo na balada participaram do debate, vale transcrever alguns trechos que nos dão a dimensão dos argumentos. Para usar os trechos das conversas na dissertação, eu fiz uma postagem pedindo autorização dos rapazes do grupo no *Facebook*. Como combinado, todos os nomes seriam alterados e não estariam em análise os comentários que permitissem a identificação dos membros, buscando preservar a imagem deles. A postagem feita pelo pesquisador está transcrita nos ANEXOS 1 e 2 deste trabalho. Para efeitos de fidelidade vou manter os textos como foram escritos, sendo que algumas expressões serão explicadas em notas de rodapé. Algumas mensagens tinham emojis e símbolos que careciam de uma explicação complementar, por isso foram retirados da transcrição. Entretanto, não há prejuízo

do sentido geral das mensagens. Dos rapazes que estiveram comigo nas baladas, Francisco e Paulo participaram dessa parte da discussão.

Fernando(25/07/2013 11:15): Sou vadia, me adapto pra poder ser mais vadia ainda.

Cristian (25/07/2013 11:26): a cada dez transas, uma eu sou passivo, porque né...

Fernando(25/07/2013 11:26): Pra mim depende da pessoa, se pego alguém que só é ativo, dou<sup>43</sup>. Se pego alguém só passivo, como<sup>44</sup>. Mas gosto mesmo é do troca-troca<sup>45</sup>.

Guilherme (25/07/2013 11:29): Prefiro descobrir na hora. Tudo é um jogo de dominação (o que acho bem mais divertido).

Joaquim (25/07/2013 15:37): Participativo/adaptável é o novo Passiva recalcada?

Fernando(25/07/2013 15:38): Não sei, se você se sente passiva recalcada? Eu não...

Paulo (25/07/2013 15:40): Tem ativos demais nesse grupo. Ah, eu na maior parte do tempo sou pass, mas as vezes tenho uns "surto" ativos e tal.

Bernardo (25/07/2013 16:26): "ativaço" HAHHAHAHAHA VAMO SE RESPEITÁ PFVR.

Raul (25/07/2013 18:56): Faltou "depende do quanto eu bebi".

Cauê (25/07/2013 18:57): Essa enquete não condiz com as estatísticas:



Daniel (25/07/2013 19:39): Segundo o mapa do MenHunt o PR tem maioria pass. Agora o povo faz a linha quando põe a cara<sup>46</sup>. To lokkkaaaaa, muito atv<sup>47</sup> nessa federal É TUDO FAKE<sup>48</sup>. KKKKK.

Paulo (25/07/2013 19:42): vamos ser felizes gente, a cama não é lugar de preconceitos.

Daniel (25/07/2013 19:45): O *babado* é certo meu amor, é tudo bife, quando esquenta vira! Kkkkkk.

Francisco (25/07/2013 19:48): O povo tá votando em *ativaço* por protesto ou é isso tudo mesmo, produção?

Paulo (25/07/2013 19:49): Eis a questão Francisco.

Daniel (25/07/2013 20:05): Mas de qualquer forma dentro ou fora *todxs*<sup>49</sup> aqui gostam de uma boa piroca<sup>50</sup>.

Paulo (25/07/2013 20:06): HAHHAHAHHA, ótima constatação Daniel.

<sup>43</sup> Vem da expressão "dar" e significa ser passivo.

<sup>44</sup> Vem da expressão "comer", ou seja, ser ativo.

<sup>45</sup> O troca-troca tem o sentido de "revezar" a prática passiva e ativa numa mesma prática sexual.

<sup>46</sup> "Fazer a linha quando põe a cara" significa, nesse contexto, fingir ser ativo (fazer a linha) quando se responde essa pergunta publicamente (quando põe a cara).

<sup>47</sup> Abreviação de ativo.

<sup>48</sup> Falso, mentiroso.

<sup>49</sup> O X identifica uma determinação de gênero neutro e, portanto, distante das tradicionais construções de masculino e feminino.

<sup>50</sup> Outra expressão para pênis.

É de se esperar que cinco categorias de preferência sexual dentro de uma enquete não seriam capazes de classificar as práticas sexuais que podem existir entre homens, mas chama a atenção o desentendimento deles sobre os conceitos. Destaca-se o deboche de Joaquim, que afirma que as pessoas que escolheram *participativo-adaptável* seriam passivos recalcados, ou seja, que não têm coragem de assumir sua opção sexual e por isso mentem sobre serem versáteis. A partir desse comentário, é possível sugerir que exista uma perspectiva negativa dele em relação à passividade, o que justifica uma parte dos *passivos até a morte* não se assumirem como tal. Outro comentário nesse sentido é o de Daniel que compara o resultado parcial da enquete com a informação da rede social *Manhunt* e afirma que os ativos da Universidade são *fake*, ou seja, falsos. Ele parece defender a versatilidade como característica do homem gay, pois quando afirma “é tudo bife, quando esquenta vira!” generaliza a necessidade de “mudar de posição”. Já Raul diz que falta a alternativa “depende do quanto eu bebi”. De acordo com o tipo de humor das mensagens anteriores, isso pode ser interpretado da seguinte forma: quando as pessoas bebem demais costumam não seguir as mesmas regras morais e fazem coisas que não fariam se estivessem sãos. Portanto, é nessa situação que a pessoa tem uma relação sexual sendo penetrada e depois “justifica” dizendo que a fez porque bebeu demais.

Havia também as respostas que fugiram das alternativas disponíveis, como Fernando que utiliza um termo alternativo “sou vadia” e Guilherme que foge de uma classificação prévia dizendo “prefiro descobrir na hora”. Já sobre o comentário de Bernardo é difícil de interpretar as razões que o levou a ficar ofendido em relação à expressão *Ativaço*. Considerando o próprio debate que acontece, é provável que ele entenda o termo no aumentativo como uma forma dos ativos se projetarem como superiores aos passivos, mas isso é somente uma hipótese. De qualquer forma, fica evidente que existe um desencontro de ideias entre os rapazes. Tanto que Paulo ainda diz: “vamos ser felizes gente, a cama não é lugar de preconceitos”. Como percebe Francisco, não é possível tirar muitas conclusões com a enquete. Samuel, por exemplo, nos conta que mudou seu voto de *Ativaço* para *P.A.M.* como forma de protesto depois de acompanhar a discussão que seguia pela postagem.

As discussões em torno dessas categorias do comportamento sexual foram recorrentes em outros momentos do grupo, mesmo quando não era o tema central. Um grande debate aconteceu em meados de outubro de 2013 quando um membro

do *Cafezinho* no *Facebook* que chamarei de Sávio postou dois *links* da rede social *Tumblr*<sup>51</sup>. O primeiro era de um perfil com o nome *Fuck yeah, man ass* que mantém um acervo de fotos com uma temática específica: bundas masculinas. Não eram quaisquer bundas, eram fotos de corpos musculosos e atléticos, a maioria de pessoas brancas. Dentre os modelos estavam imagens de esportistas conhecidos, celebridades e atores pornôs. O segundo se chamava *Push my bottoms* que possui um acervo de fotos com nu frontal ou mostrando o ânus. Havia também modelos com cuecas estilizadas como fio dental e *jockstrap*<sup>52</sup>. Como na outra postagem, as fotos eram de homens em sua maioria atléticos, musculosos e brancos. Sávio apresenta os *links* da seguinte forma:

Sávio. (15/10/2013):~NOT SAFE FOR WORK<sup>53</sup>~ Especialmente para os ativos... #bundas [link <http://fuckyeahmanass.tumblr.com/>] (FONTE: postagem no *Facebook* em 02/09/2013).

A postagem reuniu 53 curtidas poucas horas depois de publicada e foi seguida de vários comentários que elogiavam os modelos e suas partes íntimas. Entretanto, apareceram outras mensagens que refletiam sobre o prazer anal e logo surgiram aquelas com perspectivas mais críticas, especialmente em relação aos padrões sociais atribuídos ao passivo. Como sabemos, essa era uma questão que mobilizava os rapazes. Foram 128 comentários em dois dias de conversa e vou transcrever alguns trechos que evidenciam os posicionamentos mais marcantes de alguns deles. As partes em itálicos são minhas, destacando a informação.

André (15/10/2013 23:55h): Reconhecer os atores pornôs logo nas primeiras fotos é uma arte.

Juliano (15/10/2013 23:59h): Especialmente para os ativos. Ativos, como vivem? Onde moram? Do que se alimentam?

André (16/10/2013 00:00h): Do que se alimentam? Nem te conto.

Juliano (16/10/2013 00:01h): "Do que se alimentam?" B-U-N-D-A-S

---

<sup>51</sup> O *tumblr* é uma rede social que funciona como um *blog* para postagens de fotos principalmente.

<sup>52</sup> *Jockstrap* são modelos de cuecas em que a parte traseira da vestimenta é aberta deixando a bunda a mostra, além de não ser necessário tirar a cueca para ser passivo.

<sup>53</sup> Recado que indica não ser seguro abrir a página no trabalho por conta do conteúdo para maiores.

Rennan (16/10/2013 02:00h): Peço licença para defender que não são apenas os ativos que gostam de bundas. Primeiro porque tem gosto pra tudo, não subestimem a capacidade humana. Também porque um corpo bonito chama a atenção de qualquer um. *Que existem ativos e passivos exclusivos não dá para negar, mas em muitos casos o cara se diz ativo simplesmente porque não encontrou um homem que o pegue de jeito na hora do "vamos ver"*. Outra hipótese é de quem não quer este rótulo, mas é a *passivona dentro de quatro paredes*. Ainda, quem sabe por não querer sair da zona de conforto e ter uma nova experiência, a final de contas não são todos que na primeira vez já dão o cú de cabeça para baixo. O mais grave deixei para fim. Faltou precisão terminológica a respeito do que ativos realmente gostam. É isso aqui: <http://osprimitivos.com/primeira-expo-cu-de-paris><sup>54</sup>.

Sávio (16/10/2013 06:19): "Especialmente" é diferente de "exclusivamente", my dear fellow Rennan. Hahahaha.

Luis (16/10/2013 08:24h): Preciso concordar com vc, Rennan. Acho que o que falta pra muitos "ativos" é achar quem tenha pegada que os faça ficar de 4. Segundo boatos minha pegada é boa e converto qualquer ativo. Sem falar que já fui passivo e preciso tirar o chapéu pra quem aguenta levar pirocada no cu e digo: não é fácil! mas é muito prazeroso! HAHA Meu respeito aos Passivos...

Francisco (16/10/2013 08:32): Concordo com o Luis na questão do respeito. Ativo que não respeita a passividade merece uma dp<sup>55</sup> pra aprender a respeitar. Haha

Luis (16/10/2013 08:34): Claro que não foi essa a intenção! Haha, Afinal, quem não curte ver bunda/piroca!? YAY!

Sávio (16/10/2013 08:44): Eu, na real, acho que ninguém me entendeu errado (desta vez!). Haha. Bunda é paixão nacional. Não é exclusividade dos ativos gostar. Só fiz uma "dedicatória" especial aos ativos (ou a qualquer um que faça o papel de ativo ocasionalmente), porque, vamos combinar, a bunda tem muito mais "interesse" pra nós. Haha. Quanto aos passivos... Tiro-lhes meu chapéu (e a roupa toda!), porque, sério, além de tudo, fazer a chuca<sup>56</sup>... É muito amor.

Mario (16/10/2013 09:30): Bunda e tumblr - coisas que tornam a vida de qualquer um mais prazerosa haha

Lauro (16/10/2013 09:38): Será que alguém aqui já parou pra pensar que o desejo sexual é fluido e relativo a uma série de fatores? Às vezes me sinto constrangido quando me perguntam se sou ativo ou passivo, minha resposta quase sempre é: depende. Só que essa resposta nem sempre é bem aceita, talvez porque as pessoas sintam necessidade de conformar suas expectativas. O mais cômico disso tudo é que não raro a pessoa que se rotula PASSIVO/ATIVO "a priori", na hora do vamos-ver, assume o papel oposto (principalmente quando descobrem que seu pinto é maior, kkk...)

[...]

Paulo (16/10/2013 13:36): As pessoas deveriam entender que, perguntar para um gay se ele é ativo ou passivo é uma pergunta tão indiscreta quanto perguntar a cor da roupa íntima que a pessoa está usando. Infelizmente, poucos conseguem entender isso. Uma das minhas melhores amigas teve o bom senso de me perguntar isso só depois de uns seis meses que a gente já se conhecia.

---

<sup>54</sup> O link direciona o leitor para uma seleção de quadros com fotos de ânus em close de uma exposição de arte em Paris.

<sup>55</sup> DP é abreviação de dupla penetração.

<sup>56</sup> Chuca é um tipo de lavagem do reto preparatório para o sexo anal como passivo.

Francisco (16/10/2013 13:46): Que tabu todo em relação a isso. eu parto do princípio que sexo gay deve atrair certa curiosidade, e não fico sem graça se me perguntam como funciona, como eu sou ou do que eu mais gosto. Não devia ser tabu. Mas cada um tem sua limitação né. Por exemplo: em entrevistas ou entre amigos eu não vejo problema o assunto entrar em pauta. Mas claro, eu posso estar sendo vulgar sem ser sexy e nem saber.

Paulo (16/10/2013 13:57): Ah, acho que não é só a pergunta em si. É todo o teor dela: *quando você diz que é ativo, esperam que você se comporte de forma mais masculinizada e heteronormativa. Se você diz que é passivo, todos vão esperar que, mais dia menos dia, você solte a franga.* Ah, eu não tenho problemas de falar de alguns aspectos do sexo gay - mais abrangentes, claro - mas não acho correto alguém que mal me conhece vir querer saber detalhes da minha vida. Acho que, justamente por causa desses estereótipos, alguns gays acabam ficando mais reservados. Na Facul, todos sabem de mim e, na PRIMEIRA semana de aula uma garota que eu MAL SABIA O NOME veio querer saber se eu era ativo ou passivo. Quando eu fiquei sem reação diante da pergunta, ela já soltou "Ah, é passivo!!!", no decorrer do semestre eu logo vi que ela é uma idiota. (FONTE: conversa via do grupo Cafezinho no Facebook).

Recapitulando as informações desse trecho, é interessante começar pela ironia de Juliano, que fala como se os ativos fossem uma "espécie em extinção" quando fala, "onde vivem? onde moram?". Como vimos, essa gozação é comum dentro do meio gay masculino, que considera que os passivos estão em demasiada maioria. Em seguida, aparece a mensagem de Rennan, que traz uma reflexão sobre o pudor relacionado a ser passivo. Para ele, uma parte dos homossexuais se diz ativo unicamente por não se permitir experimentar o prazer anal ou porque faltou um "homem que o pegue de jeito". Outra hipótese é que eles fazem isso escondidos, são as "passivonas entre quatro paredes", mas que não se assumem como tal. Nesse último caso, o problema não é exatamente ser penetrado, mas esconder esse desejo ou essa prática. Mais uma vez surge aqui a figura do passivo enrustido ou recalçado, motivo de piadas dentro e fora do universo gay.

Nesse sentido temos a mensagem de Lauro, que vai demonstrar seu inconformismo com as categorias debatidas, pois em sua perspectiva a sexualidade é fluida e não parece caber em classificações. Na visão dele, há uma questão cômica sobre isso quando diz que acontece da pessoa se rotular como ativo/passivo, mas na hora do sexo assumir o papel oposto, principalmente quando descobrem o tamanho do pênis. Isso provavelmente tem a ver com um comentário dele em outra conversa no grupo do Facebook em que reclama que quando busca ficar com alguém que se diz ativo, essa pessoa muda de opção por Lauro ter um pênis grande. Outro ponto interessante levantado por ele é que a pergunta sobre a opção sexual tem a ver com a expectativa dos outros sobre a resposta, que esperam

a escolha de uma das opções. Dessa forma, quando Lauro diz “depende” sobre si mesmo, a fala não é compreendida. Acredito que seja esse o motivo dele ficar constrangido, ou seja, a dificuldade de se enquadrar em uma dessas categorias. No caso de Paulo, entretanto, o constrangimento acontece por outra razão. Para ele, essas categorias estão estabelecidas como classificações da homossexualidade, ele mesmo se considera mais passivo inclusive, mas essa informação faz parte da intimidade das pessoas e não se revela para qualquer um. Além disso, a visão de Paulo é aquela mais explícita em identificar o passivo com o comportamento afeminado. Para aquele que se identifica dessa forma, por exemplo, se diz que vai “soltar a franga” em algum momento, pressupondo que todos os passivos escondam uma bicha pintosa dentro de si. Essa interpretação me parece central porque nos revela que os padrões de masculinidade estão enraizados na cultura sexual. Ser ou parecer ser um homossexual ativo, portanto, torna-se um elemento de distinção entre gays. Para utilizar um conceito de Peter Fry (1982), essa lógica se aproxima daquela que ele chama de hierárquica tradicional. Dessa forma, os homossexuais ativos reproduzem uma imagem mais próxima de “homem” enquanto os passivos estão mais próximos de “bicha”. Por isso, muitos gays vão se dizer ativos, pois têm receio de que o rótulo de passivo possa torná-los alvo de piadas, xingamentos e zoações homofóbicas.

O trecho a seguir pertence à mesma postagem e os embates podem ser divididos em dois posicionamentos principais. Por um lado, houveram mensagens que tinham uma visão mais crítica com relação às categorias sexuais que vimos até agora, especialmente sobre quem se considera ativo. Há o entendimento de que essa pessoa precisa rever seus valores sociais em relação ao passivo, bem como suas experiências acerca do prazer anal. Até agora, destacam-se nessa posição Rennan e Lauro. Entretanto, cabe a ressalva de que eles não excluem a possibilidade de que haja algum ativo ou passivo exclusivo. Os dois parecem defender a livre experimentação sexual e de certa forma fazem uma defesa da versatilidade no sexo entre homens. No trecho a seguir essa posição vai ser defendida por outros dois rapazes que não vão considerar a ressalva acima, tratando com ironia aqueles que se classificam com as categorias binárias de forma exclusiva. Em oposição à eles estarão parte dos rapazes que saíam comigo para as baladas, especialmente Francisco, Ariano e Paulo, mas também Samuel e Rafael de forma secundária. Eles defendem um tipo de liberdade em que qualquer identidade

é válida, inclusive as opções exclusivas de uma posição sexual, até porque alguns deles assim se identificam. Sobre os conflitos que se formaram a partir daqui, é importante considerar de antemão que as pessoas não estavam realmente dispostas a concordar uns com os outros e isso impossibilitou que eles se concentrassem nas informações que eram consensuais.

Fernando(16/10/2013 15:00): Ativo x passivo é uma tentativa de igualar o sexo gay ao sexo hétero. Jamais será.

Ariano (16/10/2013 15:15): Ótima foto, ótimo post, porém com alguns comentários desnecessários. Até com a forma como o Sávio usou pra postar tem que implicar minha gente?

Paulo (16/10/2013 15:49): Mas Ariano, até o presente momento, todos estão expondo suas opiniões de forma sadia e educada. Qual o problema disso?

Valdir (16/10/2013 16:36): As discussões nesse grupo são sempre assim: os que se expressam e "não são compreendidos", e os implicantes, os "loucos", exagerados, que enxergam "chifre em cabeça de cavalo". Ninguém merece.

Sávio (16/10/2013 16:36): Só me incomoda que tem pessoas que simplesmente não aceitam que alguém seja só ativo ou só passivo, como se fosse errado/inaceitável não querer experimentar o outro.

Paulo (16/10/2013 18:09): Concordo com o Sávio, gente. Da mesma forma que muitos aqui nunca precisaram comer uma pepeca<sup>57</sup> para saber que não gostam da coisa, um gay não precisa necessariamente comer/dar para saber que é ativo/passivo.

Fernando (16/10/2013 18:24): Sempre que alguém diz ser "só ativo" ou "só passivo" eu penso em duas possibilidades:  
1- *Beesha* recalcada do chat da UOL<sup>58</sup>.

2- *Beesha* juvenil que saiu do armário há pouco tempo.

Paulo (16/10/2013 18:25): pq?

Sávio (16/10/2013 18:42): Pois já eu penso em bicha recalcada quando leio comentários como o seu, Fernando.

Fernando (16/10/2013 18:52): Paulo, porque não conheço UMA passiva que nunca come um boy de vez em quando. E não conheço UMA ativa que não daria se o boy magia pedisse com jeitinho. Existem preferências, com certeza! Mas a sexualidade é fluida, não adianta tratá-la como algo binário.

Joaquim (16/10/2013 18:54): achar que pessoas são extremas, ou 100% ativas ou 100% passivas é tão *ZzZzZzZzZzZzZz*

Sávio (16/10/2013 19:09): Achar que todo gay é e deve ser igual que é, sim, além de um tanto quanto opressor, bem *ZzZzzzzz*. Sério, às vezes, pergunto cadê a diversidade que vocês tanto pregam.

Joaquim (16/10/2013 19:10): Onde está a opressão em não se rotular como só ativo ou só passivo, e fazer o que quiser na vida sexual?

Sávio (16/10/2013 19:12): A opressão está em não aceitar que existam gays diferentes de você, julgando-os e cricando-os, querendo impor-lhes a sua opção "versátil" ou seja lá o que for.

Joaquim (16/10/2013 19:17): HAHAHA Ai olha acho que eu não fui claro suficiente, vou tentar desenhar 100%atv-----  
-----100% pass

O que eu quis dizer é que não existe só esse extremo das linhas, mas todo um campo ligando os extremos.

<sup>57</sup> Sinônimo de vagina.

<sup>58</sup> O *chat do UOL* é um conhecido programa de bate-papo virtual. Foi popular nos anos 2000 com as salas *online* com interação erótica entre homens.

Cada um circula pelo âmbito que quiser dessa linha, defina-se, ou não, como quiser. reveja seu conceito de opressão.

Alias, se for partir da sua dialética, você está impondo que gays tem que se definir quanto a preferência na vida sexual, oprimindo assim quem não liga pra isso e dá e come, faz gouine<sup>59</sup>.

Sávio (16/10/2013 19:26): Nossa, explique-me depois o seu raciocínio porque só não sei de onde tirou essa ideia de que eu disse que se deve definir a preferência, Joaquim.

Francisco (16/10/2013 19:30): NAO, JOAQUIM. Você é versatil, o Sávio é ativo. ACABOU. Ele NAO QUER que você vire um binário, você NAO DEVE obrigar ele a ser um hexadecimal. Ai que inferno. A pessoa não quer dar, deixa, ue! Que preconceito! Cada um sabe suas limitações físicas e psicológicas. Que ditadura da "liberdade sexual" que de livre não tem nada. Que ditadura é essa?

[...]

Ariano (16/10/2013 20:06): Gente, não entendo qual o problema em alguém se rotular como ativo ou passivo? É a preferência da pessoa uéh. E com isso não estou querendo dizer que um ativo pode nunca ter sido passivo ou vice e versa, mas essa escolha, esse rótulo, pode muito bem ter se originado dessa troca [...] E se alguém se diz versátil, é porque realmente não sente problema nenhum em dar, ou comer. Agora, não se incomodem se nem todo mundo consegue ser assim.

Ariano (16/10/2013 20:16) E eu mesmo tendo a minha "preferência individual" de ser passivo, o que para alguns sensacionalistas deveria me fazer apreciar apenas *piroca*<sup>60</sup>, não, também sei apreciar uma bela bunda. É outra "preferência individual". *Afinal, ser gay, apesar da sua posição sexual, é apreciar a beleza masculina como um todo.*

Samuel (16/10/2013 20:35): Sou 95% ativo e vivo feliz assim beijos hahah. E Sávio acredito que seja só ativo porque vivo muito bem sem dar o anus e deus como dói, e acho um saco fazer a chuca e tenho medo de passar cheque<sup>61</sup> haha. (FONTE: conversa via do grupo Cafezinho no Facebook).

O posicionamento de Fernando é um tanto quanto atrevido ao provocar as pessoas que se identificam exclusivamente como passivos ou ativos dizendo que isso é coisa de hetero. Foi ele que já tinha se posicionado como vadia na postagem da enquete de Francisco dizendo que se adapta ao parceiro, mas que prefere o "troca-troca". Já desde esse momento ele demonstrava não se enquadrar nas categorias da sexualidade disponíveis e zoava quem assim o fazia. O curioso é ele dar nomes para os homossexuais que cometem o equívoco de se definir exclusivamente com uma opção sexual. Os termos usados mais uma vez se referem as "bichas", chamadas agora de "recalcadas" e "juvenis". Além disso, a justificativa da sua opinião revela-se uma impressão pessoal, já que ele afirma não conhecer uma só pessoa unicamente ativa ou passiva. Outro que está de acordo com essa visão é Joaquim que ironiza os que se dizem 100% passivos ou ativos como algo

---

<sup>59</sup> Termo atribuído ao sexo sem penetração.

<sup>60</sup> Nome vulgar para pênis.

<sup>61</sup> Passar cheque é uma gíria que significa soltar quantidade significativa de fezes durante a penetração anal.

que dá sono. Ao mesmo tempo, é ele quem chamou os versáteis da enquete de “passivas recalcadas”. Portanto, é de se considerar que os termos usados por ele são debochados demais para que as pessoas pudessem entrar em comum acordo. Até porque esses termos ainda são usados como ofensas homofóbicas em abordagens que acontecem pelo país e todo homossexual que vive dentro do armário foge dessas classificações. Mesmo considerando que nenhum deles era um homem heterossexual que vive em acordo com a lógica patriarcal da sociedade, essas palavras ainda possuem valores ambíguos entre eles. Havia diferentes interpretações dentro do próprio Cafezinho e alguns se sentiram ofendidos e outros não, o que ajuda no desentendimento.

De forma resumida, podemos identificar que Fernando e Joaquim como aqueles que estão inconformados com as categorias da sexualidade operantes. Seus discursos possuem uma visão de desconstrução dessas classificações. O contraponto vai ser feito por Ariano, Francisco, Paulo e Sávio. Na opinião deles, havia uma contradição nesse discurso. Por um lado, a liberdade para poder experimentar o sexo anal passivo e por outro uma imposição de que isso aconteça excluindo a exclusividade erótico/sexual. O primeiro a ficar contrariado é Sávio, que se ofende por ter feito a dedicatória aos ativos, categoria ao qual ele se considera inserido. Portanto, é alvo direto dos deboches que desconfiam da veracidade dessa informação. No caso de Ariano, ele se diz passivo e, como já sabemos, também é afeminado. Em sua explicação de si, a experiência sexual é critério definitivo, pois quando ele diz “já fui ativo em algumas ocasiões e não gostei” não há condições para discordar dele. A ressalva fica por conta dele também gostar de bunda e do corpo masculino como um todo. Além disso, é importante reconhecer que quando ele se identifica como passivo, permite se localizar na hora da paquera de forma que a relação sexual aconteça de acordo com as expectativas dos envolvidos em determinado contexto de pegação. Por isso, é muito difícil que o debate da desconstrução venha a conquistar Ariano ou os outros rapazes, que continuarão a se entender com essa terminologia enquanto outros vão abolir.

Entretanto, é curioso que também surgiram comentários que destacam as dificuldades sobre a prática passiva. Das mensagens que apareceram até agora, destaco a de Samuel, que não gosta de fazer a chuca e diz que tem medo de passar cheque, um sentimento que certamente atrapalha o prazer na hora do sexo. Francisco já disse numa conversa que prefere ser ativo porque é “mais fácil” e das

vezes que foi passivo sentiu muitas dores. Já Luís diz que “tira o chapéu” para os passivos em razão dessa dificuldade. Comentários assim também foram feitos por Sávio. Portanto, é de se supor que haja elementos sociais e particulares que de fato dificultem uma experiência sexual mais satisfatória sendo penetrado. Por isso, vale destacar aqui as mensagens de Horácio e Maurice, que fazem uma reflexão sobre as construções históricas da masculinidade. Eles refletem sobre as hegemonias machistas e os tabus históricos da sodomia.

Horácio (16/10/2013 20:53): HAHAHHA ai, gente, que tabu é esse em relação ao cu de vocês??? pfvr!!! dar o cu é uma delícia! já pararam e refletiram sobre tudo aquilo que nos impede de ter prazer anal? que desde a nossa criação nos ensinam que o cu é lugar proibido, que dele só sai, nele nada entra, que o prazer só é prazer quando tem rola, que só é transa quando penetra, que só vale quando goza, que o centro do prazer nos homens é o pau? esse debate de ativos me parece muito similar ao debate entre os homens heteros, entre aqueles que só querem extrair prazer de algo (algo mesmo, pq cu é buceta são objetificados) em que enfiam suas rolas. diz o freud que quando somos crianças obtemos prazer sobretudo de nossas bocas, nossos dedos, nossos cus e nossas genitálias e a medida em que somos educados, torna-se proibido sentir prazer de lugares diferentes das genitálias. querem que o sexo seja só reprodutivo e se não for reprodutivo então nos fazem reproduzir as mesmas relações sexuais dos dominantes.

[...]

Maurice (16/10/2013 21:12): Gente, O debate é outro. Não se trata de uma disputa de quem gosta de dar ou de comer, se só faz isso ou não, etc. Nossos costumes, gostos, vontades, são todos condicionados por uma sociedade que estabelece determinados padrões, hierarquias de posições sociais, baseadas em estereótipos, imagens melhores e piores, estigmas e afins, que são o que estabelece o hetero como superior ao gay inclusive, ou não? Assim o que incomoda no "orgulho ativo" é o mesmo que incomoda no "orgulho hetero". Por favor: Orgulho de ter um pinto e usá-lo da mesma forma que os homens-machinhos-comuns? Parabéns hein campeão, grande transgressão. Dar o cu é contra-hegemônico, é afirmar um lugar que a maioria dos homens hetero nem perguntou se tem, e se perguntou nunca tocou. Afirmar que tem um cu também, uma bunda, que um dia pode querer dar e curtir, mesmo preferindo substancialmente ser ativo, é um ato de se colocar em outro lugar-social, que não o de dominação da feminilidade na sociedade. Menos machos, mais companheiros-ampletamente-sexualizados! (FONTE: conversa via do grupo Cafezinho no *Facebook*).

Horácio e Maurice recorrem a uma análise sócio-histórica procurando ressaltar como o anus é marginalizado como instrumento de prazer. Os comentários deles apontam para uma direção que problematiza o corpo e o prazer padronizado pela masculinidade hegemônica. Maurice, por exemplo, reconhece o “poder” do prazer anal: “dar o cu é contra-hegemônico, é afirmar um lugar que a maioria dos homens hetero nem perguntou se tem, e se perguntou nunca tocou”. Portanto, percebe o modelo de homem do sistema tradicional hierárquico que limita o prazer

anal. Poderíamos pensar na marginalidade das práticas referente ao sexo anal que ocupa uma posição subalterna, mas também de contravenção.

Os rapazes com quem eu tinha uma proximidade, por sua vez, não estavam familiarizados com essa reflexão e foram desenvolvendo uma resistência com relação ao assunto debatido, que originalmente era sobre bundas masculinas. Para eles, nada justifica questionar ou satirizar a escolha individual de cada um em se identificar com a categoria que bem entender. Portanto, não havia espaço para que os rapazes pudessem entrar em comum acordo e mesmo os comentários de Horácio e Maurice eram chamados de “ditadura da liberdade sexual”. Além disso, esses rapazes entendiam o Cafezinho como um ambiente de diversão e que esses debates quebravam com essa lógica e provocavam conflitos. Por exemplo, Francisco, que vai postar mais adiante da conversa uma mensagem que revela a ruptura entre as opiniões. Para ele, que inclusive criou a enquete sobre preferências sexuais, o problema não são as categorias, mas a hierarquia entre elas, que não deveria existir principalmente entre gays. Ele diz:

Francisco (16/10/2013 21:40): Gente, eu discordo, desculpa. Vocês estão criando essa hierarquia. Atividade e passividade tem que ser somente a preferência na cama, só. Não vejo essa "soberania" ativa. No máximo pros heteros. Aquele irmão mala que zoa por você ter dado a bunda ou o tio que pergunta esperançoso "mas você é o que come, né?" Mas assim... ENTRE os gays? Desculpa, ninguém que eu conheci pessoalmente e conversei do cafezinho tem essa mente limitada. Claro que tem cabeça oca, a gente encontra uns "odeio viadinho, sou ativo, discreto, procuro o mesmo". Mas achei que esse tipo de gente a gente só encontrasse em *app* de pegação. (FONTE: conversa via do grupo Cafezinho no *Facebook* em 16/10/2013).

A perspectiva de igualdade sobre os valores atribuídos a ativos e passivos vai marcar o posicionamento de Francisco, especialmente porque, como já foi dito, ele se considera afeminado e já defendeu o respeito e a igualdade com relação a essa expressão de gênero. Essa interpretação não deixa de ser uma versão do modelo moderno igualitário pensado por Fry (1982), em que as práticas sexuais e as expressões de gênero entre homossexuais são entendidas como socialmente equânimes. Já os *apps* de pegação que Francisco se refere são os aplicativos de redes sociais de relacionamento entre homens. Como já sabemos, esse debate vai aparecer no trabalho de Gilbram Braga (2013) sobre a rede social *Manhunt* e no fato de nesses ambientes alguns usuários restringem os pretendentes a partir de um perfil de masculinidade específico. Por exemplo, o termo “discreto” citado por



Francisco (24/10/2013 17:56): Minha conclusão foi: Ele é passivo e ficou chateado do Samuel também ser e curtir trintões bombados. Ahahahh  
Brian (24/10/2013 17:57): 216, mas os pretinhos são os melhores. Hahaha  
Francisco (24/10/2013 17:58): Ao outro ae: Num universo paralelo em que cor de pele fosse característica mutável, a ÚNICA coisa que eu não mudaria pra ficar com alguém seria a minha cor. Amo demaaaais meu tom de pele. Não sou denunciado se envergonhado, não viro camarão se fico muito tempo na praia, e principalmente me previne de ficar com gente (mais) preconceituosa! Hahahah  
Francisco (24/10/2013 18:02): (Apesar de que tô na dúvida se isso é enquadrado em preconceito velado ou apenas preferência. #confuso)  
Nilson (24/10/2013 18:06): Só gente sem moral e nenhum escrúpulo pra ficar fazendo esse tipo de comentário, parafraseando um amigo meu: "Ai como você é UÓ!". (FONTE: conversa via do grupo Cafezinho no *Facebook* em 24/10/2013).

Os preconceitos anônimos continuaram em outras partes da conversa e evidenciam a discriminação dentro do grupo no *Facebook*. No caso de Francisco, ele chegou a ser chamado de preto macaco mais adiante e o debate ficou bastante pesado. Já André possui um cabelo longo, o que é uma raridade entre homens, justamente por ser um tipo de referência feminina. Ele mesmo já contou que é comum ser confundido com uma mulher, além da cor ruiva do cabelo chamar a atenção das pessoas. A surpresa fica por conta de alguém se sentir incomodada com isso a ponto de na postagem pedir pra ele “parar de close”. Depois dessas postagens, houve uma crescente decepção com o grupo no *Facebook* que vai começar a fazer com que os rapazes revejam sua identificação com o grupo.

Outro ponto de desmobilização aconteceu com as desavenças sobre a permanência de membros no *Facebook* que não pertenciam institucionalmente à UFPR. Alguns foram adicionados logo no início do grupo e interagem nas mais diversas postagens que não geraram conflitos. O caso mais marcante foi o de Douglas, aluno da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Ele costumava se envolver nos comentários das postagens sobre *popzera* e apesar de não se envolver nas principais brigas e ofensas mais pesadas, foi excluído do grupo juntamente com outros quatro rapazes de outras universidades. Um dos moderadores do grupo tomou essa medida após ele realizar uma enquete para solucionar a discussão que acontecia. 34 pessoas optaram por excluir aqueles que não fossem do UFPR e 13 votaram para que eles permanecessem. O grupo que eu conhecia do *Whatsapp* apoiava integralmente a permanência daqueles de fora da Universidade Federal, especialmente porque Douglas era amigo dos rapazes. Além dos membros excluídos, outros abandonaram o grupo deliberadamente pelos constantes

desentendimentos e ofensas discriminatórias. De 330 membros em agosto, 280 permaneciam em novembro de 2013 no grupo do *Facebook*. Francisco oficializou sua saída em janeiro de 2014, mas os outros rapazes que participaram da pesquisa continuaram pelo menos até março de 2014, época em que foi finalizado o trabalho de campo. Nessa época havia poucas postagens sendo feitas, mas no grupo do *Whatsapp* as conversas ainda aconteciam todos os dias. Eles diziam que o *Facebook* tinha “perdido a graça” depois de tantos desentendimentos, mas que os amigos que ele fizeram e com quem ainda interagem vão ficar para sempre.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, gostaria de destacar o fato desta pesquisa se desenvolver a partir da vida noturna em boates gays de uma grande cidade como Curitiba. Como procurei demonstrar ao longo do trabalho, esses são ambientes muito variados e que colocam em movimento indivíduos cujos estilos de vida e sistemas de representação podem ser muito diferentes. E não somente entre os estabelecimentos, que como vimos são pensados de forma hierárquica, mas entre os próprios frequentadores de uma mesma boate. Por outro lado, quando iniciei o trabalho de campo e passei a sair com os interlocutores da pesquisa, considerei que a identificação deles como homossexuais fosse a principal ligação entre os participantes das turmas. A própria formação dos grupos me indicava isso, já que a maioria se considera homossexual e frequenta as baladas da cidade. Havia, é claro, a própria narrativa deles, que se viam como grupos de amigos gays, sendo que no caso do Cafezinho ainda existia a exigência de ser homo ou bissexual para ser adicionado como membro no *Facebook*. Além disso, os grupos mantinham interações reconhecidas por eles como parte desse universo, como o gosto pela *popzera* ou pelo *bate cabelo*. Pelas minhas observações, foi notável o sentimento de empatia criado a partir do reconhecimento que possuem como homossexuais e por viverem em uma sociedade marcada pela homofobia tanto na vida pública quanto, em alguns casos, na vida particular. Por isso, a interação entre eles acontecia em um lugar comum que os permitia estar à vontade uns com os outros. Especialmente nas saídas em grupo, que eram momentos especiais e “fora do armário”.

Além disso, devo salientar que as baladas acontecem em contextos de diversão que possuem elementos típicos dos rituais de lazer, especialmente pelo rompimento com a vida cotidiana em favor da curtição. Esta última, como sabemos, está relacionada à música, à dança, à interação com os amigos e com o público, ao consumo de bebidas alcoólicas e à pegação. Foi dentro desse universo que eu esperava encontrar visões positivas sobre a homossexualidade e de maior liberdade para a vivência gay. E de fato, estando com os participantes da pesquisa pude perceber o potencial das baladas no estabelecimento de vínculos afetivos e na promoção de experiências significativas, muito importantes para os dois grupos que acompanhei pela etnografia.

Porém, isso não exclui completamente a percepção de que ser gay é algo diferente no meio social mais amplo e comumente está associado a marginalidade típicas das sociedades majoritariamente heteronormativas. Por exemplo, está presente entre os grupos pesquisados a noção de que a homossexualidade é um fenômeno da biologia, loteria da combinação genética e que, portanto, é algo que nasce com o indivíduo. Essa é uma visão popular nos grupos porque a impressão que temos é que desde os primeiros desejos homoeróticos identificados com esses termos, as pessoas percebem a necessidade de esconder isso dos outros e, às vezes, de si mesmo. Por isso, esse discurso combina demais com a visão de que a homossexualidade é uma fatalidade do destino sendo que gays, lésbicas e bissexuais possuem uma condição natural imposta pela vida. Como podemos perceber essa não deixa de ser uma perspectiva negativa interiorizada, porque considera que a homossexualidade como um azar. Não é nada confortável chegar a essa conclusão. Por consequência, no processo de aceitação de si como gay e de criação de uma imagem positiva de si mesmo pode estar associada a uma gama de elementos de distinção.

O principal mecanismo identificado como produtor dessas distinções sociais e que se tornou o grande objeto de estudo dessa etnografia foi a masculinidade. A literatura sobre o tema que resgatei nessa dissertação já apontava que a masculinidade faz parte de um sistema social de poder, que reprime alguns comportamentos e autoriza outros. Não se trata, nesse caso, de dizer que as pessoas possam ter algum tipo de controle sobre o desejo erótico, mas que as interpretações sobre os homossexuais serão comparadas aos valores atribuídos ao masculino, principalmente na aversão à expressão de gênero afeminada. O trabalho atenta que as interpretações construídas acerca da sexualidade orientam os valores sociais atribuídos a homossexualidade. Em outras palavras, nos discursos e ações dos envolvidos na pesquisa, é o sentido desse valor social que importa. É isso que vai fazer esses rapazes se vestirem de determinada forma, que atribuam valores aos seus trejeitos e aos trejeitos dos outros, que escolham criteriosamente onde frequentar e com quem se encontrar e com quem se relacionar, etc. Mesmo as diferenças apontadas no interior da homossexualidade, como as opções sexuais entre *passivos* e *ativos* e grande variação de expressões de gênero entre machos e do afeminados, ao invés consolidar uma percepção constantemente diversa da homossexuais, era usada como elemento de diferenciação.

Mesmo assim, foi muito significativo perceber que ao acompanhar os grupos havia momentos que serviam como uma via de escape desses padrões de masculinidade. Dessa forma, as turmas conseguiam criar momentos especiais para se livrar da *machonormatividade* ainda que por um período determinado. Por isso era especial curtir a *popzera* com os amigos do Cafezinho ou o transformismo na casa de Brigitte com o pessoal de São José dos Pinhais. Foram contextos produzidos pela relação das turmas e que projetam um ambiente seguro para essas formas alternativas de brincadeira. Vale lembrar que se trata de grupos jovens e estão sempre descobrindo novas relações nos ambientes que frequentam.

Por fim, quero ressaltar que as dificuldades de “ser gay” sentida pelos participantes da pesquisa, ainda estão intimamente associadas com as dificuldades de ser afeminado. Por isso, a noção de orgulho LGBT que não leva em conta a legitimidade da bicha e do viado está muito longe de romper com as visões heteronormativas. Ao negar o afeminado, essas pessoas mantêm as diferenças baseadas em hierarquias de gênero e de sexualidade e perde-se a oportunidade de contestar com profundidade os modelos estabelecidos de dominação social. Além de identificar a reprodução da diferença através da masculinidade, é preciso ressaltar a necessidade de resistência a essas normas, para que num futuro próximo possamos construir uma imagem afeminada livre dos mecanismos opressores de regulação dos corpos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABREU, Carolina. **Experiência Rave: entre o espetáculo e o ritual**. São Paulo, PPGAS/USP. Tese de doutorado em Antropologia Social, 2011.
- ADELMAN, Mirian. “Teoria social e discursos sociológicos do ‘pós-68’”. In: **A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.
- \_\_\_\_\_. “O gênero na construção da subjetividade: entendendo a ‘diferença’ em tempos pós-modernos” In: **Gênero Plural**. Curitiba: Editora UFPR. 2002.
- AGIER, Michel. 2001. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 7, nº 2, p. 7-33, Outubro 2001.
- BENÍTEZ, María Elvira. “Dark room aqui: um ritual de escuridão e silêncio” In: **Cadernos de Campo** 16, 2007, p. 93-112. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008.
- BRAGA. “**Não sou e nem curto**” – prazer e conflito no universo homoerótico virtual. IFCS, Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado em Sociologia e Antropologia, 2013.
- BRAZ, Camilo. 2007. “Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo”. In: **Cadernos Pagu** nº.28 Campinas. 2007.
- CORRÊA, Mariza. “Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal”. In: **Cadernos Pagu**. nº 16. Campinas. 2001.
- DINES, Yara. “Rua augusta – Imaginários urbanos em diálogo”. Ponto Urbe 9, 2011. Disponível em: <http://www.pontourbe.net/edicao9-etnograficas/207-rua-augusta-imaginarios-urbanos-em-dialogo>.
- ESMAEL, Oliveira. **Nas fronteiras da sexualidade: uma análise sobre os processos de construção e apropriação do espaço em boates GLS do centro da cidade de Manaus**. Manaus: Dissertação de mestrado em Antropologia Social. UFAM, 2009.

EUGÊNIO, Fernanda. 2008. "Contemporâneo Noctambulismo. Ocupação urbana e fruição juvenil nas cenas eletrônicas cariocas". In: **Revista Nuestra América**, nº5, p. 53-86. 2008.

FACCHINI, Regina. "**Sopa de letrinhas**"? **Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Clam: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. "Entre compassos e descompassos: um olhar para o 'campo' e para a 'arena' do movimento LGBT brasileiro". **Bagoas**: Revista de Estudos Gays, v. 3, n. 4, p. 131- 158, jan./jun. 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 1988.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

\_\_\_\_\_. "Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo". **Horizontes antropológicos** 28, 2007: 289-311. 2007.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 1985.

\_\_\_\_\_. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver**. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GROSSI, Miriam Pillar. "Identidade de Gênero e Sexualidade". **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998.

HENNING, Carlos Eduardo. **As diferenças na diferença**: Hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. Dissertação (mestrado em antropologia social) Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. 2008.

KILLICK, Andrew. The penetrating intellect: on being white, straight, and male in Korea. In KULLICK, Don & WILLSON, Margareth. (ed.) **Taboo**: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. London: Routledge, 1995.

KULLICK, Don. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. In: KULLICK, Don & WILLSON, Margareth. (eds.) **Taboo**: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. London:Routledge, 1995.

MAGNANI, José Guilherme. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, Jose Guilherme e TORRES, Lilian (org.) **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EdUSP. p. 12-53. 2008.

\_\_\_\_\_. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Terceiro Nome. 2012.

MISKOLCI, Richard. “**A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**”. *Sociologias*, nº21, p. 150-182. 2009.

\_\_\_\_\_. A gramática do Armário: Notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: **XXX International Congresso of LASA**, San Francisco. LASA 2012 Congress Paper Archive. Pittsburg: LASA, v. 1. p. 1-25. 2012.

PALOMINO, Erika. **Babado Forte: moda, música e noite na virada do século XXI**. São Paulo: Mandarin. 1999.

PARK, Robert. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano”. In: Velho, Gilberto (org). **O fenômeno urbano**, Rio de Janeiro, Zahar. 1973.

PARKER, Richard. Teorias de mudança comportamental e intervenção frente ao HIV/AIDS. In: PARKER, Richard. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção e política**. Rio de Janeiro: ABIA: Editora 34, p. 89-93. 2000.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Richard Parker. **Horizontes antropológicos**. vol.8, n.17, p. 253-262. 2002.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do Michê: a prostituição viril**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

PRECIADO, Beatriz. Multidões Queer: notas para uma política dos ‘anormais’. **Revista de Estudos Feministas**, v. 19, nº 1, p. 11-20. 2011.

REIS, Ramon Pereira. “Encontros e desencontros: uma etnografia das relações entre gays em boates GLS de Belém, Pará”. *Ponto Urbe* 10, julho de 2012. Disponível em: <http://www.pontourbe.net/edicao10-artigos/243-encontros-e-desencontros-uma-etnografia-das-relacoes-entre-gays-em-boates-gls-de-belem-para>.

ROJO, Luiz Fernando. Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. **Cadernos de Campo**, v. 12, n. 12, p. 41-56, mar. 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna; 1987.

STRATHERN, Marilyn, “No limite de uma certa linguagem”. **Mana** [online]. vol.5, n.2, p. 157-175. 1999.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes. 1974.

VALE DE ALMEIDA, Miguél. “Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal”. In: **Anuário Antropológico**, nº 95. p. 161-190. 1996.

VELHO, Gilberto. **Nobres e anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as drags**: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2002..

## ANEXO 1 – PEDIDO DE USO DAS POSTAGENS DO CAFEZINHO NO FACEBOOK

Alexandre/pesquisador ( Postagem em 02/03/2014):“Olá Pessoal. Algumas pessoas daqui já sabem, mas eu sou mestrando em Antropologia pela UFPR. Realizo desde o ano passado uma pesquisa sobre homoafetividades em Curitiba principalmente relacionadas ao lazer gay. Fiz pesquisas em boates da cidade e conheci vários lugares interessantes. Mas minha pesquisa se preocupa especialmente sobre a os valores atribuídos a noção de ser gay assumido. Como acompanho o Cafezinho desde o início, eu estava por dentro de algumas discussões do grupo que aconteceram alguns meses atrás, algumas até ocasionaram conflitos, infelizmente. Essas discussões ainda estão disponíveis no grupo e são de acesso somente dos membros do Cafezinho. Gostaria de saber se posso utilizar algumas dessas postagens, pois há várias mensagens interessantes para pensar as questão de campo. Isso me ajudaria muito a pensar sobre o material de campo que consegui elaborar até aqui. De algumas pessoas eu já tenho essa autorização, mas como são muitas mensagens e resolvi postar esse pedido a vocês. Ressalto que TODOS terão os nomes modificados e as postagens que facilitam a identificação de qualquer um de nós não será utilizada. Dessa forma fica sendo impossível qualquer um que não pertença ao Cafezinho possa nos reconhecer. Esse é um compromisso que assumo com todos vocês, até porque a intenção não é expor nenhum de nós.Por fim, gostaria de saber então a opinião de vocês e se alguém concordar ou discordar, por favor se manifeste. Respeitarei com muita compreensão a opinião de vocês.

Um bj pras *cafeinadas*”.

### Comentários:

N (02/03/2014 11:40): Alexandre, to contigo! Mas nesse caso, como o grupo é grande creio que ficaria mais fácil abrir uma enquete para poderes ter acesso a esse material. Abriria um período para a votação e conseqüentemente o resultado. Boa sorte migs! [amigo]

Alexandre/pesquisador (02/03/2014 11:40): Ótima sugestão N. Vou criar uma enquete e assim podemos discutir melhor essas questões.

L\_H (02/03/2014 12:09): Quero meu nome científico sendo "Stephanya", obrigado! Haha! Tb não vejo problemas, boa sorte com sua pesquisa!

R M (02/03/2014 12:14): Eu apoio e acho que tem que ter votação, sim. Além de apoiar para coletar os dados aqui, eu me disponho para entrevista

E M (02/03/2014 12:15): #chateado por perder os barracos do cafezinho

R M (02/03/2014 12:18): A gente pode começar um agora!

E M (02/03/2014 12:19): VEM PRA CIMA REKALKADA -q. VAI SER CHOQUE DE MONSTRO, MEU AMOR (SANTRELLY, R., 2012). [Sandrelly é uma *drag queen* que participou de um concurso no programa na rede televisiva TV Diário, do Ceará. Os vídeos desse concurso estão todos disponíveis no *youtube* e alguns foram compartilhados no grupo. Algumas falas de Santrelly são utilizadas como bordões]

Alexandre/pesquisador (02/03/2014 12:34): Valeu Gente. Mto bom isso. Agora assim, serão somente algumas postagens que serão utilizadas na pesquisa, sendo que as opiniões não poderão ser identificadas no grupo. De qualquer forma, sugestões de codinomes são bem vindas (apesar que não sei se realmente poderei utilizá-las).

Alexandre/pesquisador (02/03/2014 12:37): R M, Já realizei algumas entrevistas e o encerramento do projeto já está próximo. Mas certamente continuarei com essa temática de (homo)sexualidade por muito tempo da minha vida acadêmica. Não faltarão oportunidades para uma "análise mais profunda" Uiuiui.

Alexandre/pesquisador (02/03/2014 12:38): Já o barraco entre R M e E M eu vou acompanhar por diversão mesmo.. kkkkk

E M (02/03/2014 12:39): Vou incarnar a bicha barraqueira. Me aguardem

R M (02/03/2014 12:40): Ainda bem que no positivismo a análise se faz em um tempo depois da coleta e eu pretendo fornecer dados para coleta

E M (02/03/2014 12:41): "Análise mais profunda" hmhmhmhm. Kkkkk

Alexandre/pesquisador (02/03/2014 12:45): Uma salva de palmas para a coleta de dados gente!!

E M (02/03/2014 15:00): #AcaboOBarraco awww

R M (02/03/2014 15:00): ai gente. não acredito que apagaram. tava divertido

E M (02/03/2014 15:01): Né! Kkkk acho que alguém achou q aquilo era pra valer kkkk. Só pq ia começar a Pão-com-Ovice

D (02/03/2014 15:25): Por mim, pode sim! sdds barracos ahahahah

E M (02/10/2014 15:27):\_A gente fez, mas alguém apagou :c

N (02/03/2014 16:35): SHANGALO, é com você!

P (02/03/2014 17:57): Por mim tudo bem, mas acredito que abrir uma enquete seria algo mais justo.

D. (02/03/2014 18:07): Já tem enquete, P!

P. (02/03/2014 16:08): Obrigado querido, sou meio cegueta, hahahaha.

Alexandre/pesquisador (02/03/2014 16:10): Ai gente. Que lindo. Valeu mesmo pela compreensão.

## ANEXO 2 – ENQUETE PARA USO DAS POSTAGENS DO CAFEZINHO NO FACEBOOK

Alexandre/pesquisador (02/03/2014): “E ai pessoal. Continuando minha postagem sobre a pesquisa no Cafezinho, essa enquete busca levantar aqueles que apoiam, ou não, o acesso a parte do material postado no grupo. Ressalto que a pesquisa não vai identificar ninguém e que o intuito é puramente acadêmico. Ajuda azamigue gente. A pergunta é: posso utilizar algumas postagens e comentários que foram postados no grupo para fins acadêmicos?”

Comentários:

E B. (02/03/2014 20:56): [#ajudaazamigueantropóloga](#)

E V. (03/03/2014 15:35): Estive no início do grupo e durante um tempo e voltei recentemente, não há nada que eu tenha expressado (ou, muito pouco), então, imagino que não deva me posicionar na enquete.

Alexandre/pesquisador (03/03/2014 18:00): E B., Ajuda gente Brasil!!.. Posicione-se sim E V., É sempre bom quando podemos participar dessas discussões.

[Resultado em 05/02/2014]: 23 Pessoas para *Sim, sem problemas*; nenhuma para *Não sei/indiferente* e nenhuma para *Não, não quero participar disso*].